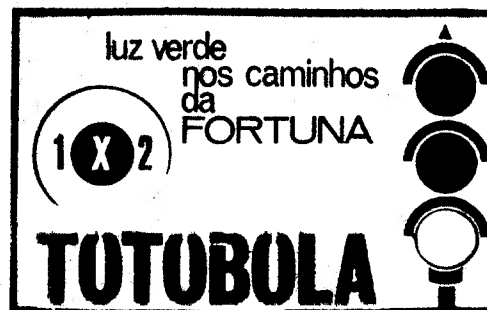


Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
SEXTA-FEIRA, 6 DE FEVEREIRO DE 1970 N.º 16 929 ANO 49.º PREÇO 1\$50



Surpresa no Carnaval

BAIXOU O PREÇO DO PEIXE



Euforia nos mercados: muito peixe — e mais barato!

O PEIXE está mais barato! a repercussão de tal facto no humor das vendedeiras e na bolsa das donas de casa notava-se hoje de manhã no Mercado de 24 Julho. Após um período de ambiente surdo e frequência diminuta, os mercados animaram-se.

As vendedeiras lançavam, hoje alegremente os seus pregões. As donas de casa faziam ajuntamentos à volta das bancas de peixe. Voltou a fartura. Baixou o preço do peixe. Há de novo capacidade de compra. o peixe poderá voltar à mesa de todos!

— O linguado, há dois meses estava a noventa escudos — disse-nos, no Mercado 24 de Julho, a vendeira Maria José Trindade. E prosseguiu: — Agora está a trinta e oito! Do lado, acrescentou o sr. Casário Trindade, filho da vendeira e que a ajudava na venda: — E o goraz estava a trinta e trinta e cinco e hoje a dezasseis e quinze escudos! Na generalidade, o peixe baixou todo de preço — menos os mariscos —, mas estas são as baixas mais sensíveis

que se verificaram na descida do preço do peixe. Volveu a sr.^a Maria José Trindade: — O preço baixou porque tem havido muita quantidade. O mau tempo também tinha influência na careza do peixe. Olhe que às vezes vendia a perder dinheiro! — E agora? — Agora — disse do lado outra vendeira, de nome Maria José Ruella, tem facilidade em ganhar mais. Quando o peixe está barato ven-

de-se mais do que quando está caro.

«O peixe devia estar ainda mais barato»

A melhoria do tempo parece, na verdade, ser a causa principal da descida do preço do peixe. As frotas de pesca passaram a ter melhores condições para a sua actividade e, nos últimos dias, aumentou consideravelmente a quantidade do peixe pescado.

(Continua na página central)

Inédito na história do Corporativismo

UM DIRIGENTE SINDICAL E UM DIRIGENTE GREMIAL EMPATADOS PARA A PRESIDÊNCIA DE UMA CORPORAÇÃO

PELA PRIMEIRA VEZ na história do Corporativismo português, surge a possibilidade de um representante do trabalho, um dirigente sindical, ser eleito presidente de uma Corporação. É um facto novo, pois até aqui, desde que as Corporações existem, sempre têm sido eleitos para as respectivas presidências do patronato, isto é, dirigentes gremiais, apesar de haver paridade entre os representantes do capital e do trabalho. O que sucedia é que sempre os representantes de ambas as partes subentendiam que o cargo pertencesse a um dirigente gremial, embora nada no respectivo regimento o estabelecesse formalmente.

(Continua na 12.ª página)



O Largo D. Estefânia e o Saldanha foram já esta manhã invadidos por foliões apressados em festejar os dias de Carnaval que se aproximam. Na página central conta-se como foi.

O TABACO PROVOCA CANCRO PULMONAR

— conclui-se de experiências efectuadas nos EUA

NOVA YORK, 6. — (R.) Cientistas americanos afirmam ter descoberto uma relação directa de causa e efeito entre o fumo de cigarros e as doen-

ças pulmonares, incluindo o cancro, após ensaios feitos em cães.

O relatório que se julga ser o primeiro no seu género, foi publicado pela so-

ciiedade americana de Oncologia, a seguir a experiências feitas em 94 cães por dois médicos, os drs. E. Culyler Hammond, daquela sociedade, e Oscar Auer-

bach, do hospital da administração dos antigos combatentes, em East Orange, Nova Jersey.

(Continua na 9.ª página)

NASSER AMEAÇA DEMITIR-SE

(PÁGINA 9)

HOJE 32 PÁG. — VISADO PELA CENSURA



A recepção das cadernetas fez acorrer ontem muitos interessados ao «stand» Gazcidla da Avenida Miguel Bombarda

«ÁLBUM DE LISBOA»

Alguns milhares de concorrentes entregaram já as suas cadernetas

NOS «STANDS», Gazcidla espalhados pelas várias zonas da cidade, para comodidade dos concorrentes residentes na capital, tem vindo a realizar-se a recepção de cadernetas do nosso concurso «Álbum de Lisboa». Até agora, alguns milhares de pessoas já entregaram as suas cadernetas, recebendo o boletim numerado que as habilitará ao sorteio de magníficos prémios, totalizando mais de trezentos contos. Salientemos que os concorrentes do «Álbum de Lisboa» poderão conquistar um confortável apartamento mobiliado, num dos blocos de prédios já construídos pela Realtime em Miraflores, a cidade panorâmica; um excelente automó-

vel «Toyota», modelo «Corolla 110»; e um dos cinco televisores «Siemens», entre os quais se encontra o já famoso modelo «Estoril», homenagem da Siemens ao nosso País, além de outros utilíssimos artigos da sua linha de electrodomésticos e de álbuns com peças clássicas de alguns dos mais famosos autores, em interpretações de grandes orquestras e em gravações Philips.

A recepção de cadernetas prosseguirá hoje no «stand» Gazcidla de Alvalade, seguindo-se amanhã, sábado, o da Avenida 24 de Julho, 94-A, e, depois, em face do domingo e do feriado de terça-feira, a ordem de recepção será a seguinte:

correspondência relativa ao concurso deve ser remetida para os nossos serviços da Rua Castilho, 185, 1.º — Lisboa-1.

STANDS GAZCIDLA

Localização e datas da recepção de cadernetas

FEVEREIRO

- 7 — Avenida 24 de Julho, 94-A
- 9 — Rua do Alecrim, 77
- 11 — Praça Marquês de Pombal, 1
- 12 — Largo do Calvário, 12-0 — ALCANTARA
- 13 — Largo Mendonça e Costa, 9-C — ARROIOS

A recepção pelo Correio

Continuamos a receber pelo correio as cadernetas dos concorrentes da província. Recordamos que cada caderneta enviada deve ser franquiada com selos

de 2800, para evitar multas e consequentes demoras na resposta. Os concorrentes que pretenderem receber o boletim numerado, devem juntar mais um selo de 1800. Toda a

Cofres de aluguer

Av. República, 3

BANCO DO ALENTEJO

PRÉDIO

AMADORA

Construção em cimento armado, com cerca de 7 anos, composto de 4 pisos, 8 inv., hab. de 3/4 div., soalhas, cozinha, casa de banho, despensa, marquise e hall.

Rendimento — 70.200\$00 — alugado com rendas baixas.

Preço — 1.200.000\$00.

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rossio, 3-2.º — Telefones 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

ora diga-nos...

— Vai divertir-se neste Carnaval?

São dias fixados anualmente para a alegria, para a diversão. Quatro dias de folia, mais ou menos discreta, mais ou menos convenientes (entre nós, que somos um povo de hábitos simples e costumes inevitavelmente morigerados), Noutras paragens, porém (Munique, Rio de Janeiro), o Carnaval é de gritos... E o leitor também vai divertir-se?

● — Ainda nem pensei nisso. Costumamos resolver mesmo na altura. Ainda não temos nada planejado.

E com um «certo sorriso»:

— Sabe, o meu marido trabalha no «Diário de Lisboa», tem uma vida muito ocupada...

A entrevistada chama-se D. Maria Gomes Zambujal e é professora.



ver se lá poderei dar uma saltada, nem que seja só para uma vista de olhos.

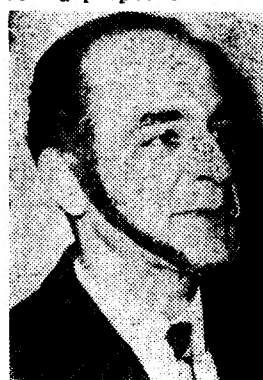
● Outros, por fim, o padre João Perestrelo, prior de Loures, que esteve no Brasil (onde o Carnaval é Carnaval, mesmo), e nos disse:

— É pouco provável. Não costumo divertir-me em períodos programados, mas sim quando vem a propósito.

● O sr. António Lourenço Castanho, electricista, não terá grande divertimento neste Carnaval:

— Não vou divertir-me. Tenho de trabalhar. Mesmo no dia de Carnaval?

— Sim, mesmo nesse dia tem de ser. Mas no meu bairro (o Bairro da Serafina) há festa, organizada pela juventude da paróquia. Vamos a



DE ONTEM PARA HOJE

PROCESSO INFLACIONISTA E PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Ao falar ontem na assembleia geral do Banco da Agricultura o sr. Manuel da Cruz Filipe, presidente do conselho de administração, acentuou que, «a par de sintomas concretos de um processo inflacionista, traduzidos no aumento dos índices dos preços, se notou (em 1969) uma evolução favorável de produção industrial, algum aumento nas exportações e importações e um auxílio persistente ao mercado monetário nacional do turismo e da emigração, tendo permitido esperar que persista o saldo positivo da balança de pagamentos: não se verificaram ainda, porém, efeitos suficientes na dinamização de novos investimentos, e a agricultura continua a suportar custosamente a sua grave crise». Disse depois que, no ano passado, os resultados do exercício do banco ascenderam a 16 600 contos, com a remuneração de 6 por cento para o capital social. E acrescentou: «Estes resultados são o fruto de uma evolução que melhor se asinala comparando os números relevantes nos últimos 5 anos. Neste período o activo — com exclusão das contas de ordem — subiu em 269 por cento; as operações de crédito em 326 por cento; a carteira de títulos, promissórias e participações financeiras em 304 por cento; e os depósitos no Banco em 325 por cento. O total das receitas aumentou em 321 por cento. Estes números são base segura da confiança do público e também da nossa confiança no futuro.» A assembleia geral, que aprovou os documentos que lhe foram apresentados, com votos de louvor para o conselho de administração e fiscal, presidiu o dr. João Garcia Nunes Mexia. Foram depois reeleitos para a mesa da assembleia geral os srs. dr. João Garcia Nunes Mexia e eng.º Vasco Maria Eugénio de Almeida, e eleitos os srs. dr. Eugénio Manuel Minotti da Cruz Filipe, eng.º João Gomes de Almeida Resende, dr. Julio Augusto Mirabeau da Cruz e D. Nuno de Sousa Coutinho de Mendia, e reconduzidos todos os membros do conselho de administração, srs. dr. Alfredo Maria Cunha, eng.º António Correia de Sampaio Castelo Branco, dr. José António Colares Pereira Fernandes Soares, Manuel da Cruz Filipe, prof. Manuel Gonçalves Cavaleiro de Ferreira e prof. eng.º Rafael Termes Carrero e eleito para a vaga existente o sr. dr. Paulo Melero Sendim. Para o conselho fiscal foi reeleita a Companhia Alentejana de Seguros Pátria e eleitos os srs. eng.ºs António Resende Valadas Fernandes, Fernando José Salema Garção e Francisco José Nogueira Lopes Pereira.

«ÉTICA DA INFORMAÇÃO»

No Rotary Clube de Lisboa Oeste falou ontem o nosso colega de Imprensa dr. J. M. Boavida-Portugal sobre a «ética da informação». Aquelle jornalista acentuou: «Numa sociedade equilibrada e sã tal como numa família de boa estrutura e de relações perfeitas, nem

haveria que falar em diálogo. Porque elle existiria e funcionaria sem que fosse necessário mencioná-lo. O campo ideal do equilíbrio é, portanto, o entendimento e, porém, e apenas, uma imagem filosófica. Surge, assim, a necessidade de aludir ao diálogo, de institucionalizar o diálogo

como síntese de opiniões em confronto estruturadas de forma a impedir o antagonismo, a irredutibilidade. Haverá o contraditório, o opo-

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS

Na Academia das Ciências de Lisboa foi ontem apresentada uma comunicação do acadêmico correspondente brasileiro Leopoldo Natchin sobre tipos de holomorfia relativos a espaços de Banach. Na sessão plenária, que se seguiu, foram nomeadas as comissões de exame das obras concorrentes aos prémios académicos de 1969.

I SALÃO DE FOTOGRAFIA

No Palácio Foz foi ontem inaugurado pelo secretário de Estado da Informação e Turismo o I Salão de Fotografias sobre Lisboa. Foi o salão promovido pelo director-geral da Cultura Popular e Espectáculos e pelas Edições Excelsior. Destinam-se as fotografias ao álbum editado por esta última empresa sobre «Lisboa no passado e no presente».

DR. LIMA FALEIRO

Tomou posse do cargo de director clínico, dos Serviços Médicos e de Enfermagem, da Junta de Freguesia de São João de Deus, criado em 1962 e instalado na Avenida Oscar Monteiro Torres, 18-A (e que relevantes serviços tem prestado aos respectivos paroquianos), o sr. dr. Luís António de Lima Faleiro.

DOIS IRMÃOS MORTOS

La no sentido de Pegões e chegara ao lugar dos Afonsos, um automóvel guiado pelo sr. Domingos António da Rocha Janica, de 32 anos, casado, levando a seu lado o irmão, sr. Manuel Domingos da Rocha Janica, de 38 anos, solteiro, ambos industriais de mármore de Montelavar. O carro derrapou em plena recta e foi chocar de frente com uma camioneta. O condutor foi cusplido pela porta, enquanto o corpo do irmão ficou no meio dos destroços.

A SOMBRA PRINCIPAL

O sr. ministro da Defesa Nacional visitou ontem o quartel general da 3.ª Região Militar, em Évora, acentuando que «a sombra principal reside na fraca concorrência à Academia Militar, ultimamente verificada». E depois: «Leis que estão par a sair devem melhorar este aspecto do recrutamento do quadro permanente, que é a base do Exército. Estamos empenhados em o conseguir».

IMPRESSÕES DOS ESTADOS UNIDOS—X

MOBILIDADE GEOGRÁFICA E AGREGADO FAMILIAR

por A. H. de Oliveira Marques

Uma das coisas que muito impressiona nos Estados Unidos é a frequente mobilidade geográfica dos seus habitantes. Exceptuadas certas pequenas áreas, na Nova Inglaterra e em alguns Estados do Sul, onde o arraigamento ao lugar onde se nasceu continua a subsistir à maneira europeia (embora cada vez menos), uma característica geral dos Americanos é mudarem-se com frequência, não só de casa para casa, mas sobretudo de Estado para Estado.

Este desarraigamento inicia-se em geral com a adolescência. Ao concluir os estudos secundários, o Americano — há pouco só os rapazes, hoje também as raparigas — matricula-se numa universidade localizada fora da cidade onde vivem seus pais. Este facto nada tem a ver com a existência ou a inexistência de escolas superiores na cidade onde vivia. Pode até funcionar na sua cidade a melhor escola do País, que ele escolhe outra quase de certeza. Conheci por exemplo o filho de um professor catedrático de Yale (a segunda universidade dos Estados Unidos) que, ao terminar o liceu, se foi matricular em Princeton, distante 250 kms., sem sequer lhe passar pela cabeça ficar na escola da sua terra. O objectivo consciente está em adquirir independência, viver por si próprio, fora dos laços paternos e do ambiente caseiro.

Nessa universidade eleita, o estudante passa uns quatro anos, residindo num dormitório escolar ou, se os meios de fortuna lho permittem, num apartamento alugado, com um ou vários colegas, em estilo «república» colmbrá. Concluído o curso, e se resolve continuar a estudar e «doutorar-se», muda novamente da universidade, onde estaciona por mais três ou quatro anos.

Terminado de vez o período de estudos, busca então um emprego, raríssimas vezes lhe sendo dado (ainda que o queira) permanecer na última cidade em que residiu. Muda-se pois pela terceira vez e começa a sua carreira profissional num Estado que pode situar-se no extremo oposto dos Estados Unidos.

Depois casa-se — uma quase obrigatoriedade no sistema social americano, independente do seu interesse pelo matrimónio — e estabelece o seu primeiro lar alguns durante um número de anos. Em certas profissões, como a de medicina na fase de estágio, pode ter de mudar-se todos os anos, de hospital para hospital, com a mulher e os possíveis filhos às costas. Mas embora se estabeleça um tanto mais, não o julgamos preso à sua nova residência até à idade da reforma. Muito longe disso! Numa vida profissional de trinta anos, pode mudar-se — para conseguir melhor emprego, por imposição da casa onde trabalha, ou simplesmente por estar farto do sítio onde vive — três, quatro, meia dúzia de vezes ou mais.

Quando se reforma, en-

tre os sessenta e os setenta anos, nem por isso se estabiliza definitivamente. Tera por certo um desejo maior de permanecer mais tempo em terra que lhe agrada — e são frequentíssimos, assim, os casais reformados que escolhem o local onde vão passar a viver — mas são numerosos os casos de mudança de residência de indivíduos idosos, por qualquer pretexto (clima, ruído, vizinhança, amizades) que se nos afiguraria pueril. E assim pode vir a morrer a 2000 ou 4000 km do sítio onde nasceu, sem aquelas saudades especiais que o arraigamento impõe, tendo conhecido uma dúzia de casas em cidades e Estados diversos, com paisagens, tradições e climas completamente variados.

As consequências que esta mobilidade geográfica traz são imensas. O Americano conhece uma infinidade de pessoas mas tem dificuldade em criar amizades sólidas e duradouras, geralmente fruto do tempo e da comunidade de residência num mesmo local. Os seus melhores «amigos» remontam quase sempre aos tempos de escola mas situam-se muito mais ao nível das recordações passadas do que no plano das vivências presentes. Dessa facilidade em travar conhecimentos novos vem-lhe um jeito especial de conviver seja com quem for a um nível superficial e informal. Ao longo da sua vida, o Americano vai passando de party para party, onde aperta a mão de pessoas que vê pela primeira vez, a quem diz e de quem ouve as mesmas banalidades inuteis, um pouco avivadas pelos tragos do whisky ou do gin.

Por outro lado, uma tal mobilidade dificilmente suscita bairrismos exacerbados, localismos tradicionalistas, muito embora enquadre um nacionalismo ferrenho. O Americano ha-

bitou-se a criar, no vasto espaço que o seu país lhe proporciona, uma identidade tão grande de costumes e de gostos, que mal tolera a existência de coisas diferentes. Parvao da Califórnia para a Flórida, quer encontrar, e encontra, o mesmo estilo de vida, as mesmas lojas e armazéns, as mesmas comidas, as mesmas igrejas e os mesmos clubes sociais. Um hamburger comido em Boston sabe precisamente ao mesmo que um hamburger comido em Miami. O padrão de casaco comprado numa loja de Nova Iorque tem todas as probabilidades de ser encontrado no armazém local de uma pequena cidade do Texas. E assim por diante. As diversificações vão a pouco e pouco cedendo, ante o ataque foridável da mobilidade. Já os povoados se copiam uns aos outros, duvidando-se se se está no Alabama ou em Nova Jersey. Só resta a natureza tornar as coisas diferentes.

Mas deste temor e deste horror ao «desigual», ao «desconhecido», vem também o pouco apetite generalizado pela viagem ao estrangeiro — a não ser como manifestação social cuidadosamente preparada —, a incapacidade de adaptação ou de respeito ante costumes inusitados, a tentativa de viver «à americana» no México ou na Itália. Daí todas essas anedotas, dos Americanos buscando hamburgers pelos restaurantes da Europa e ficando desconsolados pela diferença que lhes acham, ou do gosto que têm em

viajar como carneiros, entre conterrâneos, falando só inglês e criticando os hotéis que são pouco americanizados, etc.

Mencione-se, por último, o reflexo da mobilidade geográfica no enquadramento familiar. Como parece evidente, as famílias, findo o período da infância e do começo da adolescência dos filhos, reduzem-se ao pai e à mãe. Pode acontecer que todos os componentes de uma família vivam em Estados diferentes, aqui a avó, ali os tios, acolá os pais, neste sítio a filha e naqueles dois outros sítios o filho mais velho e o filho mais novo, encontrando-se todos raramente ou nunca, os filhos tentando ver os pais pelo Natal mas nem sempre o conseguindo, por falta de meios, de tempo ou simplesmente de interesse. A desagregação do ambiente familiar nos Estados Unidos é um facto, e a causa vem-la acima de tudo no tamanho do país e na facilidade da mudança.

Este panorama faz igualmente compreender a necessidade do casamento em idades cada vez mais jovens. A associação pelo matrimónio é a única defesa que o Americano tem contra a dissolução total da intimidade pela socialização dos contactos. Casando-se, o Americano consegue, pelo menos, uma pessoa que o acompanha para todo o lado, a quem conta tudo o que se passa, e de quem recebe simultaneamente protecção, apoio, compreensão, carinho, e eventualmente amor.

ECOS

O artigo crítico, aliás inteligente, de Gastão Cruz sobre a poesia de Jorge de Sena no último número da «Seara» leva-nos a meditar num equívoco que ameaça gravemente generalizar-se entre nós: o de exigir ao poeta, e bem assim ao prosador (mas não é nessa assimilação que reside o nosso desacordo) uma permanente tensão estilística, com vista a evitar a adjectivação vulgar e a criar choques e fricções entre as palavras, das quais há-de provir o efeito estético de surpresa. Ora se tal impacto, efectivamente, é condição importante da linguagem artística, a verdade é que a sua busca exaustiva pode conduzir a um barroquismo insignificante. Por outro lado, com a linguagem mais nua, descascada e cristalinamente habitual conseguem-se, por vezes poemas estruturalmente perfeitos. E o mais curioso é que Gastão Cruz cita precisamente uma passagem admirável de «Frigido Vento», para exemplificar, a condenar. A verdade é que a restituição da palavra à sua natureza, as extrapolações líricas mais belas e mais fortes dão-se não só por via de uma pesquisa formal mas pelo encontro do escritor com as suas raízes mais profundas. Em suma, o problema é infinitamente mais complexo do que o esquema formalista a que Gastão Cruz o reduz. Isto sem prejuízo do apreço que nos merece a luta teimosa pela verdade da literatura como aventura e descoberta no domínio da linguagem. Mas a linguagem é um ser, é também o ser.

ARMANDO DE CASTRO acrescentou mais uma pedra a esse edifício monumental que é o seu documentado, laborioso e valiosíssimo estudo sobre «A Evolução Económica de Portugal». Este nono volume que percorre teorias económicas, leis, aspectos do mercado, a circulação monetária dos séculos XII e XV, apresenta interesse particularmente vivo na análise das alterações na relação de dependência e da dinâmica interna dos bens, das modificações na estrutura dos domínios fundiários. Uma obra que nos enriquece e cuja leitura se torna agradável e tentadora, pela ampla visão do mundo que proporciona, apesar do carácter especializado assunto.

PEDRO RAFAEL

OS VENDEDORES DE «BANHA DE COBRA»

As vezes pergunto se eles não são a expressão mais positiva da nossa gente? Que reúnem qualidades pouco vulgares, não há dúvida. Trabalham a palavra de tal modo, esses vendedores de «banha de cobra», que até o produto deixa de interessar. Quando chega a altura de comprar a bisnaga, o frasquinho, a pasta, que cura sempre todas as doenças — «sete massagens levam um paralisado da cama!»

— quase ninguém consegue resistir. As vantagens enumeradas foram tantas, as momicas, as piadas, os expedientes — que até sabe bem ser-se levado nesse doce «conto do vigário» sem etiqueta de laboratório. Há sempre uma eterna mala que nunca se abre — onde está o «bicho» trazido das selvas —, o paizinho para bater na caixa e o miúdo que se escolhe entre a assistência. O resto é um amontoado de

palavras, com citações de autores famosos nunca lidos, com dissertações sobre temas biológicos nunca estudados... Não, eles não diferem de muita gente que conhecemos, e têm a vantagem de vender sempre qualquer coisa que se leva para casa (mesmo sem servir para nada) — isto além dos dotes oratórios. E estes também se pagam, pois então! Não os pagamos aos outros?... PEDRO RAFAEL

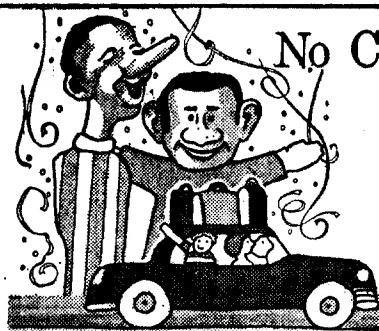
LICEU

CURSO LICEAL COMPLETO
CICLO PREPARATÓRIO — INSTITUTOS
CURSO COMERCIAL

Diurno: das 9 às 19 h.
Nocturno: das 19 às 24 h.

- ESCOLA SÃO VICENTE:
Rua do Paraíso, 28 — Telef. 86 59 04
- EXTERNATO MARQUES DE POMBAL:
Rua Edith Cavell, 8 (ao Chile) — Telef. 82 02 21
- EXTERNATO ALVAROS CABRAL:
Av. Grão Vasco, 1 (Ita. à Igreja de Benfica) — Telef. 706 974

MODERNOS LABORATÓRIOS



No Carnaval

vai melhor com Hertz

De sexta-feira à tarde a quarta-feira de manhã, quer esteja no Porto, em Lisboa ou em Faro, alugue um Ford Escort ou um Volkswagen por 980\$00 (quilómetros ilimitados) ou 720\$00 (incluindo 200 km. grátis).

Escolha a modalidade que lhe convier e reserve o seu carro Hertz pelos telefones:
Lisboa: 32 82 47 - Estoril: 28 13 04 - Porto: 33 4 55 - Faro: 23 5 37

vai melhor com Hertz





Paul Scofield recebeu o «Oscar» para o melhor actor, pela sua espantosa interpretação da figura de Thomas More, no filme «Um Homem para a Eternidade»

Todos os domingos no S. Jorge «cinema com critério» (às 11 horas)

• Depois de amanhã:

«Um homem para a Eternidade»

O entusiástico acolhimento do público de Lisboa às sessões de cinema com critério realizadas no Cinema São Jorge quinzenalmente, aos domingos, às 11 horas da manhã, ficou bem provado com o êxito obtido na primeira sessão do ciclo «A

Responsabilidade na Vida». No próximo domingo, dia 8 do corrente, o ciclo prossegue com a apresentação da mais categorizada obra de Fred Zinnemann, «Um Homem para a Eternidade».

Documentando a «Responsabilidade na Justiça», este filme permitirá a um largo público assistir a um espectáculo do maior interesse, tendo ainda a ocasião de tomar contacto com o movimento cineclubista do nosso País. Através do programa distribuído aos espectadores, divulgam-se elementos vários sobre os filmes incluídos no ciclo «A Responsabilidade na Vida», bem como sobre os seus realizadores.

«Um Homem para a Eternidade» é um filme de grande qualidade, que alia à perfeição com que foi realizado e interpretado, um tema que prende permanentemente o interesse do espectador, narrando-nos a vida atribulada de Thomas More, uma das grandes figuras da História da Inglaterra, do reinado de Henrique VIII.

Frequentando as sessões de «Cinema com Critério» tem a garantia de uma programação cuidadosamente escolhida e a possibilidade de obter uma completa informação sobre o espectáculo em que toma parte.

O Cinema São Jorge tem à venda os bilhetes para esta sessão, à qual têm acesso gratuito os sócios do Cineclube Católico.

GASOLINA NÃO DÁ LUCRO

A propósito da história do homem que tinha um negócio de gasolina e que teve que o fechar, para o tornar rendoso, relatada na notícia da assembleia geral do Grémio das Garagens e Estações de Serviço do Sul, recebemos da firma Castelo & Caporino, Lda., de Portimão, a seguinte carta que transcrevemos na íntegra:

«Temos presente o «Diário de Lisboa» de 31 de Janeiro p.p. que insere o artigo intitulado «A gasolina não dá lucro», que aplaudimos entusiasticamente.

Começa o citado artigo por transcrever o que foi dito por um «homem» na assembleia geral do Grémio das Garagens e Estações de Serviço do Sul; o «homem» a que se referem é o signatário da presente, Rogério Jorge Castelo, n.º sócio gerente. Desejamos manifestar a V. Ex.ª a confirmação de tudo quanto o n.º gerente disse: somos navegantes da «Sonap» em Portimão e fechámos efectivamente as bombas de gasolina no dia 1 de Janeiro p.p., para evitar maiores prejuízos.

Pela presente ficam V. Ex.ªs autorizados, se assim o desejarem, a publicar quem fez as citadas declarações e quais as bombas que se encontram encerradas, ficando desde já a v.ª disposição, neste ou em qualquer outro assunto sobre o qual V. Ex.ªs desejem ouvir a n.º opinião.

Aproveitamos para manifestar a V. Ex.ª o nosso reconhecimento pela atitude digna que o «Diário de Lisboa» tomou em defesa dos revendedores de gasolina, atitude essa que, de resto, não é de estranhar num Jornal dirigido por V. Ex.ªs

Os aumentos dos serventes da Sociedade Estoril

Assinada por 45 empregados da Sociedade Estoril recebemos uma exposição em que se foca a recente alteração

«A Sociedade Estoril procedeu há pouco, por intermédio de um dos seus directores (o sr. dr. Lencastre) a uma distribuição de verba ao pessoal. Os serventes apenas receberam um aumento de 50 escudos mensais, o que é irrisório perante as quantias que foram beneficiar outros empregados: em certos

casos aumentos de 900\$00 nos seus ordenados.

Prossegue a exposição: «Tudo se está a passar sem conhecimento (e, portanto, autorização) do nosso Sindicato. As coisas estão a ser resolvidas pela comissão interna da Sociedade Estoril que nem sequer consulta o pessoal sobre as decisões que toma. Julgamos que alguma coisa está mal:

então o Sindicato e o Ministério das Corporações não são tidos nem havidos neste caso!

Mais adiante, dizem os 45 funcionários (devidamente identificados):

«Esta disparidade de tratamento não tem razão de ser, porque todos quantos trabalham na Sociedade Estoril lutam pelo pão do dia-a-dia.

FIM DE TARDE EM S.BENTO

★ A sessão de ontem da Assembleia Nacional registou o maior número de presenças desta legislatura: 113 deputados. Um «record» que o interesse pela eleição das comissões parlamentares da Educação Nacional e das Obras Públicas pode justificar. Efectivamente, a eleição vinha-se protelando. A plataforma para a constituição de uma única lista para a primeira não foi encontrada, apesar de numerosas conversas de bastidores. O presidente acabou por aceitar a pluralidade das listas! Houve, pois, duas listas para a referida comissão da Educação Nacional. Chegou a falar-se na hipótese de uma terceira, mas esta não chegou a concretizar-se. Para a comissão de Obras Públicas houve uma única lista.

★ Antes da ordem do dia, ao ocupar-se da crise da agricultura, «que actualmente atinge aspectos verdadeiramente alarmantes», disse o deputado Malato Baliz: «No que respeita à cultura de cereais, e com excepção para o arroz, somos, na Europa, o País com mais baixas produções unitárias. Assim, no continente europeu, em que o país de mais elevada produção unitária de trigo obtém 4200 kg/ha, nós apenas conseguimos 800 kg, produção cerca de 30 por cento inferior à do país que ocupa o penúltimo lugar. Relativamente aos outros cereais, o quadro repete-se ou apresenta casos ainda mais sombrios, como acontece com a cevada e a aveia, para as quais as produções unitárias obtidas em Portugal continuam na cauda da tabela, agora com a triste agravante de se situarem a cerca de 62 por cento de distância dos países que nos antecedem, ou seja, dos penúltimos.»

★ O deputado Alarcão e Silva fez-se eco das preocupações dos analistas quanto à letra (e vencimento) que lhes caberá no novo quadro dos funcionários públicos.

★ O deputado Marques de Queirós, falando de problemas do Ensino Primário, pediu que se reconheça o direito à aposentação às regentes escolares e, às que

não preferiram o tempo de serviço exigido, se lhes conceda preferência no provimento de lugares compatíveis nos liceus e escolas técnicas.

★ Homenagem à memória de Francisco Luís Gomes — cujo centenário da morte vai ser oficialmente comemorado — prestou o deputado Brás Gomes, fazendo o elogio daquela figura de goês, que foi cirurgião, político e homem de letras de prestígio.

★ «Era minha intenção usar hoje da palavra para me ocupar, na sequência de um requerimento de perguntas formuladas ao Governo, do problema do azeite, até porque uma orquestra da campanha em prol do retorno à mixórdia está em pleno desenrolar...» Foi com estas palavras que o deputado Camilo de Mendonça começou a sua intervenção sobre o problema das madeiras, congratulando-se com «a pronta reacção do Governo restabelecendo o equilíbrio indispensável, dispondo-se a intervir como árbitro de um conflito de interesses, esgotada que seja a possibilidade de acordo negociado em pé de igualdade, facultando à lavoura as armas que lhe eram devidas como contrapartida do florir seródio da pura lógica capitalista, embora em regime dito corporativo, ou seja, permitindo a exportação de madeiras sem dependência das peias e entraves a que estava sujeito.» (Vozes — Muito bem!)

★ As alterações à Lei do Serviço Militar foram finalmente aprovadas com o texto proposto pela comissão de Defesa Nacional, tendo em conta as sugestões do deputado Teixeira Canedo. Assim, a prestação de serviço, para médicos e outros especialistas, poderá ser contínuo ou interpolado por tempo que não exceda 28 meses, e os que prestarem serviço como voluntários terão os mesmos direitos dos convocados.

★ Hoje, a Assembleia entrou em férias do Carnaval. Os trabalhos recomeçam no dia 17 do corrente.

DIÁDIA parlamentar

SURGIRAM DUAS LISTAS PARA A ELEIÇÃO DA COMISSÃO DE EDUCAÇÃO NACIONAL

Pela segunda vez na história da Assembleia Nacional surgiram duas listas para a eleição de uma comissão parlamentar. Tratava-se de eleger a comissão da Educação Nacional. Como alguns deputados não estivessem de acordo com a lista preparada pela mesa, o presidente, inicialmente predisposto a defender o tradicional sistema de uma só lista, acabou por aceitar o sistema da pluralidade de listas, sempre que se não chegasse a uma plataforma aceite por todos.

Deste modo, para esta eleição, que se efectuou no final da sessão de ontem, surgiram duas listas:

LISTA A — Alexandre José Linhares Furtado, Artur Manuel Giesteira de Almeida, Custódia Lopes, Fernando Dias de Carvalho Conceição, Francisco João Caetano de Sousa Brás Gomes, Henrique Veiga de Macedo, João Pedro Miller Pinto de Lemos Guerra, Joaquim Germano Pinto Machado Correia da Silva, Joaquim José Nunes de Oliveira, José da Silva, Jullio Dias das Neves, Luís António de Oliveira Ramos, Manuel

de Jesus Silva Mendes, Rogério Noel Peres Claro e Vítor Manuel Pires de Aguiar e Silva.

LISTA B — Alexandre José Linhares Furtado, Artur Manuel Giesteira de Almeida, Eleutério Gomes de Aguiar, Fernando Dias de Carvalho Conceição, Francisco João Caetano de Sousa Brás Gomes, João Pedro Miller Pinto de Lemos Guerra, Joaquim Germano Pinto Machado Correia da Silva, Joaquim José Nunes de Oliveira, José da Silva, Jullio Dias das Neves, Lopo de Carvalho Cancellaria de Abreu, Luís António de Oliveira Ramos, Manuel de Jesus Silva Mendes, Simóltica Soares dos Santos Torres, e Vítor Manuel Pires de Aguiar e Silva.

As listas, como pode observar-se, apresentavam pequenas diferenças. A lista B era igual à da A, excepto no que se referia a três deputados. Os nomes de D. Custódia Lopes, Henrique Veiga de Macedo e Rogério Peres Claro, da A, eram substituídos na B pelos de Eleutério Gomes de Aguiar, Lopo de Carvalho Cancellaria de Abreu e Simóltica Soares dos Santos Torres.

Vitória da Lista A por 81 votos contra 32

Feita a chamada, verificou-se que a lista A obteve 81 votos e a lista B 32, isto é, um pouco menos de um terço da votação.

O resultado desta eleição vem confirmar o que poderia

concluir-se já da eleição da comissão do Ultramar, em que houve também duas listas.

Facto significativo: o dr. Miller Guerra, que figurava em ambas as listas, obteve o total dos votos na lista B (32) e o máximo de cortes na lista A (30 cortes, o mesmo é dizer 51 votos num máximo de 81).

Para a comissão de Obras Públicas foi votada por 112 votos uma única lista, assim constituída:

Amílcar Pereira de Magalhães (112 votos), Artur Augusto de Oliveira Pimentel (112), Augusto Domingues Correia (110), Duarte Pinto de Carvalho Freitas do Amaral (105), Francisco Correia das Neves (109), Henrique José Noronha Rodrigues (109), Humberto Cardoso de Carvalho (111), João António Teixeira Canedo (106), João Duarte de Oliveira (111), Joaquim de Pinho Brandão (108), José Vicente Abreu (112), Manuel Monteiro Ribeiro Veloso (114), Prubacor Rau (111), Rafael Valladão dos Santos (110), e Raul da Silva e Cunha Araújo (110 votos).

APARTADOS

Para se proceder à modificação e conclusão da rede de apartados, encerram amanhã, às 12 horas, aqueles serviços, reabrindo segunda-feira às 8 da manhã.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO VOX

TÍTULO — «A Rapariga do Auto-Stop» («3 Into 2 Won't Go»).

REALIZAÇÃO — Peter Hall, 1969 (Inglaterra).

INTERPRETES — Rod Steiger, Claire Bloom, Tudy Gesson, Paul Rogers, Peggy Ashcroft, etc.

«A rapariga do auto-stop» soleniza desde logo pela segurança na construção de um argumento inteligente que se desenvolve com sobriedade e contenção. Tudo nesta fita de Peter Hall (recém-chegado da TV) é aliás sóbrio e seguro: a escrita é uma prática constante de humildade frente à acção; a história, por seu turno, não deixa nunca aflorar a demagogia sempre possível e mantém-se num nível de evidente discrição que não impede, todavia, a formação de um ambiente irrespirável, de tensão sucessivamente adensada ao longo de hora e meia de projecção.

A base de onde tudo surge é simples: um adjunto de promotor de vendas de uma importante casa de electrodomésticos, casado, dá um dia uma boleia a uma jovem. Nada de anormal no esquema usual do caixeiro-viajante cujo posto lhe permite atingir a média burguesa de

uma sociedade altamente industrializada. O esquema parece simplesmente a repetição de mais uma vez: marido e mulher que se habituaram já um ao outro, que se suportam, que esperam continuar a tolerar o convívio diário, muito embora ela saiba que o marido a engana amiudadas vezes (como acontecera já com o pai em relação à mãe e assim por diante). Relações que se estabelecem a um nível de hipocrisia aceite livre ou compulsivamente. Mas a rapariga do auto-stop não é mais uma entre muitas outras. Ela significa na arquitectura da história mais do que isso: é o motor de uma engrenagem, a peça que não se adapta ao mecanismo

melodrama, Peter Hall consegue, no entanto, equilibrar a jogada, interiorizando reacções, fugindo ao rodriquinho fácil, recusando efeitos plásticos possíveis mas não desejáveis. Tal como se nos apresenta, esta «Rapariga do auto-stop» é um filme de grande dignidade artesanal, de uma enorme qualidade técnica, de uma inequívoca sobriedade expositiva. Sem rasgos geniais, Peter Hall teve consciência das suas limitações e bastou-lhe assumi-las para que o seu trabalho resultasse eficiente e interessante. Tanto mais que soube rodear-se de uma equipa técnica impecável de eficiência, desde a fotografia de Walter Lassally até à música de Francis Lai.



Dois grandes actores no Vox: Claire Bloom e Rod Steiger

e acaba por fazer parar todo o sistema. Assim sucede. Com comelidade (ou ingenuamente) a rapariga do auto-stop acaba por destruir na prática o que há muito estava corrompido por uma educação viciada e um convívio desgastante.

Rondando muitas vezes o

Tanto mais que pôde contar com três actores à altura do cometido: Rod Steiger, sem grandes exageros histriónicos nem expressivos, Claire Bloom de uma transparente sensibilidade e de uma beleza inacessível com o seu quê de frieza e solidão e Judy Gesson, a rapariga do auto-stop, provocação máxima que nem por isso deixa de possuir uma secreta ingenuidade e uma pureza de propósitos a um tempo enternecedores e chocantes.

LAURO ANTÓNIO

CAPITÓLIO

HOJE, AS 21.45 HORAS

«O CRAVO ESPANHOL»

DE ROMEO CORREIA

M/ 17 anos Tel. 320379

AMANHÃ — Tarde a preços reduzidos

COLISEU

HOJE, AS 21.30 (M. 12 anos)

GRANDE COMPANHIA

DE CIRCO

DO CARNAVAL

A grande orquestra cômica

EL EMPASTRE

e outras atracções

• HOJE, às 20.45 e 23 h.
EM SENSACIONAL
5.º MES
A COLOSSAL REVISTA

MARIA
VITÓRIA

Um espectáculo
de GIUSEPPE
BASTOS
e VASCO
MORGADO

ESPERTEZA SALOA

• UM ELENCO EXTRAORDINÁRIO, COM:
• SALVADOR • JOSÉ VIANA
• MARIEMA • BARROSO
• LOPES • DORA LEAL

E AS ATRACÇÕES
• HELENA TAVARES
• «THE MELODIES»

A FRENTE DE UMA GRANDE COMPANHIA!

• CARNAVAL •

4 NOITES DE ALEGRIA
E DUAS «MATINÉES»,
NO DOMINGO E NA
3.ª-FEIRA GORDA, SEM
AUMENTO DE PREÇOS!



SALVADOR
no «Compre»

VIVA A FOLIA!... VEM AÍ O CARNAVAL

DIVIRTA-SE A GRANDE, VENDO A GRANDE

REVISTA POPULAR

ADULTOS

PEÇO A PALAVRA!

COM UMA GRANDE, ALEGRE

E POPULAR COMPANHIA

AIDA • C. COELHO • ELOINA

SPINA • MAX • ANITA

ESPADINHA • M. FRANCO

A ATRACÇÃO NACIONAL

ANTÓNIO CALVÁRIO

A FRENTE DE UM GRANDE

ELENCO



AIDA
em «Sr. Esquecida»



SPINA em «Bra-
sileiro do Metro»

TEATRO — TELEF. 326637

VARIEDADES

HOJE E TODAS AS NOITES

AS 20.45 E 23 HORAS

DOMINGO E 3.ª-FEIRA

MATINÉES AS 16 HORAS

BILHETES A VENDA PARA

OS DIAS DE CARNAVAL

PREÇOS NORMAIS

UM SENSACIONAL

«BALLET» INTERNACIONAL

UMA PRODUÇÃO DE

GIUSEPPE BASTOS

E VASCO MORGADO

• NO CONDES E NO ROMA

**TÍTULO — «Confidencialis-
simo» («Erotissimo»).**

**REALIZAÇÃO — Gerard
Pirès (França-Itália,
1969).**

**INTERPRETES — Annie
Girardot, Jean Yanne,
Francis Blanche, Venanti-
no Venantini, Dominique
Maurin, Erna Schurer,
etc.**

«Up-to-date», «à la mode», na herra, «Erotissimo» revela-se uma caricatura saborosa (mas pelos meios audiovisuais empregados que pelos fins alcançados) da sociedade (francesa) de produção e consumo, condicionada (como as demais) por toda a artilharia das sugestões (eróticas) publicitárias. Sem atingir a gravidade da sátira, ainda assim a fita de Pirès consegue distribuir, com inteligência e bom gosto formal, alguns belíssimos (salutares, *malgré tout*...) numa burguesia perfeitamente alienada, escrava dos seus próprios mitos menores (a moda, a supervalorização do sexo, a informação a-crítica), dominada pelo feticismo das imagens, dos *slogans*, dos objectos. Para tanto, o realizador usa abundantemente dos próprios materiais da alienação (cartazes, filmes publicitários, revistas *sexy*, *décor*s sofisticados), montando-os num ritmo veloz e com inegável espírito. O sistema, porém, autodevorava-se: é que o risco desta caricatura reside no facto de, feitas as contas, não passar de mais um

• NO OLIMPIA

**TÍTULO — «A Ira de Aquí-
les».**

**INTERPRETES — Gordon
Mitchell, Jacques Berge-
rac, Cristina Gaioni, Ma-
rio Petri, etc.**

Mais uma reconstrução «histórica» rodada em estúdios italianos para consumo das massas semianalfabetas de países europeus e americanos que de Aquiles e Hector, de Tróia e da sua guerra só conhecem (quando conhecem) o cavalo. Donde o essencial ser o cavalo. O cavalo de pau, os duelos, os amores, os episódios «dramáticos», os desenlaces «fulminantes» e tudo o resto (que é nada). A Grécia homérica ou a graça homérica? — L. A.

produto de consumo, excelentemente embalado mas complaceente, irónico mas não mordaz, amável e não interventivo, mais um reflexo que propriamente uma crítica.

Levianada esta reserva, aplauda-se o brilhantismo dos diálogos, o contínuo desbobi-nar de achados «gráficos» e a excelente interpretação de Annie Girardot (no papel de uma esposa-dos-nossos-dias, que tudo — tudo!... — faz para gozar das delícias matrimoniais), Jean Yanne (o marido, industrial de produtos para bebés, avassalado pelo negócio e pelas contas a prestar ao fisco) e Francis Blanche, este na estupenda composição de um fiscal de impostos a um tempo «compreensivo» e sádicamente implacável.

Saltante-se ainda, do programa, o documentário «Delta de Sal», belíssima sinfonia de imagens realmente abstractas que Lucien Clergue realizou e Manitas de Plata enriqueceu com a sua Viole de Ouro.

Na grande carência nossa do espectáculo cinematográfico de qualidade, o programa do Condes e do Roma surge como um bombom de lamber os beijos! — V. S. T.

Atrás do Reposteiro

• Tudo parece indicar que no Trindade venha a funcionar uma companhia de revistas, organizada pelo maestro Frederico Valério e o escritor Eduardo Damas.

• Para o primeiro espectáculo que se anuncia bastante diferente do que no género tem sido apresentado em Portugal são autores do poema Eduardo Damas e Fernando Avila, e da música Frederico Valério e Manuel Paíão.

• A companhia do Teatro ABC manter-se-á no Porto até ao Carnaval. Depois regressará a Lisboa para ensaios de apuro da nova revista.

• A artista Anilá Guerreiro vai participar na próxima revista do Maria Vitória.

• Nesta mesma revista foram distribuídos quatro números à actriz Dora Leal.

■ Charlie Chaplin vai começar em Março a rodagem do seu filme «The Freak». Principais intérpretes: Victória Chaplin (18 anos) e Josephine Chaplin (20 anos), suas filhas.

2.ª SEMANA

HILARIANTE E «VERTIGINOSA» NO

SÃO LUIZ
ALVALADE

MAIORES
DE 12 ANOS



A PARAMOUNT
APRESENTA
A PRODUÇÃO DE
KEN ANNAMIN

Os Gloriosos Calhambegues

(THOSE DARING YOUNG MEN
IN THEIR JAUNTY JALOPIES)

As saias, então, subiram,
os decotes, esses, desceram
e o mundo ficou louco
com o rali de Monte Carlo!



Com um elenco fabuloso (por ordem alfabética)

BURNIN / LANDI BUZZANCA / WALTER CHANN / PETER COOK / TONY CURTIS / MIREILLE DANC / MARIE DUBOIS / GERT FRÖBE

SUSAN HAMPshire / JACK HAWKINS / NICOLETTA MACHIAVELLI / DUDLEY MOORE / PIER SCHMIDT

ERIC STYLES / TERRY THOMAS / ANNA REALIS / JACK DAVIES and KEN ANNAMIN

ARG. DE KEN ANNAMIN / TECHNICOLOR / PARAMOUNT / A PARAMOUNT PICTURE

UN FILME PARAMOUNT

OTHER MUSIC FROM THE MOTION PICTURE SCORE AVAILABLE ON PARAMOUNT RECORDS

© 1969 BY PARAMOUNT PICTURES

ALL RIGHTS RESERVED

PARAMOUNT PICTURES

PARAMOUNT PICTURES

PARAMOUNT PICTURES

PARAMOUNT PICTURES

PARAMOUNT PICTURES

PARAMOUNT PICTURES

PARAMOUNT PICTURES

PARAMOUNT PICTURES

PARAMOUNT PICTURES

PARAMOUNT PICTURES

PARAMOUNT PICTURES

PARAMOUNT PICTURES

ÓPERA EM S. CARLOS

«PENÉLOPE» DE SOUSA CARVALHO

Não pode negar-se que muito de apreciável se tem feito nestes últimos tempos no sentido de dar a conhecer o nosso património no plano da criação musical e procurar consciencializar a sua existência no público português. No entanto, nem sempre o caminho seguido foi o mais indicado. Adotar um critério pouco seguro na escolha das obras ou apresentar as que se escolhem, mesmo entre as melhores, de qualquer maneira não é prestar um bom serviço à cultura nacional.

Isto não aconteceu — com satisfação o dizemos — no caso da recita com a ópera «Penélope», de Sousa Carvalho, ontem levada à cena do Teatro de São Carlos.

A referida obra pertence ao que de mais significativo se deve aos compositores pátrios no âmbito do teatro lírico do século XVIII. Nela predomina quase exclusivamente a tendência italianizante. Porém deve acrescentar-se que não faltam na partitura algumas pinceladas de carácter lírico mais ou menos lusitano. Assim acontece, por exemplo numa passagem da «abertura», em que será lícito divisar-se a atmos-

fera e os contornos melódico-harmónicos típicos do fado. Por outro lado houve o cuidado de confiar o desempenho da ópera «Penélope» a um núcleo de cantores que já têm prestado suficientes provas, até em papéis de maiores responsabilidades vocais e cénicas; e a encenação também não foi descuidada. Neste último capítulo, Tomás Ribas pôs em prática uma concepção virada para um estatismo e uma evocação da tragédia grega, evocação estilizada embora e filtrada através de uma óptica com afinidades setecentistas, de acordo, aliás, com a arquitectura do teatro. Tais propósitos concretizaram-se inegavelmente sem quebra de um bom gosto fundamental, quer na linha da representação referente às personagens principais, quer nas atitudes daquelas que enquadram a acção dramática ou intervinham em alegorias propositalmente discretas. Conjugou-se com esta orientação, e de uma maneira feliz dentro da sobriedade, o arranjo cénico da responsabilidade de Alfredo Furiga e Abílio Matos e Silva (a este último se devem também os figurinos). O mesmo deve

dizer-se a respeito dos efeitos de luz.

Passando agora aos intérpretes, comecemos por Ana Lagoa, que se encarregou da protagonista. A sua bonita voz nunca deixou de se afirmar, assim como uma capacidade expressiva que se traduziu na sensibilidade com que «recitou», as frases musicais, mediante uma intelecção que nada tem de frieza mas está nos antípodas das tiradas de exaltação espaventosa, que não seriam, de resto, consentâneas com o estilo cultivado por Sousa Carvalho. Momento alto da recita tivemos-lo na ária com que termina o segundo acto.

Helena Cláudio, uma das cantoras portuguesas mais naturalmente dotadas, brilhou sobremaneira na única ária que Erígona canta, graças à riqueza do timbre.

Ulisses encontrou no tenor Fernando Serafim um intérprete subtil e inteligente, que soube tirar partido de inflexões cheias de propriedade e de uma voz pequena mas agradável.

O tenor Armando Guerreiro impôs-se, como habitualmente, pela boa empostação

da sua bonita voz e pela dicção claríssima, aspecto este em que se distinguiu com vantagem sobre todos os seus colegas.

No papel de Euristeu, Alvaro Malta evidenciou potência vocal, uma técnica bem alicercada e ainda grande á-vontade em cena, embora sem destoar da concepção geral que presidiu à representação.

Os coros, colocados no fosso da orquestra, portaram-se desta vez com um apuro que não se verificara na recita do «Tannhäuser». A Sinfónica da Emissora Nacional não deixou de prestar contributo apreciável, a despeito de alguns pormenores necessitarem de maior apuro, nomeadamente na «Abertura».

O maestro Silva Pereira dirigiu o conjunto sem desmerecer da experiência e da musicalidade que há muito o recomendam como personalidade especialmente da nossa vida artística.

Quanto aos funcionais apontamentos coreográficos, levam a assinatura de Margarida de Abreu.

NUNO BARREIROS

HOTEL EMBAIXADOR

BAILES DE CARNAVAL

Sábado • Domingo • Segunda e Terça-feira

CECILE DEVILE

GALLI GALLI • MARIA VALEJO

«STARLIGHT SHOW» com ANGÉLIKA

Conjunto privativo com **Manuel Viegas**

PREÇOS — 250\$00 (com direito a jantar-ceil); 150\$00 (com direito a 50\$00 de consumo de bebidas)

MATINÉES-DANÇANTES DOMINGO E TERÇA-FEIRA

— Preço 50\$00 —

(Estes preços não incluem as taxas regulamentares)

MAIORES DE 17 ANOS

Administração de Propriedades BANCO DO ALENTEJO

Tel. 86 50 37

As 15.30
As 21.30

M/ 17 anos

UMA COMÉDIA FRESCA
E PICANTE

CHAPÉUS DE SOL

Amanhã Carnaval baile com «Os 6 Latinos»

Realização
de
DINO RISI
com

ENRICO MARIA SALLERNO
SANDRA MILO
DANIELA BIANCHI
JEAN SOREL

DISCOS

Estab. **MELODIA**

LISBOA - R. DO OARMO, 28
PORTO - R. DE S.ª CATARINA, 263
R. DE S.ª ANTONIA, 25

Novo CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 AS 3 HORAS

“SLOT MACHINES”
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 18 ANOS

CARNIVAL

(M/ 15 ANOS)

Ballet RUSSO

IRINA GRJEBINA

THE RENNO'S

CONJUNTO **JUAN DE AIZA** com **TITICA**

FILARMÓNICA FRAUDE

CONJUNTO **“CAVALINHO”**

FERRER TRINDADE e sua orquestra

CAPRICE LENOIRE

(M/ 21 anos)
só no wonder bar

SABADO —BAILE DE GALA DE ABERTURA (trajo de noite)

DOMINGO—BAILE TRAPALHÃO (máscaras grotescas)

SEGUNDA—BAILE TRAPALHÃO (máscaras grotescas)

TERÇA —BAILE DE ENCERRAMENTO (trajo de noite)

PREÇOS: Restaurante e «Wonder Bar», 300\$00 por pessoa (350\$00 na noite de segunda-feira), com direito a reserva de mesa e a uma garrafa de espumante, no valor de 200\$00, para quatro pessoas. Bar Americano, 100\$00 (150\$00 na noite de segunda-feira, com direito somente a entrada e a dançar depois do espectáculo).

Estes preços não compreendem taxas nem impostos.

As marcações só são respeitadas até 24 horas antes do baile a que se destinam.

***** Só no TEATRO *****

MONUMENTAL

MAIORES 15 ANOS

NAS 4 NOITES — 2 SESSÕES

20.30 e 23.30 H.

Um espectáculo de «Music-hall»
ao nível internacional

HORAS
DE IMPACTO

JOÃO PAULO

com **SÉRGIO BORGES**
e a vedeta da África do Sul **VICKIE**

PARA O PÚBLICO DAS 2 SESSÕES:

BAILE ATÉ DE MADRUGADA

3 BELOS CONJUNTOS

★ FERNANDO ALBUQUERQUE com RUEDA
★ SOUSA MACHADO • NAPOLITANO ★

***** Só no TEATRO *****

MONUMENTAL

MAIORES 4 ANOS

Nas Tardes de Dom., 2.ª e 3.ª-feira

AS 15 e 18 HORAS

UMA ENGRAÇADA PEÇA
POLICIAL PARA CRIANÇAS

ORIGINAL DE
FRANCISCO NICHOLSON

Misterioso

VA COM SEUS FILHOS AO MAIS ALTO
CARNAVAL DE LISBOA

EM TODAS AS «MATINÉES»:

CONCURSO DE MÁSCARAS INFANTIS

60 VALIOSOS PRÉMIOS • 4 BICICLETAS

***** BILHETES A VENDA *****

VA A 1.ª SESSÃO E TERÁ MAIS TEMPO PARA DANÇAR

Reunião dos corpos directivos da Corporação dos Espectáculos

Sob a presidência do sr. dr. Manuel Teles reuniram-se os corpos directivos da Corporação dos Espectáculos, estando presentes os srs. Augusto de Lima Mayer, dr. Fernando Augusto Serra Campos Ferreira, Jorge Brum do Canto, Alberto Ghira, Manuel Martins e Hermínio de Ferreira Nunes.

A anteceder a ordem do dia, o dr. Manuel Teles participou aos presentes que fora alargado o regime de pensão de sobrevivência a todo o pessoal no serviço da Corporação e dos organismos nela integrados. A seguir, e já dentro da ordem do dia, o sr. Edmundo Ferreira de Almeida deu conhecimento da sua atuação como representante do organismo junto da secção de recursos da Comissão de Exame e Classificação de Espectáculos (Cinema).

Antes da reunião, o dr. Manuel Teles recebeu os srs. Manuel dos Santos e António da Costa Conceição, representantes, respectivamente, do Grémio Nacional de Empresas Teatrais e Similares e do Sindicato Nacional dos Touredores, com os quais tratou de problemas relacionados com a revisão das remunerações dos profissionais representados por aquele sindicato.



— É um pouco pequena, mas ao fim de trinta anos será nossa!



— Cortado em quatro fica-lhe melhor, senhor Vieira!

A REVISTA VAI VOLTAR AO PALCO DO TRINDADE A PARTIR DE AGOSTO

Exacto: ao palco do Trindade vão regressar os espectáculos de revista. A ideia pertence ao maestro Frederico Valério e aos escritores teatrais Eduardo Damas, Manuel Palão e Fernando Ávila.

— Desde que deixei o Maria Vitória tento conseguir um teatro para continuar a realizar espectáculos musicados e de comédia — diz-nos Eduardo Damas. — Agora, no Trindade, não sei eu o empresário: estará a meu lado a pessoa que vai tomar a responsabilidade do negócio. Mas, desculpe: não revelo já o seu nome porque quero que ele continue a dormir descansado...

Por seu lado Manuel Palão acrescenta:

— Devemos a cedência do Trindade à gentileza do dr. Serra Formigal, a quem apresentámos a nossa ideia de se organizar uma companhia de teatro musicado para apresentar espectáculos «limpos»: sem palavrões, despidos de graça baixa.

«Espectáculos de crítica e de sátira mas com nível. Para substituir o chamado corpo de «girls» (onde normalmente não existe uma só bailarina...) contamos com o «ballet» de Fernando Lima. E para a cenografia procuraremos nomes de muito prestígio: Maria Adelaide Lima Cruz, José Barbosa, Otelo Azinhais, Manuel Lima e, até, talvez Almada Negreiros nos honre com um trabalho seu...

Diz Eduardo Damas:

— Muito se tem escrito e falado sobre os meus projectos e até muito boa gente tem ficado contente por nem todos se realizarem. Vou contar-lhe uns pequenos nada, para acabar de uma vez para sempre com os boatos.

«Sempre tive o pavor de um incêndio no teatro Maria Vitória: no dia em que isso suceda — o Diabo seja surdo... — já viram a portinha por onde os artistas poderiam fugir? Quando deixei essa «caixa de fósforos» sempre em perigo de combustão, depois de ali ter levado a cena três êxitos («Todos ao mesmo», «Sopa no mel» e «Viva o velho») o meu amigo Fernando Martins pensou em transformar um dos edifícios de que é proprietário (na Rua Barata Salgueiro, esquina da Rua Castilho) e criar ali uma sala de espectáculos que se chamaria «Teatro Maria Matos».

Prosegue:

— A ideia residia na sua exploração continua: nove meses como teatro e três meses como cinema de Arte e Ensaio. Mas esse projecto não foi autorizado. E agora surgiu a grande oportunidade: o Trindade.

«O contrato ainda não está assinado. Mas contamos entrar para lá em princípios do próximo mês de Maio e, no mínimo, durante um ano.

Manuel Palão salienta:

— Evidentemente que há nomes com que contamos para o nosso elenco: mas

quase todos estão comprometidos com outras empresas e não convém dizer hoje quem são. Mas posso acrescentar que Milu, Maria Valejo e uma grande «estrela» espanhola figuram no primeiro cartaz da revista.

Sobre festivais de canções:

— A nossa parceria vai apresentar uma composição e um cancionista nos concursos de Las Vegas (Estados Unidos), de Split (Jugoslávia) e de Atenas (Grécia). Entendemos que os autores e os intérpretes portugueses devem comparecer em todos os festivais que se realizem no estrangeiro: mesmo sem a menor protecção das nossas casas editoras, mesmo sem qualquer apoio da generalidade das entidades oficiais. Ainda que isolados no seio de grandes organizações podemos lutar com um pouquinho de força...

Mas só a partir de Agosto?

Entretanto, procurámos auscultar a confirmação desta notícia junto da direcção do Teatro Trindade. Por ausência no estrangeiro do dr. Serra Formigal, o secretário do director do Trindade disse-nos:

— Este teatro foi adquirido, em 1962, pela F. N. A. T. e já há bastantes anos que nele não se representava nenhuma revista. Nestes últimos sete anos apenas se têm feito aqui espectáculos de teatro declamado, ópera e concertos musicais.

Conclui:

— Porém, a data apontada pelos srs. Eduardo Damas e Manuel Palão como início da sua exploração deverá ter de ser modificada: a 1 de Maio inicia-se no Trindade a época de ópera que se prolonga até 31 de Julho.

«Assim creio que, a concretizar-se a cedência do Trindade, ela apenas poderá processar-se de 1 de Agosto em diante. Mas esse é um problema que apenas o dr. Serra Formigal poderá esclarecer melhor. E o meu director só dentro de dias regressa a Portugal.



Chegou hoje a Lisboa a cancionista Frida Boccaro (de 32 anos, natural de Casablanca) que vem actuar, no decorrer da época carnavalesca, no Hotel de Ofir. Ex-intérprete de Wagner, com cursos de grego e latim, Frida Boccaro foi uma das quatro artistas que triunfaram no último festival da Eurovisão

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

RESTAURANTE S. MIGUEL NAZARÉ

Funcionamento normal durante os 4 dias carnavalescos.

Sábado e 2.ª-feira — 2 bailes com ceia — 2 conjuntos musicais

Domingo durante os almoços — presença do Rancho TÁ-MAR. Marcações e informações pelo telefone 46105

Sociedade «ESTORIL»

Inquérito sobre horários

Pretendendo a «ESTORIL» que o resultado do Inquérito em curso representa a opinião de todos os Senhores Assinantes, única forma de poder dar satisfação à maioria dos seus utentes, vem pedir o favor de todos darem a sua opinião, até ao dia 10 de Fevereiro.

Os talões podem ser pedidos, e serão recebidos, em qualquer estação contra a apresentação da respectiva assinatura.

CARNAVAL EM «A KAVERNA»

«RESTAURANTE TÍPICO»

JANTAR OU CEIA
(EMENTA ESPECIAL)

FADOS PELOS CONSAGRADOS ARTISTAS

MARIA SILVA—BEATRIZ DA CONCEIÇÃO
TINA SANTOS E FERNANDO MAURÍCIO

COM ACOMPANHAMENTO DE

JOÃO ALBERTO—MANUEL MARTINS

MÚSICA PARA DANÇAR PELAS MELHORES ORQUESTRAS

MÚSICA GRAVADA

TRAVESSA FÉIS DE DEUS, 34 — LISBOA

MARCAÇÕES POR TELEFONE 35591

(M. 17 anos)

Economia espanhola: advertência da OCDE

PARIS, 6 — (R.) — A Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico (O.C.D.E.) avisou hoje que importantes desequilíbrios surgirão este ano na economia espanhola a não ser que o Governo to-

me agora medidas para re-frear a procura.
«Na falta de medidas apropriadas anti-inflacionárias, as perspectivas para 1970 seriam de continuação do rápido crescimento da procura doméstica, com

pressões cada vez maiores na balança de pagamentos e preços» — diz a O.C.D.E. num relatório sobre a economia espanhola.

As perspectivas da actual situação económica em Espanha, que forneciam ra-

zões para preocupação, incluíam uma deterioração na conta corrente da balança de pagamentos do ano passado, com um provável «deficit» de cerca de 500 milhões de dólares.

Embora não se presumis-

se que um grande desequilíbrio se desenvolvesse já, era relevante que o «deficit» tivesse ocorrido num ano quando o comércio mundial aumentou de uma maneira excepcionalmente rápida e, assim, os efeitos

completos da desvalorização em Espanha em 1967 deveriam aparecer — continuava o documento.

Os salários estavam também a subir mais rapidamente e isso era «incompatível com a manutenção de um grau desejável de estabilidade a longo prazo».

Havia várias indicações de que se concluiu que a procura doméstica aumentasse com demasiada rapidez em consequência de se pretender manter condições económicas razoavelmente estáveis.

Os aspectos favoráveis da situação, a seguir à desvalorização, incluíam uma melhoria acentuada na balança de pagamentos em 1968, estabilidade dos preços e a expansão de investimentos produtivos, acrescentava a O.C.D.E.

O PRETO NO BRANCO ATRAVÉS DO SEU BANCO



Realize os seus projectos,
através do
CRÉDITO INDIVIDUAL
do Banco Espírito Santo
e Comercial de Lisboa

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
onde cada um conta mais do que a sua conta



PEDIDO DA ESPANHA AOS EUA

WASHINGTON, 6 — (F.P.) — O Governo espanhol pediu aos Estados Unidos para beneficiar do sistema de preferências pautais generalizado a favor dos países em vias de desenvolvimento, que está a ser discutido pela O.C.D.E. por proposta dos Estados Unidos.

Num comunicado publicado pelo Departamento de Estado, no final da reunião em Washington da comissão económica americano-espanhola, de 2 e 4 do corrente, esclarece-se que a delegação americana registou este pedido e expôs as bases em que os Estados Unidos desejam negociar a criação desse sistema com os outros países industrializados membros da O.C.D.E. Acrescenta-se que as discussões entre as duas delegações giraram sobretudo á roda do comércio, da política de aplicações de capitais e da balança dos pagamentos dos dois países.

TRÉGUAS VIOLADAS NO VIETNAM

SAIGÃO, 6 — (A. N. I.) — As forças norte-vietnamitas e do Vietcong violaram 68 vezes as tréguas do novo ano lunar, durante as primeiras doze horas — anunciou hoje um informador militar norte-americano.

Foram mortos 95 comunistas e capturados cinco, em 43 dos incidentes provocados pelos guerrilheiros. Por sua vez, os norte-americanos tiveram dois mortos e dezotto feridos, enquanto as baixas sofridas pelos sul-vietnamitas foram classificadas como tendo sido «ligeiras».

Durante os incidentes, foi abatido um helicóptero norte-americano e bombardeados pelos comunistas dois postos avançados norte-americanos, concluiu o informador.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

Actualidade internacional

A URSS porá à disposição dos árabes tudo o que for necessário para a expulsão dos agressores

— diz Kossyguine na sua mensagem

CAIRO, 6 — (A. N. I.) — O chefe do Governo russo, Alexei Kossyguine, na mensagem enviada aos Estados Unidos, Inglaterra e França, adverte aqueles países de que a U.R.S.S. «porá à disposição dos árabes tudo o que for necessário para expulsar os agressores» se Israel continuar com os seus ataques contra os seus vizinhos árabes — escreve o jornal oficial «Al Ahram», do Cairo.

ACUSAÇÃO ISRAELITA

WASHINGTON, 6 — (R.) — A Embaixada israelita acusou a noite passada a União Soviética de tentar safar o presidente Nasser, do Egipto, das dificuldades que lhe foram criadas pelos recentes ataques aéreos e terrestres judaicos.

Dizia também que desde

a guerra de Junho de 1967 a União Soviética fornecia ao Egipto, Síria e Iraque armamento no valor de 3050 milhões de dólares. As acusações estão incluídas num documento de História Política divulgado pela Embaixada e distribuído à imprensa.

As recentes notas soviéticas ao Ocidente sobre a situação no Médio Oriente eram destinadas, segundo a Embaixada, a safar o presidente Nasser das suas dificuldades e a justificar a continuação do fornecimento de armas russas ao Egipto.



NASSER e Rashid Karane, primeiro-ministro do Líbano, durante as conversações entre os dois homens de Estado, por ocasião da recente visita do chefe do Governo libanês ao Cairo

NASSER AMEAÇA DEMITIR-SE

— AFIRMA O JORNAL LIBANÊS «LE JOUR»

EMBOSCADA EGÍPCIA

TEL-AVIV, 6 — (A. N. I.) — Um comando egípcio efectuou ontem uma emboscada a uma patrulha motorizada do Exército israelita na margem do Canal de Suez, ocupada pelos israelitas — declarou hoje um informador militar de Israel, acrescentando que o ataque desencadeou um combate em que participaram forças blindadas, artilharia e aviação, e que durou sete horas.

Morreram quatro israelitas — dois oficiais e dois

sargentos — e um veículo israelita foi atingido pelo fogo dos egípcios, acrescentou o informador.

As forças israelitas contaram cinco corpos de soldados egípcios flutuando nas águas do canal, na zona onde se travou o combate. Os egípcios sofreram «outras baixas» e um barco do «comando» egípcio foi afundado, concluiu o informador militar israelita.

SABOTAGEM ÁRABE

NAVIO ISRAELITA AFUNDADO EM EILAT

EILAT (Israel), 6 — (R.) — Homens-rãs árabes afundaram, esta madrugada, um navio auxiliar da Marinha israelita no porto de Eilat e danificaram outro que se encontrava ancorado junto do primeiro. O segundo barco, atingido à proa pelas cargas submarinas, foi salvo do afundamento pela rápida atitude tomada pela tripulação, que o encalhou na praia.

Há 15 dias o porto de Eilat tinha sido abalado por uma explosão que causou 24 mortos, na sua maioria soldados que descarregavam munições.

Os guerrilheiros palestinos anunciaram ter sido autores da sabotagem que provocou a explosão das munições mas um inquérito oficial israelita atribuiu o caso a acidente por negligência.

Anteriormente, homens-rãs egípcios efectuaram uma operação semelhante à de hoje, danificando dois barcos.

Mais tarde, o ministro da Defesa, general Dayan, acompanhado pelo chefe de Estado-Maior e pelo comandante da Marinha, chegou a este porto para inspecionar os estragos e disse aos jornalistas que esta operação dos homens-rãs egípcios nada tinha de extraordinário, inserindo-se na série de ataques aos militares.

Estas operações em nada afectam as operações militares israelitas contra o Egipto. Segundo declarou, os ataques israelitas são motivados pelo facto dos egípcios se recusarem a entrar em negociações de paz e não respeitarem o cessar-fogo.

«O nosso objectivo é atingi-lo de forma tão dura que eles decidam de lutar», afirmou Dayan.

BEIRUTE, 6 — (A. N. I.)

— O presidente Nasser, do Egipto, declarou que se demitirá se na reunião dos dirigentes árabes, que amanhã se inicia no Cairo, estes não concordassem em fazer a guerra contra Israel — afirmou hoje o jornal libanês «Le Jour», que se publica em Beirute.

Nasser teria feito esta declaração ao antigo embaixador norte-americano no Cairo, John Badeau, que visitou o Cairo e Beirute na semana passada — acrescenta o jornal, que cita círculos diplomáticos fidedignos.

AL BAKR AUSENTE

CAIRO, 6 — (A. N. I.) — O presidente do Iraque Ahmed Hassan Al Bakr não assistirá à conferência dos Estados Árabes em que se inicia amanhã no Cairo, por causa da concentração de tropas da Pérsia, junto da fronteira entre os dois países árabes — afirmou-se em círculos diplomáticos da capital egípcia.

INDEMNIZAÇÃO POR CAUSA DO RUÍDO DE AVIÕES

LOS ANGELES, 6 — (R.) — Os proprietários de cerca de 600 casas situadas à volta do aeroporto internacional de Los Angeles receberam um milhão de dólares de indemnização pelos estragos causados nas suas casas pelo ruído dos aviões a jacto.

O juiz Bernard Jefferson, ao dar como ganha a acção que os proprietários tinham movido contra o município de Los Angeles, disse no tribunal: «Os aviões a jacto são uma necessidade e os habitantes dos centros urbanos devem por isso suportar um certo grau de desconforto, mas existe um limite para os prejuízos inconvenientes que os moradores devem suportar sem receberem uma indemnização».

Inicialmente 720 proprietários de casas tinham pedido indemnizações no total de quinze milhões de dólares quando o processo teve início há seis anos, mas o juiz Jefferson decidiu que apenas 589 casas tinham sofrido prejuízos ou tinham ficado com o seu valor reduzido em consequência do ruído

FIM DA CONFERÊNCIA INTERPARLAMENTAR

CAIRO, 6 — (F. P.) — O comunicado final da conferência interparlamentar do Cairo foi aprovado por aclamação.

Contudo, certas delegações (Holanda, Suíça e Ca-

nadá), que tentaram sem êxito introduzir emendas no texto, declararam que a redacção dada aos capítulos relativos às acções militares israelitas não mereceu o seu acordo, pelo que não se consideram obrigadas pelo conteúdo do comunicado final.

O submarino soviético colidiu com um paquete — segundo o «Daily Express»

LONDRES, 6 — (F. P.) — Parece que a avaria sofrida há dias por um submarino soviético se deveu ao abaloamento do paquete italiano «Angelina Laura» que transportava emigrantes para a Austrália, anunciou o «Daily Express» na sua última edição. A colisão verificou-se em 10 de Janeiro, próximo de Ischia, no golfo de Nápoles. O navio ficou com o hélice e o lema gravemente danificados, tendo de fazer escala em Génova para as necessárias reparações que implicaram sete dias de imobilização. O paquete largou de Southampton em 3 de Janeiro com destino a Fremantle na Austrália.

Segundo o «Daily Express», um passageiro britânico escreveu a um dos seus familiares, indicando que o choque fo-

ra bastante forte para derrubar as pessoas que seguíam a bordo. Tendo ele perguntado o que se passava responderam-lhe que fora uma colisão com um submarino soviético.

SOCORRO A PRESTAR PELO «MOSKVA»

ALGECIRAS, 6 — (F. P.) — O porta-helicópteros soviético «Moskva» entrou ontem de manhã no Mediterrâneo pelo estreito de Gibraltar, soube-se em Algeiras de fonte oficial.

Parece provável, indica a mesma fonte, que o «Moskva», se dirija para a zona onde se encontra o submarino soviético avariado (segundo certas indicações, ao largo do enclave espanhol em Marrocos, a 135 milhas a proximidade de Gibraltar) a fim de lhe prestar assistência.

«Supercarro» a vapor que atinge 320 km/h

SYDNEY, 6 — (R.) — O trabalho secreto de dois anos de um construtor desta cidade, terminou hoje num elegante supercarro com um motor rotativo a vapor capaz de atingir 320 quilómetros à hora.

O carro chama-se Guang (pronuncia-se Jivang) devido ao nome do seu desenhador, Genr Van Grecken, que afirmou hoje na cerimónia da apresentação ser o seu carro uma resposta ao problema da poluição criada pelos veículos convencionais.

A alta potência e velocidade do supercarro é dada por um motor rotativo accionado a vapor, aquecido, comprimido a

uma pressão de 70,3 kg, por centímetro quadrado numa pequena caldeira aquecida a gás. A velocidade do Guang é regulada pela quantidade de gás que chega ao queimador da caldeira.

A carroçaria, em alumínio, não tem portas, levantando-se o tejadilho para entrarem os passageiros.

O carro não tem embraiagem, nem caixa de velocidades e proporciona uma visão panorâmica total visto não ter pilanhas no para-brisa. Os travões são constituídos por três circuitos hidráulicos independentes e, segundo Van Grecken, faz muito pouco barulho.

TROPAS DO SALVADOR INVADIRAM AS HONDURAS

TEGUCIGALPA (Honduras), 6 — (A. N. I. e R.) — As tropas do Salvador invadiram ontem as Honduras, num ponto a 100 quilómetros a Oeste de Tegucigalpa, anunciou o Ministério da Defesa.

Na luta que se travou perto da povoação de Sabenafas, morreram quatro soldados das forças invasoras e ficou ferido um hondurenho, acrescentou o Ministério da Defesa.

As primeiras informações aqui recebidas dizem que no combate as forças nacionais tiveram um ferido e causa-

ram quatro baixas aos salvadorenhos.

O comunicado diz, ainda, que um avião do país vizinho violou o espaço aéreo das Honduras.

Conversações de paz entre os dois países tinham começado na Costa Rica, no passado dia 27 de Janeiro, para tentar pôr fim ao conflito armado que surgiu entre os dois países no ano passado, em consequência das rivalidades nacionais, agravadas pela eliminação da disputa entre os dois países a contar para o Campeonato Mundial de Futebol.

COLÓQUIO DE AVICULTORES

Produtores de «pintos do dia» querem associar-se contra os «fabricantes de pintos»

Um colóquio de 32 avicultores especialistas em aviários de multiplicação marcou a sessão de hoje das segundas «Jornadas Médico-Veterinárias Avícolas».

— Há o maior interesse e toda a oportunidade de se constituir a associação dos aviários de multiplicação. A modalidade que deve ser adoptada para o fim em vista terá de derivar da opção entre associação independente ou integração numa organização já existente — disse-nos o comissário-geral das jornadas, dr. Mário Teixeira, também director da Associação dos Avicultores de Portugal e vice-presidente da Comissão Directora da Confederação Ornitológica Mundial.

Avicultores de Sesimbra, Loulé, Campo de Besteiros, Mortágua, Mealhada, Tomar, Barreiro de Besteiros, Vila Nova da Baronia, Vila Franca de Xira, Vila Nova da Rainha, Albergaria, Caramulo, Pontével, Porto de Ave, Oliveira do Hospital, Rio Frio,

Estoril e Lisboa debruçaram-se toda a manhã em torno dos problemas que pendem sobre a indústria.

— Esperamos que este colóquio constitua um marco a assinalar a fundação da Associação dos Avicultores de Portugal para o Comércio e Indústria Avícolas — disse-nos o dr. Luís Vieira de Castro, que serviu de moderador às interferências dos oradores.

E acrescentou:

— As crises resultantes de excedentes de oferta de «pintos do dia», que tantos e tão vultuosos prejuízos causam aos avicultores de multiplicação organizados, resultam (fundamentalmente) da existência de «fabricantes de pintos», que trabalham à margem da legislação em vigor.

Existem 52 aviários de multiplicação. Mas os chamados «fabricantes de pintos», para montarem o seu negócio, não necessitam mais do que uns escassos milhares

de escudos, pois basta dispor de uma cave ou dum sótão, adquirir (a prestações) um grupo de incubação, comprar os ovos no mercado e vender os pintos, indiferentes à qualidade dos reprodutores.

E o dr. Luís Vieira de Castro conclui:

— Isoladamente, será difícil lutar contra esta grave situação.

Por seu turno, o sr. Francisco Vieira Caldas assegurou-nos:

— O «pinto do dia» vende-se, neste momento, a preços que oscilam entre 4 e 5\$50. Precisamos de estabilizar o seu custo e o preço da sua venda no mercado. Para isso vamos criar uma entidade que salve os nossos interesses e nos represente oficialmente junto do Estado.

E os avicultores ficaram em debate. Temas no ar: pintos, galinhas, rações, mercados, preços. É a luta do comércio organizado contra a intrusão de «franco-atiradores» no seu negócio.



A porta da Escola António Arroio, «Pippi» e os seus amigos divertiram-se à grande e... à portuguesa

COM A «PIPI» DAS MEIAS ALTAS

O CARNAVAL COME NO LARGO D. ESTEFÂNIA

Uma «Pippi» de pernas (e meias) mais altas que as da «garota endiabrada» nossa conhecida da TV não conseguiu, esta manhã, entrar na escola, porque andava a brincar com índios, damas da «Belle-Époque», «companheiros do balde» (e não do Baal...), homens invisíveis e outras figuras mais ou menos exóticas.

Claro que isso aconteceu porque o Carnaval está à porta, embora o director da escola da nossa divertida «Pippi» considere que isso só acontece amanhã, quando forem decretadas as férias oficiais.

Impecavelmente mascarados, muitos folgazões — ou não fossem alunos da Escola de Artes Decorati-

vas António Arroio — encheram de cor e movimento ainda maior do que o já costumeiro a Rua Almirante Barroso, onde fica a sede da escola, o Saldanha e o Largo de D. Estefânia.

«É uma tradição vimos

todos mascarados no último dia de aulas, mas o nosso director deste ano (o professor Louro de Almeida) não nos deixa entrar na escola» — diziam os alunos.

«Pois é. É tudo muito cer-

to e não c... per... ainda... ripost... E li... os sei... brinco...



Os alunos da António Arroio já consideravam a invasão da escola em vésperas a que eles fossem perturbar as a



O dr. Mário Teixeira usando da palavra no decorrer do colóquio dos avicultores

Agostinho da Silva vai falar no I. A. D. E. sobre cultura portuguesa

«A Expansão da Cultura Portuguesa no Mundo», é o tema da conferência que o prof. Agostinho da Silva, profere hoje, às 21 e 30, no IADE — Instituto de Arte e Decoração, à Rua do Alecrim, 70 (Palácio Quintela).

Entretanto, aquele Instituto informa que está já programado pedagogicamente o cruzado de estudo ao Mediterrâneo em que participa um grupo de alunos e professores.

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO • LISBOA • QUELUZ

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

COM
TAKY
NÃO HÁ PROBLEMAS
PARA A MULHER
MODERNA
TAKY
O DEPILATÓRIO FRANCÊS
QUE ELIMINA OS PÊLOS
EM POUCOS MINUTOS
SEM DÓR
SEM IRRITAÇÃO

A TAP vai receber mais um «Boeing 707»

Para proceder à certificação nacional do sexto «Boeing 707-382 B» (matrícula CS-TBF) adquirido pela TAP, parte amanhã para Seattle (E. U. A.), o director dos Serviços Técnicos da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, eng.º Villar Queiroz, acompanhado do chefe da Repartição de Material de Voo da mesma Direcção-Geral, eng.º Almeida Viçoso.

Compete aos referidos delegados proceder à recepção e exame técnico do novo avião que é o décimo-primeiro no plano de renovação e reforço da frota da Companhia Nacional.

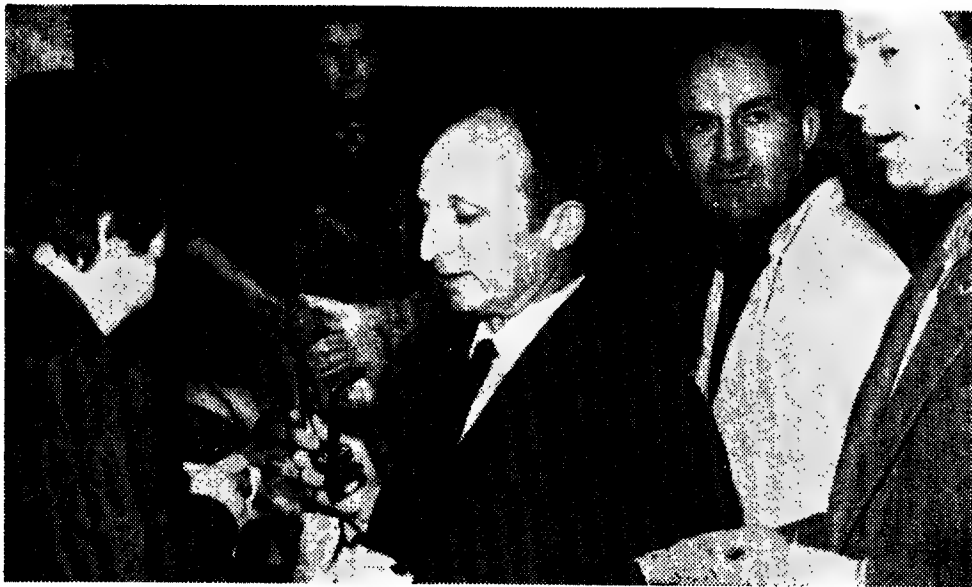
A cerimónia da entrega oficial está marcada para o dia 13 deste mês na fábrica da empresa construtora em Boeing Field, sendo o avião esperado em Lisboa no dia 16.

Devido a casos de tifo só funciona no hospital de Espinho o serviço de urgência

ESPINHO, 6 — Desde segunda-feira que, após uma reunião dos directores clínicos, apenas funciona o Serviço de Urgência do Hospital de Nossa Senhora da Saúde, nesta vila, em consequência de estar ali em curso uma completa esterilização de todo o material e das salas, por ter ocorrido, há quinze dias, a morte de dois recém-nascidos com sintomas de tifo. Dai resultou um pequeno surto epidémico, que afectou, também, o pessoal.

Os doentes ali internados foram para o Hospital Joaquim Urbano, no Porto, onde está, igualmente, internado parte do pessoal, felizmente sem perigo.

Em Espinho continuam, entretanto, alguns doentes nas enfermarias: um na de cirurgia e diversos na de medicina, todos do sexo masculino. Crê-se, porém, que dentro de dias, e após as esterilizações, o hospital volte a funcionar normalmente.



Todos estão contentes com a descida do preço do peixe: vendedeiras, donas de casa e até os donos de restaurantes. O sr. Manuel Gonçalves, que tem dias de comprar 20 a 30 quilos de peixe, diz que nos últimos dias tem poupado 20\$00 em quilo.

BAIXOU O PREÇO DO PEIXE

(Continuação da 1.ª página)

Desta factura e baixa de preço, que nem todos acham ainda suficientes, saiu prejudicado o peixe congelado. Só duas ou três toneladas das muitas que existem no Mercado 24 de Julho vinham hoje pescada congelada. E notou-se que sem fregueses.

Afirmou-nos a dona de casa sr.ª D. Lucília Valente de Almeida:

— Sim, o peixe está mais barato do que tem estado. Muito, muito não está, mas está um bocado melhor...

Mostrou-nos depois o seu saco em que levava gorás, pescada e ruivo. Tinha gasto 88\$50. O peixe devia estar ainda mais barato, disse-nos.

O dono do Restaurante Perus, sr. Manuel Gonçalves, que estava a comprar peixe, afirmou-nos:

— Nos últimos dias tenho poupado uma média de vinte escudos em quilo.

A vendedeira Maria José Rueta foi mais além:

— Há peixes em que tem poupado mais de trinta escudos em quilo!

O sr. Manuel Gonçalves,

que compra 20 a 30 quilos de peixe, com a baixa de preços gasta menos 400\$00 a 900\$00 do que há dois meses na mesma quantidade de peixe.

Se o tempo continuar bom...

Como dissemos já, a baixa de preço abrangeu quase todos os peixes.

A pescada branca também sofreu baixa sensível. Há duas semanas estava a 40\$00, 45\$00 e 50\$00; vendia-se hoje a 22\$00, 24\$00 e 26\$00. As diferenças não são tão espectaculares quanto aos outros peixes. O robalinho, por exemplo, que estava a 45\$00, marcava hoje 38\$00. O pangó legítimo que ia de 26\$00 a 46\$, conforme a frescura, via-se

hoje na banca, muito fresco, a 28\$00 o mais caro.

Se o tempo continuar bom

e a factura do pescado não diminuir veremos talvez acentuar-se a descida do peixe.

Levantado o defeso à pesca da sardinha

OLHÃO, 6 — Causou geral satisfação nos centros piscatórios algarvios a notícia de ter terminado o «defeso» da pesca da sardinha, que impunha a paralisação, por três longos meses, daquela actividade, dificultando assim o abastecimento público.

Enquanto as traineiras de pesca, por força da Lei, se mantinham nos ancoradouros, os arrastões espanhóis vinham, e vêm, às nossas águas destruir todas as espécies, contribuindo assim para a grande crise existente nos centros piscatórios.

Entretanto no que se refere à indústria conserveira, a proibição de fabrico começou no dia

1 do corrente e só terminará no fim de Março.

Satisfação Em Setúbal

SETUBAL, 6 — A Direcção-Geral da Marinha (Direcção de Pescarias), determinou que, este ano, não seja observado o período de defeso da pesca da sardinha, que iria de 15 do corrente a 31 de Março.

Esta determinação veio ao encontro das aspirações dos industriais da pesca e das conservas, bem como dos milhares de trabalhadores que têm nas referidas indústrias, a base do seu sustento; e será uma compensação da deficiente safra pela escassez de sardinha que se tem verificado.

Em três linhas

O dr. José Pinto Peixoto, da Faculdade de Ciências de Lisboa, foi nomeado director do Instituto Geofísico do Infante D. Luís.

///

Saía hoje no «Diário do

Governo» a nomeação do eng.º Vaz Pinto para presidente do Conselho de Administração da TAP, lugar que ocupara antes de ser ministro da Presidência e de que já tomou posse.

Congratulam-se as donas de casa e as vendedeiras, umas porque poupam e outras porque ganham mais. Esperemos que as especulações não turvem esta agradável perspectiva.

O AR COMPRIMIDO COMO FONTE DE ENERGIA — tema de uma conferência integrada na Semana de Engenharia do I. S. T.

O Instituto Superior Técnico promoveu uma Semana de Engenharia Electromecânica com a finalidade de contribuir para uma melhor informação prática dos estudantes no campo da tecnologia. Simultaneamente estas iniciativas têm ainda o objectivo de facilitar a comunicação entre os finalistas dos cursos de Engenharia e a Indústria, a qual correspondeu ao convite do I. S. T. realizando sessões audiovisuais dirigidas pelos seus próprios técnicos.

A Semana de Engenharia Electromecânica iniciou-se no dia 29 e termina hoje com uma Mesa-Redonda sobre «Planeamento do Ensino — Relação entre o Ensino e a Investigação». Trabalhos de grande actualidade foram apresentados aos estudantes, como os subordinados aos temas «Recuperação da água do mar», «Trabalho de um cérebro electrónico», «Condiçãoamento Industrial», etc.

A sessão de ontem teve a contribuição do eng.º Jorge Cluifuentes, técnico da Atlas Copco que falou sobre «Ar comprimido como fonte de energia», focando particularmente os aspectos de segurança no trabalho, economia de exploração e polivalência do ar comprimido utilizável como força motriz.

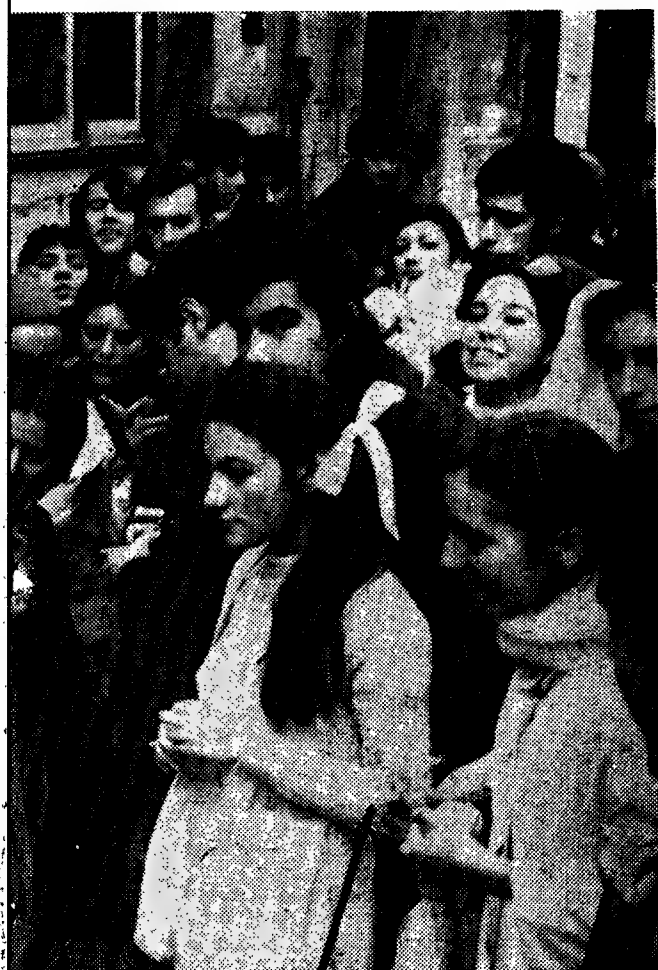
A conferência foi acompanhada de projecção de filmes que mostraram aos estudantes o vasto campo de aplicações do ar comprimido, tanto na racionalização das técnicas de minas como nas de construção e indústria. Estas iniciativas da nossa Universidade em colaboração com a Indústria devem ser acarinhadas tendo em vista uma melhor formação prática dos estudantes.

portuguesa

LTAS

FEÇOU
FÂNIA

to e bonito, mas eu é que não devo deixar interromper as aulas, até porque ainda hoje há pontos» — ripostava o director. E lá ficaram a «Pippi» e os seus divertidos amigos a brincar no meio da rua.



em vésperas de Carnaval uma tradição, mas o director (interino) e as aulas que só esta tarde terminam

PEDRO BORDALO PINHEIRO

Comemorando o 28.º aniversário da morte de Pedro Bordalo Pinheiro, um dos impulsionadores do prestígio e da expansão do «Diário de Lisboa», cuja memória, com o seu admirável exemplo, permanece bem viva entre nós, foram celebradas ao fim da manhã de hoje, na basílica dos Mártires, duas missas de sufrágio mandadas rezar pela família deste nosso inextinguível amigo e pelo conselho de administração da Renascença Gráfica.

Todas as secções do «Diário de Lisboa» estiveram representadas, assistindo também às cerimónias muitos amigos e admiradores de Pedro Bordalo Pinheiro.

Acompanharam a viúva, sr.ª D. Elisa Bordalo Pinheiro, e sua filha, sr.ª D. Maria Teresa Bordalo Pinheiro Pereira da Rosa, e associaram-se a estas homenagens o nosso director, sr. dr. António Pedro Rueta Ramos, e ainda o sr. dr. João Rueta Ramos, da administração da Renascença Gráfica, e sua esposa, sr.ª D. Germana Marques Pinto Rueta Ramos.

JÓIAS

Antigas e modernas. Compra cobrindo todas as ofertas
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253
T. 324564

O maior sortido de ouro, pratas e jóias a preços de concorrência.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

obeso ?

o seu problema alimentar será facilmente resolvido através de novos métodos de alimentação racional.

Enviamos documentação aos interessados e prestamos gratuitamente todos os esclarecimentos e assistência.

CENTRO DIESE
de alimentação racional

AVENIDA DA REPÚBLICA, 46-R/C
TELEF. C 76 71 41 LISBOA 1



Diário DO PORTO

Uma Escola Móvel de Trânsito para o Norte do País

A Prevenção Rodoviária Portuguesa, que, há cerca de um mês, inaugurou em Lisboa, com a presença de dois membros do Governo e sua primeira Escola Móvel de Trânsito, destinada a visitar os estabelecimentos de ensino da capital, vai estabelecer

no Porto uma escola idêntica.

A inauguração será no dia 14, no estabelecimento humanitário do barão de Nova Sintra. Depois e a exemplo do que acontece em Lisboa, a escola percorrerá os diferentes estabelecimentos de ensino portugueses e ampliará, mais tarde, a sua valiosa acção ao outras localidades do Norte do País.

Estas escolas móveis dispõem de mini-veículos (automóveis e bicicletas) e de semáforos, através dos quais se regulariza o trânsito.

Monitores de Prevenção Rodoviária Portuguesa orientam a demonstração e apontam, corrigindo-as, as falhas dos pequenos condutores de veículos ou dos peões, transformando uma brincadeira numa autêntica e utilíssima lição.

Espectáculos para hoje

TEATROS
SÁ DA BANDEIRA — As 21 e 45: «Quando ela se despiu» (17 anos)

ANTÓNIO PEDRO — As 21 e 45: «O Auto da Alma» (17 anos)

COLISEU — As 21 e 30: «Circo» (12 anos)

PALÁCIO DE CRISTAL — As 21 e 30: «Circo» (12 anos)

CINEMAS
SÃO JOÃO — As 21 e 40: «O avôzinho congelado» (12 anos)

RIVOLI — As 21 e 30: «Viver um pouco, amar um pouco» (12 anos)

TRINDADE — As 21 e 30: «A flor do cacto» (17 anos)

BATALHA — As 21 e 30: «Se o meu carro falasse» (12 anos)

ESTÚDIO — As 21 e 30: «Sedução e abandono» (17 anos)

OLÍMPIA — As 21 e 30: «Será...» (17 anos)

CARLOS ALBERTO — As 21: «O malandro encantado» e «Profissionais do crime» (17 anos)

AGUIA D'OURO — As 21 e 30: «Santana» (17 anos)

JULIO DINIS — As 21 e 30: «Divórcio à italiana» (17 anos)

CINE-GAIA — As 21 e 30: «A Lenda de uma Estrela» (17 anos)

Amanhã à tarde

TEATROS
SÁ DA BANDEIRA — As 16: «Quando ela se despiu» (17 anos)

COLISEU — As 16: «Circo» (12 anos)

PALÁCIO DE CRISTAL — As 16: «Circo» (12 anos)

CINEMAS
SÃO JOÃO — As 15 e 30: «O avôzinho congelado» (12 anos)

RIVOLI — As 15 e 30: «Viver um pouco, amar um pouco» (12 anos)

TRINDADE — As 15 e 30: «A flor do cacto» (17 anos)

BATALHA — As 15 e 30: «Se o meu carro falasse» (12 anos)

ESTÚDIO — As 15 e 30: «Sedução e abandono» (17 anos)

OLÍMPIA — As 15 e 30: «Será...» (17 anos)

CARLOS ALBERTO — As 15: «Confinados», «parteiros» e «As duas feras» (12 anos)

AGUIA D'OURO — As 15 e 30: «O magnífico intruso» (12 anos)

JULIO DINIS — As 15 e 30: «Divórcio à italiana» (17 anos)

Formações de serviço esta noite (4.º turno)

ALIRIO DE BARROS, SUCRS, R. Costa Cabral, 240 (Tel. 40933)

* BOAVISTA, Rua do Boavista, 501 (Tel. 2-54431) * BOTELHO, Rua do Alegria, 853 (Tel. 4-0069)

* CENTRAL, Rua de Santo António, 203 (Tel. 2-1684)

* CONTUMIL, Rua do Contumil, 540 (Tel. 45755) * CORUJAL, Rua de S. R. da Lameira, 1473 (Tel. 5-1928) * GARANTIA, Rua Fernandes Tomás, 698 (Tel. 2-4645)

* LEMOS & FILHOS, Pr. de Carlos Alberto, 3 (Tel. 2-1509) * MAIA, Rua do Campo Alegre, 92 (Tel. 6-4450) * PENINSULAR, Rua Chã, 100-02 (Tel. 2-07071)

* PINHEIRO MANSO, Rua de S. João de Brito, 25-29 (Tel. 6-0692) * SA, Rua Vale Formoso, 181 (Tel. 40427) * F02, Rua Senhora da Luz, 382 — Foz (Tel. 68-0127)

* SERPA PINTO, Rua de Sampa Pinto, 645 (Tel. 4-8697).

Dois feridos num desastre de viação

Recolheu ao Hospital de Santo António o jovem Agostinho Silva da Costa, de 18 anos, do lugar da Quinta (Oliveira de Azeméis), que, na sua motorizada atropelou, em São João da Madeira, a operária gaspadeira, Maria Julieta de Almeida Gomes da Silva, de 19 anos, também moradora naquela vila. Ficaram ambos feridos e a rapariga ficou no hospital de Oliveira de Azeméis, pois sofreu a fratura de ambas as pernas. O Agostinho está sem fala e politraumatizado.

Novos corpos gerentes

Foram eleitos os novos corpos gerentes do Orfeão de Matosinhos, presidindo, respectivamente, à assembleia geral, à direcção e ao conselho fiscal, os srs. dr. Miguel António Martins de Oliveira, Joaquim Delfim Pinto de Queirós e João Gonçalves de Ataíde e Melo.

Eleitos, também, os novos dirigentes da Sociedade Musical 1.º de Agosto, de Coimbra (Gaia). Presidem à assembleia geral, à direcção e ao conselho fiscal, respectivamente, os srs. Manuel A. Moreira, Álvaro Raul dos Santos Moreira e João Dias da Silva Santiago.



Uma das maiores empresas inglesas, a Inchcape & Co. Ltd., com interesses em todo o mundo, acaba de se associar ao Grupo Lusolanda, importante organização com filias no Continente e no Ultramar e representante dos conhecidos automóveis Audi-NSU. A propósito desta associação luso-britânica, realizou-se ontem, no Grémio Literário, uma recepção em honra da Inchcape & Co. Na gravura, vêem-se os srs. Werner Kahn e João Freudenthal, Administradores da Sociedade Lusolanda, na companhia dos srs. Peter Heath e Samuel F. Champion, respectivamente administrador e director-geral da Inchcape.

EMPATE NA ELEIÇÃO PARA A PRESIDÊNCIA DA CORPORAÇÃO DE CRÉDITO E SEGUROS

(Continuação da 1.ª página)

Tal não sucedeu, agora, na Corporação do Crédito e Seguros. Na votação para o cargo de presidente, efectuada ontem à tarde, os representantes gremiais apresentaram como candidato (como habitualmente, um dirigente gremial). Mas os representantes dos sindicatos (seguros e bancários) resolveram solidariamente, apresentar a candidatura para a presidência de um dirigente sindical.

O resultado foi — dada a paridade de votos preceituada no regimento — ficarem empatados para o cargo um representante da capital. E por muito estranho que pareça, o caso não está previsto. O regimento é omissivo.

Vai ser pedido o parecer do ministro das Corporações

Esta situação nova — que pode ter importante influência na vivificação das Corporações, na medida em que abre na prática perspectivas iguais para o capital e para o trabalho, até aqui admitidas apenas em pura teoria — surgiu, como dissemos, na Corporação do Crédito e Seguros, para preenchimento do lugar de presidente, vago em consequência do pedido de demissão do anterior presidente, eng.º Basílio Caeiro da Mata.

Os votos foram atribuídos pelos seis elementos gremiais presentes (seguros, bancos e casas bancárias e casas de câmbios) ao dirigente gremial dos seguros dr. Arnaldo Pinheiro Torres; pelos nove representantes sindicais presentes (seguros e bancários) ao dirigente do Sindicato de Seguros de Lisboa, Gilberto Cardoso.

Dada a paridade estabelecida, pelo regimento, a pontuação dos votos é equitativa: 54 pontos para o sr. dr. Arnaldo Pinheiro Torres e 54 pontos para o sr. Gilberto Cardoso.

Como o regimento é omissivo na forma de resolver este caso, foi decidido solicitar o parecer do ministro das Corporações. A não ser que se crie um princípio novo — de alternância ou de bipresidencialismo — o impasse que ora surgiu pela primeira vez é difícil de ultrapassar dentro da justa imparcialidade que tem sido proclamada como um dos princípios básicos da doutrina corporativa.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4 %	518\$	—	518\$
Consolidado 3 %	—	—	523\$
Consolidado 3 1/2 %	—	—	620\$
Centrais 4 %	—	1.480\$	—
Obrigações 5 %	1.000\$	—	1.000\$
Externa Série	—	—	825\$
Externa Série C	—	—	800\$
Externa 3 Série	—	720\$	800\$
Externa 3 Série C	—	800\$	800\$
Cautelas 3 Série	—	195\$	200\$
OBRIGAÇÕES	Efec.	Compra	Venda
Agua Lisboa 5 %	—	470\$	—
A. P. 1 5 % 56	—	—	518\$
A. P. 1 5 % 58	—	—	620\$
C. P. 4 1/2 % 65	—	907\$	915\$
C. P. 5 1/2 % 67	—	—	1.002\$
C. U. F. 6 %	1.001\$	1.000\$	1.002\$
C. U. F. 6 % 68	—	995\$	997\$
Gás Elect 4 1/2 % 51	830\$	830\$	850\$
Gás Elect 5 % 52	—	890\$	—
Gás Elect 5 % 58	—	890\$	900\$
Gás Elect 5 % 59	—	890\$	—
Gás Elect 5 % 62	—	930\$	—
Gás Elect 5 % 63	—	920\$	—
Gás Elect 5 % 65	—	900\$	—
Gás Elect 5 % 67	—	1.010\$	1.015\$
H. E. Alentejo 5 %	—	815\$	—
H. E. Cávado 5 %	820\$	815\$	825\$
H. E. Cávado 6 %	—	997\$	—
H. E. Douro 5 %	—	—	—
H. E. Douro 6 %	—	—	—
H. E. Norte Port 5 %	1.000\$	—	1.000\$
H. E. Estrela 5 %	—	—	518\$
H. E. Zêzere 5 % 55	1.002\$	1.000\$	—
H. E. Zêzere 5 % 57	—	—	—
Lisnave 6 %	—	—	—
Metropolitano 4 %	—	880\$	—
Metropolitano 5 3/4 %	—	1.006\$	—
Mogambique 5 %	1.010\$	1.006\$	—
Nac. Elect 5 %	—	780\$	—
Nitratos 5 %	—	850\$	—
Nitratos 5 % 60	—	800\$	830\$
Petroquímica 5 %	—	790\$	800\$
Port Celul 5 %	850\$	850\$	860\$
Sacar 5 % 54	—	930\$	—
Sacar 5 % 60	—	920\$	—
Siderurg 5 % 2.ª	—	890\$	—
Siderurg 5 % 3.ª	—	—	—
Siderurg 5 % 4.ª	—	—	—
Sonete 5 %	—	—	—
T. A. P. 4 %	825\$	800\$	825\$
Termoelect Port 5 %	—	—	—
U. E. P. 3 3/4 %	810\$	—	810\$
U. E. P. 4 %	—	84\$	—
U. E. P. 4 1/2 %	—	85\$	87\$
U. E. P. 5 %	—	—	—
U. E. P. 5 % 60	—	80\$5	—
U. E. P. 5 % 63	—	—	—
ACCÕES	Efec.	Compra	Venda
Bancos			
Agricultura	2.425\$	2.420\$	2.430\$
Alentejo	1.190\$	1.180\$	1.190\$
Angola	4.100\$	4.050\$	4.100\$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	—	5.550\$	—
E. Santa	—	25.000\$	25.000\$
Fonseca S. p.	20.000\$	20.000\$	21.000\$
Fomento Nacional	—	2.560\$	—
L. & Agores p.	7.500\$	7.450\$	7.550\$
L. & Agores n.	—	—	—
P. Atlântico p.	6.400\$	6.400\$	6.450\$
Portugal n.	3.300\$	3.300\$	3.320\$
Portugal p.	—	4.350\$	—
Totta Aliança	6.800\$	6.800\$	6.800\$
Ultramarino n.	3.700\$	3.690\$	3.720\$
Ultramarino p.	3.950\$	3.940\$	3.960\$
Seguros			
Alentejo	157\$	157\$	—
Douro	—	—	3.000\$
Mundial	895\$	890\$	900\$
Sagres	—	1.100\$	2.400\$
Tranquilidade	—	60.000\$	65.000\$
Ultramarino	—	18.000\$	30.000\$
Ultramarinas			
Agência de Angola	850\$	840\$	860\$
Ag. Cascaes	810\$	865\$	815\$
Ag. Incarnati	—	—	—
Ag. Neves	—	—	—
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	—	—
Boror	—	—	—
Buzil	88\$5	88\$	89\$
Cabinda	237\$	235\$	288\$

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACCÕES (Base: Dez. 65 100)

	29/1/70	4/2/70	5/2/70
GERAL	161,4	166,2	166,1
METROPOL.	149,7	156,3	156,4
ULTRAM.	247,1	238,9	237,6

PAÍSES

Compras Vendas

África do Sul — Rand 36\$50 38\$50

América:

— Dollars de 1 a 2... 28\$10 28\$60

— Dollars de 5 a 1000 28\$40 28\$80

Canadá — Dollar 26\$20 26\$70

Argentina — Peso 7\$60 7\$90

Austria — Schilling 1\$08 1\$15

Brasil — Cruzeiro Novo 5\$00 7\$00

Espanha — Peseta 5\$99,2 5\$40,7

Holanda — Florim 7\$65 7\$95

Inglaterra — Libra 67\$50 69\$50

Itália — Libra 5\$04,4 5\$04,65

Bélgica — Franco 5\$5 5\$8

França — Franco 4\$80 5\$20

Suiza — Franco 6\$60 6\$80

Marracos — Dirham 4\$80 5\$30

Dinamarca — Coroa 3\$50 3\$90

Noruega — Coroa 3\$85 4\$15

Suécia — Coroa 5\$35 5\$65

Ouro:

Inglaterra — Libra Isabel 295\$00 315\$00

Inglaterra — 1/2 Libra 290\$00 310\$00

Ouro fino — Barro 33\$70 35\$70

Inconsciência

num caso de fogo posto?

Foi entregue à Polícia Judiciária (5.ª secção), Manuel Araújo Cunha, de 19 anos, trabalhador, residente no lugar de Mosteiró, Labruje (Vila do Conde), angustiado de ter provocado o incêndio que deflagrou na Refinaria do Porto, em Leça da Palmeira. O detido confessou ter levado com ele (embora tal seja proibido aos operários que ali trabalham) uma caixa de fósforos, e depois de riscar alguns ter propagado o fogo a um carro-tanque, cheio de combustível, próprio para abastecer aviões.

Tudo leva, porém, a crer que ele tenha cometido aquele acto inconscientemente. A Polícia, todavia, esclarecerá devidamente o caso.

Os problemas dos profissionais de escritório

Na sede do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito do Porto, haverá amanhã, às 16 horas, uma reunião dos profissionais ao serviço das indústrias têxtil, de malhas e vestuário, para tomarem conhecimento das diligências em curso com vista à negociação de um contrato colectivo de trabalho com os respectivos grêmios do Norte e do Sul.

Notícias diversas

Com a assistência do sr. Manuel de Andrade e Sousa, presidente da Corporação do Comércio, foi marcada para esta tarde a inauguração da sede do Grémio dos Armazenistas de Materiais de Construção do Norte, na Rua dos Bragas, 65-3.º

Cortes fato homem 150\$00

COMPRA A MELHOR VISTA DE MAR!

comprando propriedades **J. PIMENTA, S. A. R. L.**

Em Paço d'Arcos (Espargal), a 100 metros da praia e dos caminhos de ferro, com Centro Comercial e Pavilhão Gimnodesportivo previstos, encontra magníficos andares e apartamentos mobilados.

190 contos rendem-lhe 1187\$50 mensais

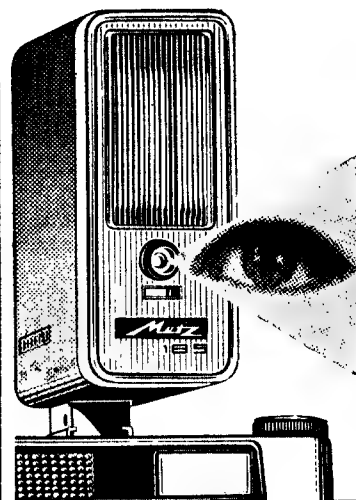
Visite o apartamento em exposição em Paço d'Arcos — Espargal

J. PIMENTA, S. A. R. L.

LISBOA — Praça Marquês de Pombal, 15-1 — Telefones 4 58 43 4 78 43

QUELUZ — Rua de D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21 - 95 20 22

REBOLEIRA — Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70



O flash automático com
olho mágico e computador



iluminação automaticamente
correcta desde 50 cm. até 5 m.



IMPORTADORES **profoto LIMITADA**
RUA DE SANTA JUSTA, 25 — LISBOA

A VENDA NAS CASAS DE ARTIGOS FOTOGRÁFICOS

DE COIMBRA

Vai ser reconstruído o edifício do Colégio Novo considerado monumento nacional

A população cidadina sentiu profundamente as consequências do incêndio que destruiu, parcialmente, o edifício do Colégio Novo. Esse grande imóvel, mandado construir, no século XVI, pelos conegos regantes de Santo Agostinho, para um novo colégio sob a alçada do Mosteiro de Santa Cruz e que ficou com o nome de Colégio da Sapiência, mas a que o povo chamava (e chama) o Colégio 'Novo', constituía uma das relíquias arquitectónicas da cidade. O autor do projecto e construtor Filipe Tércio, italiano, que se encontrava no nosso País, a convite de D. João III, teve a virtude de saber aproveitar o acidentado do terreno e construir um edifício que, além de todas as condições para o fim a que era destinado, se enquadrava admiravelmente na fisionomia da cidade.

O povo gostava do Colégio, tinha simpatia pelos internados nos dois colégios (de órfãos e órfãs) e muitos eram os que procuravam a bela igreja para assistirem aos officios divinos.

Após o incêndio, logo a mesa da Misericórdia tomou as providências necessárias para a reconstrução do edifício e, fazendo os maiores sacrifícios, conseguiu a cobertura do que da mesma restava, e assim evitou a ruína completa. Mas havia que cuidar do claustro e da igreja (monumentos nacionais) e assim, aquando da recente visita, o sr. ministro das Obras Publicas, esteve no Colégio Novo e ouviu os esclarecimentos que lhe deu o mesário, sr. dr. Santos Madeira, em nome do provedor ausente de Coimbra, e interveio na situação precária da Misericórdia que lhe impedia de prosseguir a obra.

O sr. eng. Rui Sanchez, que está a par de todos os problemas desta cidade, interessou-se por este e determinou que se procedesse a um inquérito para se saber em que condições lhe podia ser prestado auxílio. Depois

das conclusões do director dos Monumentos Nacionais, sr. eng. Pena da Silva, o referido membro do Governo acaba de determinar que aqueles serviços procedam às obras necessárias para a recuperação do imóvel, considerado como se diz, monumento nacional.

A decisão ministerial causou o maior regozijo na cidade, pois não tarda que o Colégio Novo volte a servir não só a Misericórdia, mas os seus dois colégios de órfãos — obra meritória que muitos rapazes e muitas raparigas tem preparado para a vida.

Interrupção do abastecimento de água

A partir das 22 horas de amanhã, até às 8 de domingo, por motivo de limpeza do Reservatório de Água dos Olivais, será interrompido o abastecimento às seguintes zonas: Avenida Dias da Silva, Rua Bernardo de Albuquerque, Rua Brigadeiro Correia Cardoso, Bairro de São Jerónimo, Rua do Telégrafo, São Sebastião, Toyis e Chão do Bispo.

Espectáculos para hoje

CINEMAS
GIL VICENTE — Às 21 e 30: «Goodby, Mr. Chips» (12 anos).
AVENIDA — Às 21 e 30: «A morte de um pistoleiro» (17 anos).
TIVOLI — Às 21 e 30: «Onde está Jack?» (17 anos).

Farmácias de serviço

VILAÇA — Rua Ferreira Borges (tel. 22043).
NEVES MORGADO — Rua da Moeda (tel. 23738).
BAPTISTA — Praça da República (tel. 23747).
OLIVAIS — Rua Bernardo de Albuquerque (tel. 22804).

Reuniões na Ordem dos Engenheiros

Na sede da Secção Regional da Ordem dos Engenheiros haverá, no domingo e na segunda-feira, às 22 horas, reuniões de convívio.

Organizadas por uma comissão de associados, a qual foram agregados alguns familiares e estudantes universitários do Curso de Engenharia.

Podem inscrever-se os que o desejarem, por escrito para a sede, ou pelo telefone 23447, até às 13 horas de amanhã.

Exumação e trasladação

A Câmara Municipal tornou público que se vai proceder a enterramentos nos leirões n.ºs 3 e 19 (adultos) do cemitério da Conchada. Os interessados podem mandar proceder, querendo, no prazo de trinta dias, à exumação e trasladação de ossadas depositadas nos referidos leirões, sob pena de as mesmas serem removidas para sepultura comum.

CARNAVAL COMBOIOS ESPECIAIS PARA MILITARES

Comunica-nos a C. P. que por motivo da «Quadrada do Carnaval», os transportes especiais para militares, em viagens de fim de semana, são feitos nas seguintes condições:

DE LISBOA — Além das circulações normais que têm lugar nos dias 6 e 7 do corrente, realiza-se também, no próximo dia 11, um comboio especial com partida de Santa Apolónia, às 23.45 horas.

DE PORTO — Além das circulações normais que têm lugar nos dias 6 e 7 do corrente, realiza-se, no dia 9 (segunda-feira), apenas o comboio que parte de Campanhã às 0.05 horas e, na noite de 11 para 12 (de quarta para quinta-feira), os comboios que partem de Gaia e Campanhã às 23.38, 23.40 e 0.05 horas.

São asseguradas as ligações de todos os comboios normais e especiais até Tomar e Abrantes.

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

Necrologia

FUNERAIS

João dos Santos Prates
BARREIRO, 6 — Foi, esta tarde, a enterrar, com grande acompanhamento, pois tratava-se de pessoa muito considerada, o sr. João dos Santos Prates, de 70 anos, subchefe de escritórios da C. P., aposentado, natural de Vila Viçosa e residente na Avenida Afonso Henriques, 42, nesta villa, e que ali faleceu na noite passada.

O extinto, muito estimado pelos seus dotes morais, foi um benemérito da instrução, a qual dedicou a vida inteira, tendo sido professor e director do Colégio do Instituto dos Ferrovieiros, nesta villa.

Era casado com a sr.ª D. Augusta Margarida Montes Gomes Prates, pai do dr. João Manuel Gomes Prates e sogro da dr.ª D. Palmira Leonor Rodrigues Prates. O funeral realizou-se às 17 horas, saindo da casa mortuária da igreja de Santa Maria para o cemitério da Vila Chã.

meço às 11 e 30 e decorreu na igreja de Santa Maria de Belém (Jerónimos).

FALECIMENTOS

D. Maria Germana de Oliveira da Fonseca
Com 65 anos de idade, faleceu, na sua residência em Lisboa, a sr.ª D. Maria Germana de Oliveira da Fonseca. Era professora primária de A Voz do Operário e dedicou a sua vida ao serviço da instrução. O funeral realizou-se hoje, ao princípio da tarde, da igreja da Penha de França para o cemitério de Benfica.

SUFRÁGIOS

D. Teodósio Clemente Gouveia

Comemorando o oitavo aniversário da morte do cardeal D. Teodósio Clemente Gouveia e a exemplo dos anos anteriores, foi hoje celebrada missa por sua alma. A cerimónia religiosa teve co-

Guilherme José Patrão de Carvalho Duarte

Para comemorar o 12.º aniversário do falecimento de Guilherme José Patrão de Carvalho Duarte, que foi atleta olímpico, é celebrada missa de sufrágio, amanhã, às 12 horas, na capela da Quinta de Nossa Senhora da Soledade, em Arrentela.

Henrique Lino Antunes Marques

Por alma de Henrique Lino Antunes Marques, que faleceu em combate em Moçambique, sua família manda celebrar, amanhã, às 9 e 30, na igreja de Fátima, em Lisboa, missa do 2.º aniversário.

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

para eles alguma ingalhinha que sobrasse da mesa desportiva.

AQUELA FITA SOBRE O ALGARVE...

Primeiro: acho muito bem

O CANÇONETISTA B. J. THOMAS EM PORTUGAL

B. J. Thomas, cançonetista norte-americano que há cinco semanas consecutivas ocupa o primeiro lugar dos «tops» do seu país, deslocar-se brevemente a Portugal.

O criador de «Raindrops Keep Fallin' on my Head» (que foi o tema-cancão do filme «Butch Cassidy and the Sundance Kid») vem ao nosso país a convite da etiqueta «Roda», que representa a sua gravadora na Península Ibérica. B. J. Thomas exhibe-se em dois espectáculos (em Lisboa e no Porto) em que também actuam Júlio Iglesias, Elisabeth e Eltona Pittman.

que se fale e se refale do Algarve. O Algarve merece. Segundo: acho muito bem que se procure canalizar para a casa lusitana as verónicas correntes migratórias. Terceiro... já não me recordo qual era o terceiro, mas não interessa: o que interessa é que a fita dedicada ao Algarve, transmitida ontem foi qualquer coisa muito triste de ver e de ouvir.

Calma. Vou a dizer que até posso achar muito bem este apelo a visitar o Algarve. Invesiram-se lá dinheiro e esforços que não são brincadeira nenhuma, há que principiar a tirar lucros que não resultam da mera especulação dos terrenos. Apenas ponho em dúvida a eficácia, no estrangeiro e no País, de fitas como as de ontem.

MÁRIO CASTRIM



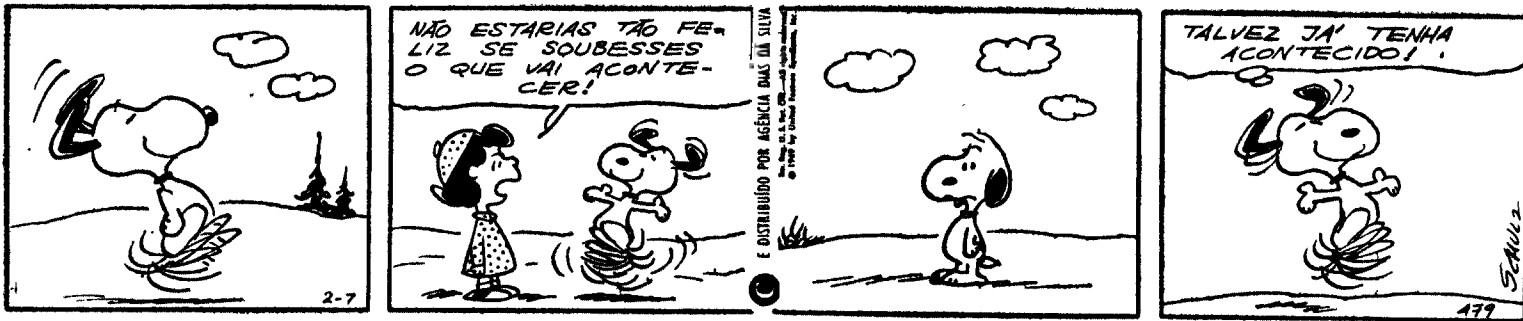
Júlia de Almeida Lopes Nunes de Carvalho

MISSA DO 7.º DIA

Sua família, participa que, amanhã, dia 7, pelas 12 horas, na Igreja do Sacramento, será rezada Missa pelo seu eterno descanso.

P. N. A. M.

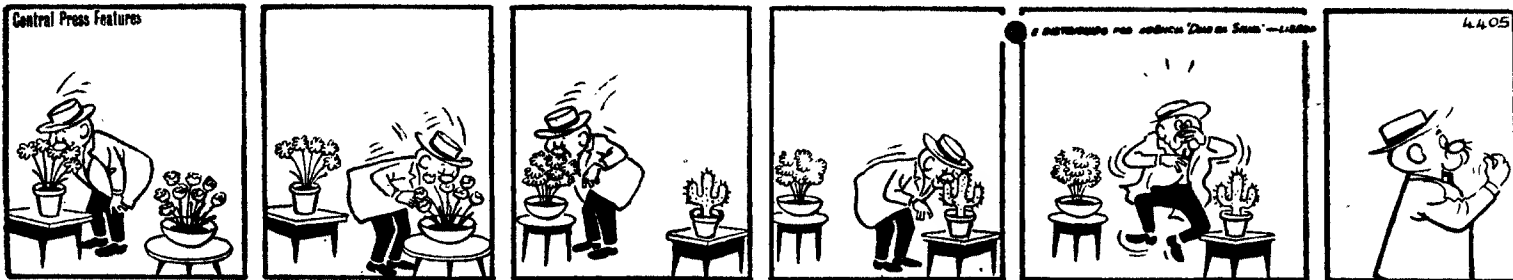
Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

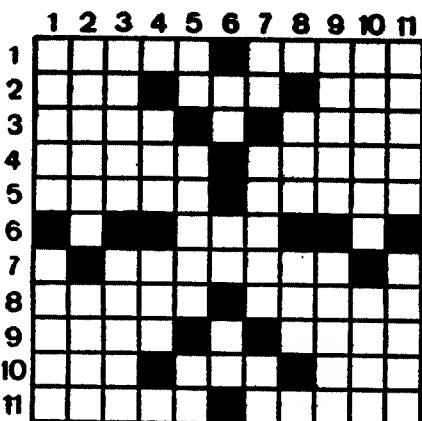
(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 5439

HORIZONTAIS: 1 — Epístola, Correio. 2 — Patrão, Colômbio, Rio da Suíça. 3 — Causa ne-nhumas. Sana. 4 — Mitria do pontífice, Enrubescem. 5 — Dá ânimo, Lavrada. 6 — Trocar. 7 — O mesmo que travenço. 8 — Limpo com areia. Rio da França e da Alemanha. 9 — Lago de Itália. Antigo definido, Oleo de sardinha (Prov. minh.). 10 — Para banhar-se, Cidade da Alemanha. Cidade de França. 11 — Invulgar, Velho.

VERTICAIS: 1 — Retruca (pop.), Apanhar. 2 — Abate, Ave semelhante à pomba. 3 — Girar, Receta. 4 — Armadura (abrev.). Curso de água natural e abundante. 5 — Antes de Cristo, irmão de Moisés, Campeão. 6 — Antigo definido, Quarta. Alternativa. 7 — Praxidímio (s. q.). De alto prego (pt.). Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. 8 — Colarido, Saudáveis. 9 — Ave da família dos cotingídeos, Oráculo. 10 — Que tem fátia, Traces. 11 — Guarnição de arames, Período.

Resolva completamente este problema. Procure, agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5438

1 — CLARO, Casar. 2 — Airé, COMO. 3 — Mãe. 4 — Cor, Cal. 5 — Prata, Isada. 6 — Marão, Marão. 7 — Parca, Abafa. 8 — Aluar, Marar. 9 — Sem. Ela. 10 — Taba, AGUA. 11 — Animo, Altoas.

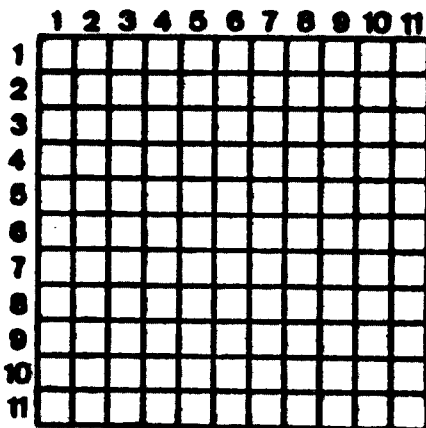
VERTICAIS: 1 — Campa, Pasta. 2 — Lira. Atear. 3 — Anear, Rumba. 4 — Ra, Taca. Am. 5 — Cão, Ave. 6 — Lú, Lú. 7 — Rim, Amo. 8 — AC, Camba. 9 — Secar, Amago. 10 — Amado. 11 — Rolão, Anos. (Provérbio: CLARO COMO AGUA)

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9282

HORIZONTAIS: 1 — Predistina Grandes. 2 — Ilal selvagem, Espaço de trinta dias, Joelma. 3 — Nota musical, Queridos, Amónia. (s. q.). 4 — Cidade de Portugal. 5 — Perfumes, Cidade do Peru. 6 — O mais, Gállo (s. q.). 7 — Ainda, Mascara. 8 — Despertamos. 9 — Batráquia, Encolizos, Rótulo (s. q.). 10 — Sapo do Amazonas, Cincho, Apetido. 11 — Cura, Patrões.

VERTICAIS: 1 — Antro, Palmeiras da Amazônia. 2 — Medida de superfície, Ganharo ranço. 3 — Campanha, Uno com solda, Cidade da antiga Califórnia. 4 — Um cento, Altar. 5 — Assassinos, Claridade. 6 — Aves galináceas, Veludo de rodas para transporte de coisas ou pessoas. 7 — Por baixo de, Sento de Portugal. 8 — Unem, Rente. 9 — Estréito de desmoronamento. Unem. Antes do meio dia. 10 — Prende, O mesmo que mazzoro. 11 — Nome de dança Guarnecês de osas.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9281

HORIZONTAIS: 1 — Lá, Solta, Pá. 2 — Ada. 3 — LUM, 3 — Cura, Bari. 4 — Recatávamos. 5 — Alta, Osa, Epa. 6 — Dadas, Ligar. 7 — Arreio, 8 — Cardo. 9 — Res, Sra. Vós. 10 — Im, Usara. 11 — Fitme, Auros.

VERTICAIS: 1 — Lacerada, Rif. 2 — Aludeto. Terri. 3 — Arcada. 4 — Aa, Ana, Um. 5 — AC. Tostase. 6 — Lapas, Enra. 7 — Tã, Validara. 8 — Ba, Irá, Au. 9 — Lamega. 10 — Piroga. 11 — Avisara, Sós.

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS NA GUINÉ

BISSAU, 5 — (L.) — Foi distribuído o boletim informativo das forças armadas na Guiné, relativo ao período de 25 de Janeiro a 1 de Fevereiro de 1970, cujo texto é o seguinte:

Durante o período, as nossas tropas empenharam-se, especialmente, em acções normais de defesa da fronteira e fiscalização de bacias hidrográficas, a fim de interceptar a infiltração e reabastecimento de grupos inimigos, provenientes da República do Senegal e da República da Guiné.

No interior da província e tendo em vista a segurança das populações e o apoio das tarefas de desenvolvimento socio económico, as nossas tropas registaram contactos nas regiões de Biamba, Maqué e Sambuadim, em virtude dos quais o inimigo sofreu, além de outras baixas, 14 mortos confirmados e 14 capturados. Foi apreendido ao inimigo importante quantidade de material ligeiro, munições e documentos.

Durante as acções levadas a efeito foram destruídos meios de comunicação, cabanas e barcos nas vias fluviais e acampamentos instalados no interior da província.

Comunicado do S. I. P.

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreu em combate o soldado de milícia n.º 723/69, Abdu Câmara, na Guiné.

O referido soldado era filho de Ansumame Câmara e de Fule Ture, natural de Cacine.

HA 30 ANOS

Há trinta anos o Carnaval caiu a seis de Fevereiro, motivo por que nesse dia não se publicou o «Diário de Lisboa».

S. R.
MINISTÉRIO
DA ECONOMIA
SECRETARIA DE ESTADO
DA INDÚSTRIA
Direcção-Geral
dos
Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Seixal, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela UNIAO ELECTRICIA PORTUGUESA para o estabelecimento, na freguesia de Amora, concelho do Seixal, de uma linha aérea a 30 kV, com 756 m, do apoio n.º 86 da linha Coina-Sobreda ao posto de transformação da Estação Elevatória de Aguas da Câmara Municipal de Almada em Corroios.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repatrição de Licenciamento, em 31 de Janeiro de 1970. Pelo ENGENHEIRO CHEFE Joaquim Gonçalves dos Santos

Grupo Excursionista «Os Totobolistas Lopes e Freitas»

O Grupo Excursionista «Os Totobolistas Lopes e Freitas» realizam amanhã o seu segundo almoço de confraternização, num restaurante de Lisboa.

NUM IMÓVEL DE LUXO DE 9 PISOS
ANDARES DESDE 230 C.

TRAVESSA DOS ARNEIROS LOTE 6 BENFICA
TRATA

LARANJO, ALEGRE & GARCIA, LDA.
MEDIADOR OFICIAL DESDE 1951

PRAÇA DA ALEGRIA, 58-2.º — SALA-E
LISBOA — TELEF. 32 78 03 - 32 67 18 - 32 85 67



Maria do Rosário Dias Camelo

MISSA DO 30.º DIA

A família participa que será celebrada missa por seu eterno descanso, amanhã, sábado, dia 7, pelas 10 horas, na igreja dos Mártires.

P. N. A. M.

DESPORTO

O problema das instalações do Illiabum (de Ílhavo)

ÍLHAVO, 6 — Por não terem sido coroados de êxito os trabalhos encetados pela direcção do Illiabum Clube, para a compra do edifício onde está instalada aquela colectividade, o que é de lamentar, trabalha a mesma, com grande entusiasmo, para que seja ampliado o salão de festas, como há muito se pensa. Segundo consta, a direcção do Centro Recreativo, proprietária do prédio, está disposta a colaborar na iniciativa, o que leva a crer que a ideia se tornará realidade.

Pensa-se que, com boa compreensão e melhor colaboração por parte dos accionistas do Centro Recreativo, num movimento bairrista que seria de aplaudir, o assunto da compra teria ficado resolvido, tanto mais que muitos desses accionistas estavam dispostos a vender as suas quotas ao Illiabum. Seria o ideal, mas do mal, o menos. Assim é de desejar que se façam as obras de ampliação, a bem da simpática colectividade que tanto se tem esforçado pelo progresso de Ílhavo.

SEIXAL

FUTEBOL CLUBE

O Seixal Futebol Clube iniciou, ontem, as comemorações da passagem do 45.º aniversário da sua fundação. De manhã procedeu-se ao embandeiramento da sede e, às 21 horas, realizou-se, ali, a inauguração da sala de troféus e uma sessão solene, seguida de uma interessante palestra proferida pelo professor Mário Lemos.

VOLEIBOL FEMININO

Marcadas as datas dos encontros Benfica-Tatran para a Taça dos Campeões

Depois da excelente vitória da equipa de voleibol feminina do Benfica frente às austríacas do Blau-Gelb e do seu consequente apuramento para a fase seguinte, sabia-se que o próximo adversário das portuguesas era a forte equipa checoslovaca do Tatran de Praga.

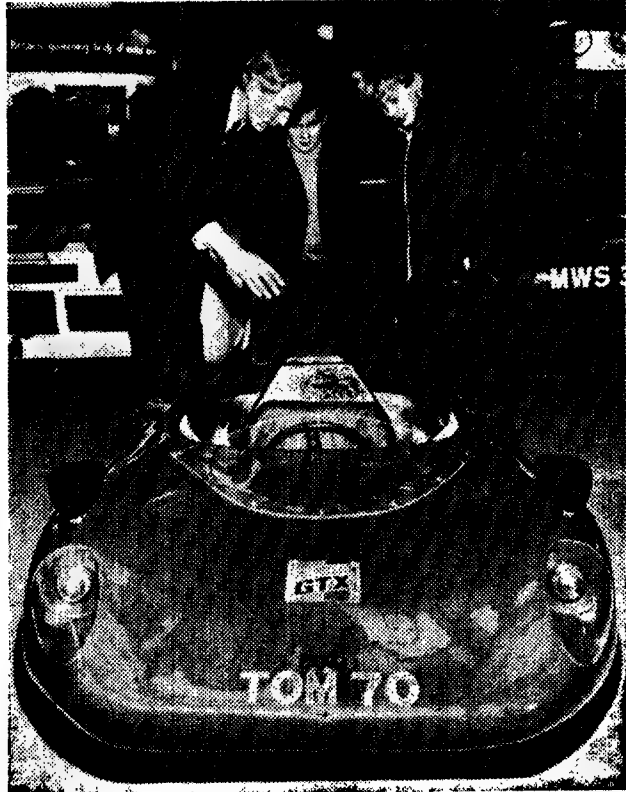
O espanhol Urtain continua a ganhar

BAIONA (França), 2 — (F. P.) — O peso pesado espanhol, José Manuel Ibar Urtain, alcançou uma nova vitória ao bater, nesta cidade, o americano Eddie Jones por K. O técnico ao segundo assalto.

O VARZIM JOGA EM LEIRIA

No próximo dia 10 (Terça-Feira de Carnaval), pelas 16 horas, realiza-se no Campo de Jogos de Marrazes um encontro de futebol particular entre as equipas de honra do Varzim Sport Clube e do Sport Clube Leiria e Marrazes, para disputa da taça «Cruz Vermelha Portuguesa».

A receita do jogo reverterá em benefício do Posto de Socorros daquela humanitária instituição em Leiria.



FÓRMULA SEIS

Este modelo pertence à novíssima «fórmula seis» e tem a particularidade de, sem motor e com pedais, servir para ensinar às crianças inglesas os bons hábitos do condutor. A carroçaria é de fibra de vidro e pode ser removida em poucos minutos. Embora se possa não acreditar, este bólide foi desenhado por alunos de uma escola primária.

NA LUZ JOGO-TREINO DO BENFICA FRENTE AO TOMAR

Ontem, à tarde, no Estádio da Luz, o Benfica defrontou o União de Tomar, num jogo-treino com vistas à jornada de domingo.

Sem qualquer outra preocupação que não fosse a de acentuar a mecanização dos vários sectores, as duas equipas desenvolveram um futebol leve e solto, com boa primeira parte dos nã-bantinos (1-2 ao intervalo) e superioridade final dos «encarnados», que terminaram a vencer por 4-2.



Calços para travões Discos para Embraiagem

ASSIM VAI O TOTOBOLA..

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o concurso n.º 23 - 9.ª Época

O Alcoa — X12 111 X11 12X1; Açores (Desportivo) — X1X -X1 11X 1121; Brados do Alentejo — 21X 111 X12 2X12; Cardenal Saraiva — 212 111 211 1122; Comércio de Portimão — 21X 111 111 1121; Correio dos Açores — 21X 111 112 1111; Correio do Vouga — 21X 111 111 1111; Defesa de Espinho — 212 111 1X1 1X11; Diário dos Açores — 21X 111 211 1121; Diário da Manhã — 212 111 1X1 11X1; O Distrito de Setúbal — 211 111 1XX 1X11; Ecos de Cacia — 21X 111 111 1X11; Eco do Funchal — 211 1X1 111 X1X2; Estrela da Manhã — 21X 111 121 1121; Eu Sei Tudo — 21X 1X1 111 1121; Folha de Domingo — 21X 111 111 112X; Gazeta do Sul — 211 1X1 1X1 1121; A Ilha (Desportiva) — 11X 111 XX1 1121; O Jornal de Felgueiras — 21X 1X1 121 1121; Jornal da Lixa — X11 1X1 111 X122; Jornal de Santo Tirso — 2X2 1XX 1X1 X122; Linhas de Elvas — 212 111 111 11X1; Notícias da Amadora — 211 111 111 1111; Notícias de Chaves — 211 111 111 X121; Notícias de Felgueiras (SD) — X1X 121 111 1121; Notícias de Felgueiras (Tot) — 11X 1X1 X11 11XX; Notícias de Penacova (Totof) — X1X 111 111 1XX1; Notícias de Penacova (Totop) — 21X 111 111 1X21; Póvoa de Lanhoso (CA) — 212 111 111 1111; Póvoa de Lanhoso (Desp) — 21X 111 111 1121; Notícias de Guimarães — 21X 111 X11 1121; Rádio Sports — 111 111 111 1121; Reconquista — X11 111 111 1121; Renovação — X12 1X1 111 1121; República — X11 121 111 1121; O Templário — 112 111 1X1 1111; Emissora Oficial da Guiné Pont. (TD) — 21X 111 X12 1121; Voz de Lamego — 211 112 1121; A Voz de Palmela — 212 111 11X 11X1; Peça Que Não Maça — 21X 111 111 11X1; Diário de Lisboa — X12 111 111 1121; Novidades — 21X 1X1 111 X1X1; A Voz — 212 111 111 1121; Brado Africano — 212 X11 XXX 1XXX; Jornal Desportivo — 212 1X1 1X1 X1X1; Domingo Alegre — X12 111 XX1 1X12; Rotetiro Sonoro — 2X1 111 X21 12X2; Terceiro Programa — X11 111 XX1 21X1; Passatempo — 222 211 1XX 2112; Bon-diazinho — 2X1 111 X2X 1X21; Cidade 70 — 2X2 111 X11 2211; Vemos Jogar no Totobola — 2X1 111 X21 2X21; Diário de Moçambique — X12 1X1 11X 2X1X; Diário — X1X 121 11X 1121; Notícias da Beira — X12 1X1 11X X121; Almanaque — 21X XX1 X11 1121; Auto Rádio — 211 111 111 11X1; Boletim Desportivo RP — 12X 111 111 1111; Boletim Desportivo TA — 212 1X1 111 XX21; Cantinho Ricardo Lemos — X11 1X1 111 1111; Cavallada do Ritmo — 2XX 1X1 111 X1X1; Colina Sagrada — 212 111 1X2 2X11; O Comércio do Porto — X1X 1X1 111 1121; A Defesa — X1X 1X1 111 1121; De Tudo Um Pouco — 21X 111 111 1XX1; As 10 Espere Por Nós — 21X 1X1 X21 X1X1; Diário de Coimbra — 21X 111 111 11X1; Diário do Sul — 21X 1X1 11X 1121; Ecos do Desporto — 21X 111 11X 11X1; Dos Fracos Não Reza a História — XX1 X2X 111 X121; Ideal Rádio — 212 111 111 11X1; Imagens Piedenses — 212 111 111 11X1; Jornal do Barreiro — X1X 111 1X1 1X21; Jornal de Notícias — XX1 1X1 111 1XX1; Jornal de Sintra — X11 111 111 X121; Litoral — 111 121 111 11X1; Maria

da Fonte (Desp) — 212 111 111 1121; Maria da Fonte (VP) — 21X 111 1X1 1121; Mundo Desportivo — 21X 111 111 11X1; Música e Desporto — 21X 111 1XX 211X; Notícias d'Évora (VJT) — 21X 111 1X1 11X1; Notícias d'Évora (VD) — X12 1X1 11X X121; Notícias de Gouveia — X1X 111 X1X 1111; A Ordem — 21X 1X1 111 11X1; Prog. da Manhã — 111 111 111 1111; Prog. Sem Nome (ENR) — 211 111 1X1 1XXX; Prog. Só-Rádio — 211 X21 X12 1X21; Rádio Alentejo — 212 111 111 X121; Rádio Clube do Norte — 212 1X2 11X 12X1; Rádio Placard (ENR) — 212 211 111 1121; Rádio Placard (RCP) — 21X X11 111 1111; Rádio Placard (RCP de Lx) — 21X 111 111 1121; Rádio Ribatejo — 212 11X 211 11X1; Repórter do Dia — 211 111 1X1 1121; Repórter do Dia (Angola) — 212 111 111 1111; Resenha Desportiva (ENR) — 211 1X1 111 1121; O Setubalense — 21X 111 11X 1X21; Sorriso da Hora do Alentejo — 212 121 2XX 2121; Terra Alta — 21X 1XX 111 21X1; A Voz dos Rádicos — 211 111 111 11X1; Passatempo — 212 111 111 1111; Norte Des-

RESUMO

N.º	JOGOS	CONCURSO N.º 23			BOLAS		
		1	X	2	1	X	2 (a)
1.	U. Tomar-Setúbal	7	29	91	1	3	8
2.	Barcelense-Braga	116	8	3	10	1	1
3.	Porto-Sporting	35	51	41	3	5	4
4.	Varzim-Boavista	115	9	2	10	1	1
5.	Guimarães-Académica	89	29	9	8	3	1
6.	Belonenses-Leixões	121	5	1	10	1	1
7.	Espinho-Vizela	100	23	4	9	2	1
8.	Leça-Marinhense	94	26	7	9	2	1
9.	A. Viseu-Penafiel	99	22	6	9	2	1
10.	Farense-Atlético	96	18	13	9	2	1
11.	Santarem-Luso	99	23	5	9	2	1
12.	Seixal-Torrense	29	35	63	3	3	6
13.	Portimonense-Montijo	105	13	9	10	1	1

E o prognóstico lógico será: 21X 111 111 1121

(a) — Nos termos do Art.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

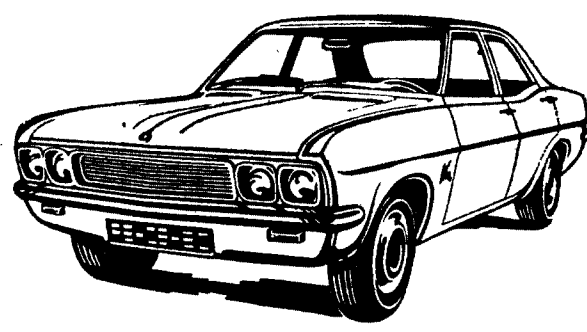
Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO



DE SUCESSO EM SUCESSO...

1970 Victor 102

Modelos: 1600 e 2000



AUTO-INDUSTRIAL GM

Coimbra-Leiria-Caldas da Rainha-Torres Vedras
Estoril-Avenida de Nice-Telefones: 263550/263336
Lisboa-Avenida Duque de Loulé, 93-95B-Telefones: 538082/562551

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO



A fase documentada pela gravura, mostra o segundo gol da equipa de Portugal. Enfrenta natural — no confirmar de um resultado que viria a assumir feição mais ampla

PORTUGAL-ESPANHA (4-0)

Uma explosão de talento e vontade

Magnífica em todos os aspectos esta merecida vitória que a selecção nacional de juniores conquistou ontem contra os espanhóis, aquecendo de entusiasmo e vibração o reduzido grupo de espectadores que se amontoou a 80 minutos de futebol juvenil, numa noite fria e chuvosa.

A grande vitória da equipa portuguesa não se traduz, quanto a nós, em quatro golos marcados. Traduz-se sim pela boa qualidade do futebol praticado, pela pureza de jogo de que os rapazes portugueses fizeram alarde, confundindo os visitantes logo desde os primeiros minutos, surpreendidos por encontrarem da parte dos portugueses uma sequência de jogo e um apuro técnico de modo algum esperavam.

Durante cerca de meia hora assistiu-se a um jogo reflectido dos nossos representantes entrecortado por fulgurantes golpes dos avançados portugueses em direcção à baliza espanhola, com relevo para Correia Dias e João Cardoso. Este último ofensivo a que os visitantes não conseguiram furtar-se garantiu o primeiro golo, marcado por NANDO aos 25 minutos. Mas havia proporcionado também umas tantas situações em que o perigo rondou a baliza de Sanchez.

Admitia-se no entanto que a selecção nacional, por menor fundo, menor condição física (todos sabem as dificuldades que há para proporcionar aos juniores um mínimo de preparação) viesse com o decorrer do tempo a fraquejar, permitindo aos visitantes uma recuperação oportuna. Porém, a medida que os minutos se acumulavam os nossos representantes ganhavam cada vez mais ascendente e

absorviam por completo um adversário recheado de bons executantes mas já incapaz de progredir com perigo no terreno.

Mostrando claramente um espírito ofensivo que não tem sido ultimamente muito característico no futebol português sénior (ao nível dos responsáveis máximos), a equipa do dr. David Sequerra forneceu ainda uma sugestão de homogeneidade, de confiança em si própria que não permite alimentar um certo optimismo em relação a um futuro que, bem vistas as coisas, tem sido ameaçado por negras sombras.

Em ritmo de vencer

Cedo se aperceberam os portugueses que tinham pela frente uma equipa de boa qualidade, com bons praticantes, mas indiscutivelmente surpreendidos e incapazes de realizar coisas práticas. Não tardou portanto que os nossos representantes impusessem definitivamente um ritmo de vencedores, construindo lances cada vez mais perigosos e envolventes. Uma forte chuva que caiu ao findar a primeira parte pareceu desequilibrar a balança a favor dos espanhóis, que tiveram um período de assédio à baliza de Maños. Afastado o perigo, numa manobra defensiva quase perfeita, os portugueses tomaram novamente o comando do jogo, aumentando a diferença para 2-0, logo aos 8 minutos da segunda parte, com golo de JOÃO CARDOSO que surgiu no momento exacto a alvejar a baliza. Quatro minutos depois, CASTRO fazia 3-0 para JOÃO CARDOSO fixar o resultado final, aos 24 minutos, em 4-0. Estava garantida uma vitória que parecia definitiva e em que pou-

cos acreditavam. A segunda parte foi aliás preenchida com uma agradável exibição da turma portuguesa a brincar ao público com uma exibição de excelente nível futebolístico, em que não faltou talento e uma permanente ideia de jogar bem, de utilizar as melhores soluções, numa interpretação de futebol pensada, técnico e tácticamente correcta.

O calor do jogo nunca contagiou os jogadores nacionais levando-os a actuar naquela

**Por
AUGUSTO VILELA**

base emocional tão frequente neste tipo de encontros. Houve entusiasmo e voluntariedade mas ao mesmo tempo cabeça fria. Diríamos quase maturidade. Claro, definido voltado para o ataque, o jogo dos portugueses agradou em absoluto e creditou um bom número de pontos positivos na cotação da equipa.

Surpreendeu-nos a desenvoltura dos avançados, a sua facilidade em caminhar com a bola para a baliza, trocando posições em movimento, furtando-se hábilmente à marcação dos adversários, enquanto na defesa e na linha média os respectivos elementos de-

monstravam uma absoluta autoridade nos diferentes capítulos do jogo.

Em todas as circunstâncias a equipa portuguesa procurou acima de tudo fazer as coisas bem feitas, baseada na técnica e na perfeição. Raramente se viu um pontapé para o ar ou um lance a que faltasse intencionalidade.

A equipa espanhola é mais fraca do que toda a gente supunha. Mas não tão fraca que autorize a vermos este 4-0 como um resultado fácil. Tecnicamente os jogadores espanhóis situam-se na média, muito acima da média. Aquela fúria que era uma constante do futebol espanhol não se viu. Pelo contrário deparou-se-nos uma equipa que aceitou uma inesperada situação de subalteridade, no desenrolar das operações.

Para o futebol português, este triunfo, merecido e justificado é sem dúvida promissor e compensa bem as mil e uma exatitudes de um seleccionador que apostou no trabalho, na dedicação e na inteligência, merecendo portanto ver o seu esforço dar os resultados por que esperava.

Vitória brilhante sem quaisquer reticências, um encontro de exemplar correcção, a projectar luz verde sobre a equipa.



Seleção nacional de juniores. Após o desaire de Paris, uma expressiva vitória sobre a Espanha. As esperanças mantêm-se

PASSA-SE NO TÊNIS DE MESA

Distinção conferida e não correspondida

No Campeonato de Lisboa de Ténis de Mesa (1.ª categoria), actualmente em curso, verifica-se um alarmante volume de faltas de comperência. Muitos dos encontros programados não se realizam, devido à ausência de um ou mesmo de ambos os intervenientes. O facto é de lamentar, tanto mais que dá azo a um desvirtuar de intentos, prejudicando irreversivelmente a prova na sua dimensão e interesse.

As razões conducentes a tal alheamento não são difíceis de prever, e resultam, basicamente, de uma regulamentação algo ingénua embora bem intencionada.

Efectivamente, a semelhança do que acontece noutras modalidades, também na popular expressão desportiva, dividida em várias categorias, existem promoções... e despromoções: baixam os últimos classificados nos campeonatos individuais; sobem o primeiros.

Tudo certo. Mas há, também, uma classe diferente, imutável, vitalícia: a dos «internacionais». Na verdade, os pingue-pongistas que hajam atingido a «internacionalização», passam a ter, automaticamente, lugar cativo na 1.ª categoria — compareçam, ou não aos campeonatos percam ou ganhem, classifiquem-se bem ou sejam mesmo os últimos. A «internacionalização» confere-lhes a distinção, garante-lhes o lugar montanhês a categoria...

... E — claro — sem nada mais por que fazer (para além de uma vitória eventual), esses jogadores constituem uma «élite» perfeitamente salvaguardada, podem, naturalmente, dar-se ao luxo de uma isenção cômica e insusceptível de perdas ou represálias. São inscritos (pelos clubes) num campeonato por um ou mais jogos que pensavam vencer a qualquer, a possibilidade de um triunfo final ou de uma classificação no cimo da tabela...? — Não há problema. Alheiam-se à prova, deixam de comparecer ao evento. Tudo resolvido que a permanência na 1.ª categoria é intocável.

Evidentemente que, se a forma, não corresponde à distinção que lhes foi conferida.

... Mas não menos evidente se torna também que a regulamentação vigente constitui a principal sustentadora de tais anomalias. Há que ponderar o problema atentamente e arranjar solução adequada. O facto ou o fracasso de um torneio não pode ficar a cargo de subalternos, que a ninguém interessam.

SÁBADO DESPORTIVO

ANDEBOL — Campeonato de Lisboa da 1.ª Divisão: Técnico-Alameda, Belenenses-Sporting e C. N. O. C. A. Passos Manuel. No pavilhão de Campo de Ourique, a partir das 20 e 30 horas.

— Campeonato de Lisboa, de juniores: Benfica-Alameda, Passos Manuel (B)-Sporting (A) e C. Ourique-Belenenses, no pavilhão de Campo de Ourique, a partir das 16 e 30 horas.

B.A.SQUETEROL — Cam-

peonato de Lisboa da 1.ª Divisão: Técnico-Alameda, Belenenses-Sporting e C. N. O. C. A. Passos Manuel. No pavilhão de Campo de Ourique, a partir das 20 e 30 horas.

— Campeonato Nacional da 2.ª Divisão: Atlético-Montijo (no ginásio do Técnico), Lusitano (no Barreiro), Internacional-Sp. Farense e Lisgás-Sp. Olhanense (ambos no pavilhão da Ajuda), Olhanenses-Seixal (em Olhão), Casa dos Pescadores de Portimão-Técnico (em Portimão), Olivais-Naval (no pavilhão do Sport), Galitos-Ilhabelum (em Aveiro), Fluvial-C. D. U. P. (no pavilhão Galvão Teles), Sanjoanense-Esgueira (em S. João da Madeira), Sp. Figueirense-Comitricense (na Figueira da Foz) e Gaia Gufões (no pavilhão de Gaia).

FUTEBOL — Campeonato de Reservas (II e III Divisões) da A. F. L. Olivais-Alhandra e Casa Pia A. C. Atlético, nos campos dos primeiros, às 16 horas.

— Torneio dos Ginásios de Informação: Rádio Universidade-A Capital (no campo do Palmense); Notícias-Século (no campo do Oriental); Diário de Notícias-Mundo Desportivo (no campo do Arroios); Diário Popular-Jornal do Comércio (no campo do Fur Benfca); R. T. P.-Rádio Clube (no campo da Casa Pia) — todos às 16 horas.

Acontecimentos DE ONTEM

BILHAR

Na Associação dos Amadores de Biliar de Lisboa prosseguiram, ontem, as suas provas actualmente em curso, tendo-se verificado os seguintes resultados:

Campeonato da 4.ª categoria (partida livre) — João de Deus-Jesus Santos, 100-87; Henrique Louro-coronel Moraes Pinto, 100-63.

Taça Luis Coelho (três ta-

belas) — Vítor Hugo (Benfica)-Vladimiro Monteiro (Benfica), 60-60.

ANDEBOL

Resultados dos encontros disputados ontem à noite a contar para o Campeonato de Lisboa da 2.ª Divisão: Encarnação-Madre de Deus, 28-19; Orisptal-Cova da Piedade, 26-19; Casa Pia-Boa Hora, 14-33.

Propriedades

— VENDAS — Dinheiro CASAS

MORADIA

Vende-se entre Oeiras e Carcavelos, muito bem situada, a estrear, composta de r/chão e 1.º andar, com lindas vistas e todos os requisitos modernos, totalmente independente, com uma área de 1500 m2, pronta a fazer escritura. Trata-se F. Fernandes & Costa, Lda., Av. Almirante Reis, 104-2.º, telef. 53 61 11-2-3 — Lisboa.

PREDIOS ANDARES MORADIAS TERRENOS
não compre sem consultar a



PREDIAL

ROBREL

Rua Rodrigues Sampaio, 69

Contacto

M. NUNES



PUBLICIDADE
Telef. 847260

Em VENDAS NOVAS o «DIÁRIO DE LISBOA», encontra-se a venda na PAPELARIA SIMÕES, de Ramalho & Madruga — Praça da República 72.

ANDARES

Ao Campo Grande, com facilidades de 300 contos a Caixa, em prédio de luxo e 6 div. assoalh., 3 c. de banho, despensa, roupeiro, intercomunicadores e aquecimento. Preços desde 750 contos. Ver Av. do Brasil, 40.

s/ prédios

EMPRESA SE rápida-mente e em boas condições 15 a 2000 contos em 1 ou 2.º hipotecas de prédios, ou construção. Também se aceitam propriedades para venda Casa Laires, Rua da Prata, 291, 2.º, Dt. — Telef. 325487, 470618 (Junto a P da Figueira).

para alugar

Procure V. Ex. nos a/cr-entórios onde temos sempre variados andares e lojas para alugar em Lisboa e arredores. Não cobramos qualquer importância a título de comissão aos inquilinos.
Trata: SOC. CONS. EN- VICTA, Rua do Ouro, 292, L. — Telef. 30259-34755.

NA COMPRA VENDA E HIPOTECA DE PROPRIEDADES



(MEDIADORES AUTORIZADOS)
AV. ALMIRANTE REIS, 104-2.º — TELEF. 53 61 11/2/3

QUINTA EM SINTRA

Muito bem situada na estrada Sintra-Colares. Composta de 15.000 m2 devidamente murada, duas moradias, uma pequena outra grande, bem conservadas, capela, piscina, pombeiros, galinheiros, garagem, 2 poços com depósito, equipados com motor. Aceitam-se ofertas. Assunto urgente.

MOSTRA E TRATA
«A CONFIDENTE»
Rossio, 3, 2.º — Telefones 369384-5-6 — 328232-3 — 361756

O LIVRETE QUILOMÉTRICO DÁ-LHE 20% DE REDUÇÃO SOBRE OS PREÇOS DA TARIFA GERAL



EM QUALQUER ÉPOCA DO ANO E PARA QUALQUER PONTO DO PAÍS.

Φ - Departamento Comercial - Publicidade

CAPITAIS

COLOCAM-SE COM INTEIRA GARANTIA, AO MELHOR JURO, SOBRE HIPOTECA:

CONSULTEM A

EMPRESA PREDIAL NORTENHA

Praça da Alegria, 58, 2.º — Telef. 36 67 31 - 36 68 12
— e escolham a solução mais adequada às v/ pretensões.

Automóveis

VENDAS: ALUGUER:

Automóveis e Furgonetas de diversas marcas e modelos. Não compre sem consultar Florindo M. Coelho — Rua António Pedro, 40, cave Tel. 448446.

Contacto

M. NUNES



Telef. 847260
PUBLICIDADE

Automóveis de Aluguer
C/ e s/ condutor. Av. Barbosa du Bocage, 1. Tel. 769848-761987.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os combolos eléctricos

Volkswagen 1500 de Luxe, 1968; N. S. U. Prinz 1000 S, 1968; Simca 1000 G. L. S., 1968; Fiat 850, 1966; Taunus 12 M, 1500, de 2 portas, 1965; M. G. Midget, 1964; Austin Cooper S 1300, 1964; Morris 850 Super, 1964; Saab mod. 96, de Luxe, 1965.

Fac. troca e pag.

VENDE: MARCELO

Av. João Cris- tomo, 47-C

AUTOMÓVEIS s/ condutor. Mod. recentes, impecáveis. Consulte-nos: L. St. Bárbara, 5-B. Telef. 53 46 57.

SERVIÇOS DE NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 534657 — L. St. Bárbara, 5-B
- 49612 — Jomil Auto — Rua Ponta Delgada, 40-A-B
- 769848 — EUROCAR — Av. Barbosa du Bocage, 1
- 42890 — Taxis Universo, Lda., — Av. República, 26
- 727654 — Auto Monumental do Areeiro, Lda. — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-E
- 539169/539345 — BRUNAUTO, Rua Joaquim Bonifácio, 10-A
- 553033 — STALL — Rua Soc. Farmacêutica, 30-A
- 714391 — OLIVAUTO — Av. de Madrid, 16-B

Sobre automóveis

Particular empresta 5 a 100 contos

em 1/2 hora com ou s/ hipoteca, mesmo que estejam em dívida ao Stand, ou seguro, Sem fiador. Prazos hipotecados, sem alteração de 40 meses. Tel. 66 36 97. Rua Arco a S. Mamede, 18 2.º-F (ao Rato)

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria, Ferros — Rua de S. Julião, 64-66.

RÁDIOS

Portáteis de mesa e de móvel, grande variedade de modelos das melhores marcas europeias em exposição na

IMPERLUZ

Avenida Almirante Reis, 172-A
Telef. 53 35 92

TELEVISORES

«NORDMENDE» não é uma marca vulgar de aparelhos de TV. Jamais igualou ou ultrapassado pela concorrência, sempre que inicia no mercado o lançamento de novos modelos «NORDMENDE» é além do nome próprio do seu fabricante o símbolo de vanguarda na técnica alemã da especialidade

Está de parabéns preferindo:



Exposição e venda
na:
Av. Almirante Reis, 172-A
Telef. 533592

Capitais

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?

ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A

ORCOSI

Telefs. 367444/323172
Rua 1.º de Dezembro, 45

DINHEIRO SOBRE

AUTOMÓVEIS E PROPRIEDADES

ROBREL

R. Rodrigues Sampaio, 69
Telefs. 44802 - 536569

SE TEM AUTOMÓVEL

Realize dinheiro rápida-mente desde 5 contos; s/ vender, s/ hipotecar, s/ le- var, s/ fiador até 40 meses. SIMPLES, EFICIENTE, ECONÓMICO
R. 560713

LOJA OU ARMAZÉM

Temos para alugar em prédio moderno, óptimo acesso, com 300 m2, luz e água, entre Belém e Algés.

Resposta ao jornal ao n.º 424

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE MATERIAL

COMPAE 69/DSM

Faz-se publicação que na Secretaria da Comissão do Plano de Aquisições do Exército da Direcção do Serviço de Material, Rua Rodrigo da Fonseca, n.º 180, 3.º, em Lisboa, se encontram abertos os Concursos Públicos seguintes:

Concurso N.º	Aquisição de	Caução provisória	Abertura de propostas	
			Data	Hora
2/70—PAE69	MATERIAL TOPOGRÁFICO	10 000\$00	11MAR70	15.30 H.
3/70—PAE69	EQUIPAMENTOS DE DES- TRUIÇÃO N.º 1, 2 e 3	76 000\$00	13MAR70	15.30 H.

Os respectivos Cadernos de Encargos podem ser consultados todos os dias úteis das 14 às 18 horas e aos sábados das 10 às 12 horas.

As propostas devem ser entregues até às 15 horas do dia acima marcado para a abertura das mesmas.

Lisboa 2 de Fevereiro de 1970

O Presidente da COMPAE69/DSM,
Luís Borges Ramos
Ten. Cor. Eng.º SM

Pequenos anúncios • Pequenos anúncios • Pequenos anúncios •

*** ROMA**
(Adultos) Tel. 727778
As 15.30 e 21.45
A estrondosa comédia
CONFIDENCIALÍSSIMO
com Annie Girardot e Francis Blanche

*** SÃO LUIZ**
(M. 12 anos) Tel. 327172
As 15.15, 18.15 e 21.30
Os pioneiros do automobilismo numa comédia sensacional
2.ª SEMANA
OS GLORIOSOS CALHAMBEQUES

No salão de festas — Exposição de automóveis antigos miniatura

*** ALVALADE**
(M. 12 anos) Tel. 763080
As 15.45 e 21.45
Os pioneiros do automobilismo numa comédia sensacional
2.ª SEMANA
Technicolor — Cinemascope
OS GLORIOSOS CALHAMBEQUES
com Tony Curtis, Susan Hampshire e Bourvil

*** ODEON**
(M. 12 anos) Tel. 326283
As 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
2.ª SEMANA SENSACIONAL!
UM ESCÂNDALO DE GARGALHADAS!
4 BRUTOS NO OESTE
com «OS QUATRO BRUTOS»
(celebre atracção da TV).
Emma Penella e Darryl Cowi
A história de quatro caçadores em bolandas com um cadáver e um tesouro num caixão...

*** ESTUDIO 444**
(Adultos) Tel. 779095
As 15.30, 18.30 e 21.45
3.ª MÊS
12.ª SEMANA
A espantosa comédia de PIETRO GERMI
DIVÓRCIO A ITALIANA
com Marcello Mastroianni

*** CHIADO TERRASSE**
(M. 12 anos) As 21 horas
O DIABO ERA OUTRO
7 MULHERES PARA OS MAC GREGOR

*** LIZ**
(M. 12 anos) Tel. 48560
As 21 horas
A VELHA RAPOSA
ASSALTO AO QUEEN MARY

*** IMPÉRIO**
(Adultos) Tel. 555134
As 15.15 e 21.30
Os desejos inconfessáveis de um «jovem» de 40 anos!
Um filme de Franco Giraldi
A REBOLONA
com Ugo Tognazzi e Isabella Rel

*** ESTÚDIO**
(M. 17 anos) Tel. 555134
As 15.30, 18.30 e 21.45
A obra-prima de MARCEL CARNE
EM 5.ª SEMANA
TRÊS QUARTOS EM NOVA IORQUE
com Annie Girardot

*** VOX**
(M. 17 anos) Tel. 720808
As 18.30 e 21.45
Rod Steiger, Judy Geeson e Claire Bloom num filme de apaixonante interesse!
A RAPARIGA DO AUTO-STOP
TECHNICOLOR
Apresentado no XIX Festival Internacional de Berlim

*** MUNDIAL**
(Adultos) Tel. 538743
As 15.15, 18.30 e 21.45
5.ª semana de encontros
Shirley MacLaine, Sammy Davis Jr. e Ricardo Montalban
no superespectáculo de 1970, em Cinemascope e Technicolor
«SWEET CHARITY»
(A rapariga que queria ser amada)
O filme escolhido para inaugurar o Festival de Cannes em 1969

*** EUROPA**
(M. 12 anos) Tel. 661016
As 15.15 e 21.30
Amor e aventura a altas velocidades
Panavision-Color
BOLA DE FOGO — 500
Domingo, segunda, terça
CARNAVAL — Mais de 4 horas de folia para todos
(M. 6 anos)

*** CONDES**
(M. 17 anos) Tel. 522523-326710
As 15.15, 18.15 e 21.30
Annie Girardot, Francis Blanche e Jean YVES
CONFIDENCIALÍSSIMO
Prémio Fémica — Paris 1969

*** CASINO ESTORIL**
(M. 12 anos) Tel. 48560
As 21 horas
O «SANTO»
E A VENDETTA
com Roger Moore e Ian Hendry

*** SÃO JORGE**
(M. 17 anos) Tel. 54153/4
Hoje às 15.15, 18.15 e 21.30
EM 4.ª SEMANA
THE GRADUATE
(A PRIMEIRA NOITE)
(Oscar para o melhor realizador)
com Anne Bancroft, Dustin Hoffman e Katharine Ross

Domingo, às 11 h. da manhã
CINEMA COM CRITÉRIO
UM HOMEM PARA A ETERNIDADE
(12 anos)
Patrocínio do Cineclub Católico
Entrada facilitada aos sócios do Cineclub Católico
Bilhetes à venda: preço único — 10\$00

*** TIVOLI**
(M. 12 anos) Tel. 50595
As 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
EM 8.ª SEMANA
UM FILME INCOMPARÁVEL
em TODD-AO cor de Lux
com BARBRA STREISAND
HELLO, DOLLY
UMA MARAVILHA

*** MONUMENTAL**
(M. 12 anos) Tel. 555131
As 15.15 e 21.30
Um filme gigante em 3.ª semana
O OURO DE MACKENNA
Gregory Peck — Omar Sharif
Um gigante de acção numa paupante aventura!

*** QUINZENA DA COMÉDIA PORTUGUESA**
HOJE — (M. 12 anos) 18.30 n
O PAI TIRANO, de António Lopes Ribeiro (1941)
com Vasco Santana, Ribetinho, Leonor Maia, etc.
Dia 12: Maria Papoia (M. 12 anos)

*** AVIS**
(M. 12 anos) Tel. 47163
As 15.30 e 21.45
Divertida comédia musical
JUVENTUDE ENAMORADA
c/ Little Tony e Marisa Salinas

*** LIDO**
Praça D. João I — AMADORA
(M. 17 anos) Tel. 937593
As 21.30
Ele aqui está! CANTINFLAS!
O rei da boa disposição
D. QUIXOTE SEM MANCHA
Um festival de franca gargalhada

*** POLITEAMA**
(M. 12 anos) Tel. 326305
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
ULTIMAS EXIBIÇÕES
DO APAIXONANTE FILME A SELVA DOS DIAMANTES
com James Garner e Eva Renzi

CARNAVAL
4 tardes infantis, às 15.30
com brindes para TODAS as crianças
ATENÇÃO: Todas as tardes concursos de máscaras com prémios especiais
Nas noites de sábado para domingo e de 2.ª para 3.ª-feira, às 22 horas:
CINEMA — VARIEDADES BAILE
BILHETES A VENDA (Maiores 15 anos)

*** EDEN**
(Adultos) Tel. 320768
As 15.15, 18.30 e 21.45
O filme que pelo seu tema ousado tem atraído o público de Lisboa!
MEIAS PRETAS
3.ª SEMANA
EASTMANCOLOR
c/ Susan George e Victor Henry

*** RESTELO**
(M. 17 anos) Tel. 610375
As 21.30
Dois grandes actores num filme sensacional
QUE RICO PAR...
com Rock Hudson e Claudia Cardinale

*** IMPERIAL**
(M. 17 anos) Tel. 45933
As 21 horas
DESEJO PERVERSO
MORTE A COMPASSO

*** OUTROS ESPECTÁCULOS**
CIRCO
COLISEU — As 21 e 30: «Compagnia de Circo»
TEATROS
VARIEDADES — As 20 e 45 e às 23: «Pega a palavra» (17 anos)
LAURA ALVES — As 21 e 45: «A Fanta» (17 anos)
CAPITÓLIO — As 21 e 45: «O orvalho espanhol» (12 anos)
VILLARET — As 21 e às 23: «O vision yoador» (17 anos)
MARIA VITÓRIA — As 20 e 45 e às 23: «Esperteza saloia» (17 anos)
VASCO SANTANA — As 21 e 45: «As mãos de Abraão Zacuto» (17 anos)

Espectáculos em Famalicão pelo T. V. do Porto

VILA NOVA DE FAMALICÃO, 6. — O Teatro Universitário do Porto vem hoje a esta vila e aqui dará três espectáculos com «D. Calos» e «A Galinha dos Ovos de Ouro», peças infantis, da autoria de Correia Alves, às 17 e 30, e com «Fuenteovejuna», de Lope de Vega, às 21 e 30.
A encenação das peças referidas é de Correia Alves; os figurantes, de José Rodrigues, e a coreografia, de Clara de Oliveira. A música da última peça é de José Afonso.

MONUMENTAL
CARNAVAL — 1970
4 NOITES DE VERDADEIRA FOLIA
As 21.30 h.
(Maiores de 15 anos)
4 SURPREENDENTES TARDES INFANTIS
As 15 h.
(Maiores de 6 anos)

PROSPECTOS EM DISTRIBUIÇÃO — BILHETES A VENDA

FARMACIAS DE SERVIÇO

Em Lisboa — Turno J

ALCANTARA — Ester Nogueira, R. de Alcantara, 5-A (637563).
ALMIRANTE REIS — Antolin, Lda, Av. Almirante Reis, 88-B-C (44713) * Magalhães, Av. Almirante Reis, 4-D a 4-F (49479).
ALVALADE — Líbia, Av. da Igreja, 4-B-C (711681) * Marbel, Av. de Roma 181-A (776235).
AMOREIRAS — Amoreiras, Praça das Águas Livres, 8-D (681515).
AREIRO — Lusitana, Av. de Roma, 18-A (725443) * Chinde, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (710381).
ARROIOS — Fonseca — R. Carvalho Araújo, 46-B-C (841708).
AVENIDAS NOVAS — Providência, Rua D. Filipe de Vilhena, 9-C (770324) * Sá da Bandeira, R. Marques Sá da Bandeira, 36-42 (41961-54672) * Oliveira Viagas, R. Viniata, 29-A (48966-55360).
BAIRRO DA ENCARNACÃO — Zira, Pr. das Casas Novas, Lote 66 (310172).
BAIXA — Formosinho, P. dos Restauradores, 18 (30927) * Narmal, R. da Prata 220 (321842-325553).
BENFICA — Benflicuz, Est. de Benflica, 44-A (782606) * Poggio, Lda, Estrada A-da-Moia, 64-C (702226) * Macedo, Est. do Pogo do Chão, 69-C (703697).
CAMPO DE OURIQUE — Unalida — Rua Ferreira Borges, 30 (660955) * Fínder — Rua D. Maria Pia, 514 (687949).
CAMPOLIDE — Ronil, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (683438) * Zenel, R. A. 182, Bairro da Liberdade (651840) * Nova, R. de Campolide, 297-C (687475).
CAMPO DE SANTANA — Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 117-118 (553308).
ESTEFANIA — Délio, Rua Agóres, 32 (52388).
ESTRELA E LAPA — Neves, Suc., R. da Bela Vista, á Lapa, 37 (661251).
GRAÇA — Higienica, R. Heliadora Salgado, 20-A (844361).
LUMIAIR — Patuleia, Herdeiros, R. do Lumiar, 122-124 (790332) * Dours, Al. dos Linhas de Torres, 93-A-B (791131).
OLIVAIS — Simão — R. Cidade de Cabinda, 16-A (310581).
PALHAVA — Centro, Est. das Laranjeiras, 202-B (780841).
PEDROÇOS — Higiluz, R. de Pedrouços, 50-52 (610280).
PENHA DE FRANÇA — Dalton, Av. Mouzinho de Albuquerque, 7-A (843571) * Europe, Av. General Roçadas, 27-A-B (Tel. 843880).

PICHELEIRA — Mariz, Calc. da Picheleira, 140-B-C (720703) * 728395).
PRINCEPE REAL — Gonçalves, Lda, R. da Rosa, 76-178 (362687).
REGO — Berne, Av. de Berna, 44-A (773568).
SANTO AMARO — Botânico, R. da Junqueira, 38-40 (638132).
S. BENTO — Micael, R. de S. Bento, 380-382 (662162) * Azeiteiro, Largo do Conde Barão, 2 (661830).
DE SANTA APOLÔNIA AO BEATO — Madre de Deus, R. do Margem, 15-B (382470) * Cruz de Malta, L. do Chafariz de Dentro, 36 (866126) * Zema, Rua General Justiniano Padrel (á Calçada dos Barbadinhos, 21 (832580).
Sé — Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-B (869831).
MOSCAVIDE — Santa Brbara, Rua Francisco Marques Beato, 45-A (2511234).

Linha de Cascais

ALGÉS — Combatentes — Av. Comb. G. Guerra, 166 (Telefone 213953).
CAXIAS — Nova — Rua Bernardino Ribeiro, 4-A (Tel. 242839).
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039).
OBRAS — Centra — R. João Teixeira Simões, 8 (T. 2430058).
PAREDE — Grincho — Av. da Republica, 87-A (Tel. 2471204).
ESTORIL — Marques dos Santos — R. Ferreira, J. A. - 5 (T. 260116).
CASCAIS — Cordeira — Avenida Combatentes da G. Guerra, 40 (Tel. 280701). Nova — Estrada de Alvide — Fontainhas (Telef. 281044).

Linha de Sintra

AMADORA — Melo — P. D. João I — Lote 196 — Bairro Janeiro (T. 932756). Central — Av. Carlos Lopes, 25 (Tel. 932210). Igreja — P. da Igreja, 22-A (Tel. 937740). Jardim — Av. Conde de Oeiras, Loja X-1 — Reboloira (Tel. 938424).
DAMAIA — Damala — P. Alexandre Guimarães, 9-A (Telefone 933920).
QUELUZ — GII, Av. Miguel Borna, 26 (Tel. 9501117) * Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950112).
CACÉM — Central — Rua Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034).
MEM MARTINS — Quilma — Est. Mem Martins, 285 (T. 2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456).
SINTRA — Simões — R. Heliadora Salgado, 26 (Tel. 980832).
VENDA NOVA — Nova — R. Elias Garcia, 10 (Tel. 933920).

COLARES — Colares — Abrejo

ALCOCHETE — Gamero — L. António dos Santos Jorge 5 (Tel. 234100).
ALHOS VEDROS — Portugal — Av. do Belo Rosa 9 (Telefone 224250).
ALMADA — Galeno — Rua Capitão Leitão, 85-B (Tel. 260563).
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima — Est. Nacional 221-B (Tel. 224441).
BARREIRO — Higienica — Rua D. Manuel I, 178 (Tel. 2273017).
COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues — L. 5 de Outubro, 62 (Tel. 270121).
MOITA — União Moitense — Av. Dr. Teófilo Braga, 19 (Tel. 239025).
MONTIJO — Moderno — R. Burinho Pato, 60 (Tel. 23056).
SESIMBRA — Leão — Av. Nazar (Tel. 22947).
SETUBAL — Higiene — R. Frei Agostinho da Cruz (Tel. 22408).
Portugal — R. Candido Castelo Branco (Tel. 2321).
SEIXAL — Soromenho — R. Pava Coelho 38 (Tel. 228560).

SERVIÇOS URGENTES

Telefones
AGUA, GAS, E LEITRICIDADE — Companhia das Águas, 861353 * Companhia Reunidas, 537011 * Gascidia, 538821 * Gascidia, idem e ferriados 382069.
BOMBEIROS — Sapadores 322222. Voluntários, 538524.
POLICIA E G. N. R. — serviços de emergência, 115 * Segurança Pública, 866141 * Judiciária, 535380 * Marítima, 326456 * Internacional, 362721 * Viação e Trânsito, 42205 * G.N.R. (área rural), 36865.
SAUDE — Cruz Vermelha, 865342 * Ent. e imagem permanente, 766161 * Enfermagem de urgência, 43738 * Hospital de Santa Maria, 775171 * Hospital de S. José, 860131 * San. que, exigência e soros, 771168 * 771169 * Transfusões, soros e exigência, 538524 * Centro de Intoxicações (Informativo), 767777 761176 e 763450.
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 * Caminhos-de-ferro, (C. P.), 869029 * Caminhos-de-ferro (Estad.) 861121 * Estação fluvial (T. Paga), 825345 * Estação marítima de Alcantara, 663195 * Estação Marítima da Rocha, 672445 * Estação fluvial (Belém), 638511.

BOM APETITE

RESTAURANTE antónio
AMANHÃ
DOBRADA À ANTÓNIO DOMINGO
CABRITO NO FORNO
R. Tomás Ribeiro, 63

TARANTELA
RESTAURANTE • SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 e 27
Telef. 535209
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes
Lanches de Casamento

TONI DOS BIFES
AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA DOMINGO
CABRITO CONSTIPADO
Av. Praia da Vitória, 50-E (Junto do Monumental)
Telef. 536080

MÚSICA, MUITA MÚSICA
UM CARNAVAL ALEGRE!
DIAS
7
8
9
10
Fevereiro

UM CARNAVAL COMPLETO
NUM AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
VARIEDADES
INFORMAÇÕES PELO TELEF. 790211
RESTAURANTE

QUINTA DE S. VICENTE
TELHEIRAS DE CIMA, 144 (2.ª CIRCULAR AO C. GRANDE)
PARQUE PRIVATIVO PARA AUTOMÓVEIS
AR CONDICIONADO
(Maiores de 15 anos)

Diário de Lisboa
DL

Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

O tempo

FORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava muito nublado. O vento era fraco de Sueste. Havia nevoeiro ou neblina em alguns locais.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Esotril, Alvalade e Tavira, 14,5; mínima: Penhas da Saúde 3° negativos.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 7°; Penhas Douradas, 0°; Coimbra, 8°; Pontalagre, 5°; Lisboa, 9°; Faro, 10°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 9,5; na água do mar 18,4.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS

ANHA

Céu muito nublado. Vento geralmente fraco. Aguaceiros ou períodos de chuva. Possibilidades de trovoadas.

Amanhã
Nascer às 8 e 38
Oscurecer às 19 e 4

Hoje Dia 13 Dia 21 Dia 1

MARES:

PREIA-MAR — Hoje — 4 e 15 (4,3 m); 16 e 42 (4,1 m); Dia 7 — 5 e 4,4 m; 17 e 30 (4,1 m); Dia 8 — 5 e 42 (4,4 m); 18 e 10 (4,1 m).
BAIXA-MAR — Hoje — 10 e 08 (0,6 m); 22 e 21 (0,7 m); Dia 7 — 10 e 54 (0,5 m); 28 e 06 (0,7 m); Dia 8 — 11 e 35 (0,6 m); 28 e 50 (0,7 m).

Corporação da Imprensa e Artes Gráficas

O projecto de alargamento do regime de pensão de sobrevivência a todos os trabalhadores do respectivo sector ocupou quase totalmente a reunião semanal da direcção da Corporação da Imprensa e Artes Gráficas.

Presidiu o dr. Borges de Castro que foi assistido pelo secretário-geral, dr. António Guardiola, tendo assistido à reunião todos os vogais da direcção, sr. Carlos Mendes Leal, João José Correia, José Abel e Lemos Pedreiro, Saphora Costa e Manuel de Jesus Neves.

BOUTIQUE
SALDA
O RESTO DAS COLECÇÕES
PREÇOS DE LIQUIDAÇÃO
até ao dia 15
Rua Serpa Pinto, 14, 1.
Telef. 320843
Rua Nova de S. Mamede, 38
Telef. 673077

M/ 6 ANOS

CAMPO PEQUENO

Domingo, 8 e Terça-feira, 10
às 16 horas
(CARNAVAL)

UM ESPECTÁCULO BARATO E DIFERENTE!

2 CAVALEIROS
PARA 3 NOVIINHOS
MANUEL SANTANA
JOAQUIM TENÓRIO

4 ESPADAS
PARA 2 NOVIILHAS
MARTINS LOBATO
ADELINO CARREGOSA
ANTÓNIO FERREIRA
ANTÓNIO PERINÚ

FORCADOS JUVENIS
DE ALCOCHETE

ALEGRIA • CIRCO TOUREIO

APRESENTAÇÃO DA



MULHER DE FERRO

UM PRODIGIO DE FORÇA
A QUE NADA RESISTE!
PREÇOS DESDE 20\$00
TELEF. 76616, 321712 e 30769

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

Companhias Reunidas Gás e Electricidade

AVISO AOS CONSUMIDORES
A melhoria de alguns elementos em serviço, obriga a interrupções de fornecimento para a sua efectivação. Assim, no próximo Domingo, cortar-se-á a corrente no seguinte Sector:



OS MAIS BELOS OLHOS DE INGLATERRA

LESLEY MASON, de 17 anos, obteve recentemente o título de Miss Optrex 1970. Num concurso em que participaram cerca de 800 jovens de toda a Grã-Bretanha, Lesley foi considerada a rapariga do seu país com os mais belos olhos. O prémio traduzir-se-á numa viagem à Jamaica com tudo pago e mais 200 libras para gastar naquilo que mais lhe agradar. Resta acrescentar que Lesley Mason é especialista em língua inglesa, História russa e Geografia.

O CHEFE DO ESTADO VISITA EM ALVERCA AS INSTALAÇÕES DA ARGIBAY

O sr. Presidente da República visita hoje as instalações da ARGIBAY — Sociedade de Construções Navais e Mecânicas, S. A., R. L., em Alverca.

Nesta visita, realizada a convite da referida empresa, o sr. almirante Américo Thomaz é acompanhado pelos ministros da Marinha e das Comunicações, secretários de Estado da Indústria e Comunicações, além de outras altas individualidades.

Os visitantes percorrem as novas oficinas onde estão em construção dois rebocadores iguais a um outro que ali foi também construído e entregue há cerca de um mês à administração dos Portos do Douro e Leixões.

Regalias sociais dos trabalhadores da indústria de panificação

O presidente da Corporação da Indústria, dr. Augusto de Sá Viana Rebelo, acompanhado pelo vice-presidente do Conselho da 3.ª Secção (Alimentação), dr. Amaral Coelho, e pelo secretário-geral, dr. Henrique Sequeira, reuniu-se com os presidentes dos Grêmios dos Industriais de Panificação de Lisboa, Porto, Coimbra, Évora e Faro. Na reunião foram apreciadas as regalias sociais de que dispõem os trabalhadores do sector, do que resultou uma análise da problemática da respectiva indústria e das implicações decorrentes do regime cerealífero.



SACOR

INAUGURAÇÃO DA REFINARIA DO PORTO "MEDALHA COMEMORATIVA"

Concurso aberto a todos os escultores portugueses diplomados e aos artistas de reconhecido mérito com obras publicamente consagradas

Até ao dia 20 de Fevereiro do corrente ano estão à disposição dos Artistas interessados as condições do concurso para a apresentação do modelo de uma medalha comemorativa da Inauguração da Refinaria do Porto, nos Serviços de Publicidade e Informação da SACOR, no Beco dos Apóstolos, n.º 7, em Lisboa.

Ao autor do trabalho que for classificado em 1.º lugar será concedido um prémio de 50.000\$00.

A cada um dos trabalhos classificados do 2.º ao 5.º lugar será atribuída a importância de 5.000\$00.

Lisboa, 6 de Fevereiro de 1970.



RESTAURANTE CASTANHEIRA
TELEF. 79 01 68 • LUMIAR • LISBOA, 5
DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA

CARNAVAL

No amplo salão de festas:

4 noites (Sábado, Domingo, 2.ª-Feira e 3.ª-Feira)
2 «matinéas» (Domingo e 3.ª-Feira)

(M/ 15 ANOS)

INFORMAÇÕES PELOS TELEFONES 790168 E 790507

Bertrand Russel —um humanismo vigilante

• UM ARTIGO DO DR. J. TIAGO
DE OLIVEIRA (NA PÁG. 5)



Prof.ª dr.ª Maria de Lourdes Belchior

A crise da Universidade

A prof.ª dr.ª Maria de Lourdes Belchior Pontes prestou à Mesa-Redonda importantes declarações sobre a (por todos assumida) CRISE DA UNIVERSIDADE PORTUGUESA. A tomada de posição da prof.ª dr.ª Maria de Lourdes Belchior é a de uma intelectual que em diversos países, quer pela sua obra escrita, quer em colóquios ou em actividade organizativa, tem contribuído para uma maior divulgação da cultura portuguesa.

A dr.ª Maria de Lourdes Belchior regou, desde 1948, várias cadeiras na Faculdade de Letras de Lisboa. Beneficiou de várias bolsas de estudo, doutorando-se pela Sorbonne e procurando, sob a orientação de diversos professores estrangeiros, dedicar-se ao estudo da literatura de milénios.

É autora de dezenas de trabalhos de investigação nos diversos campos de História da Literatura e teve, ultimamente, uma grande actividade de divulgação da poesia portuguesa em diversas Faculdades do Brasil, onde trabalhou como conselheira cultural da Embaixada de Portugal no Rio de Janeiro, de 1963 a 1966.

MESA REDONDA — A sua aprovação para catedrática da Faculdade de Letras do Porto consagrou o trabalho realizado e posições que tem assumido na vida da Universidade portuguesa. Que pensa das tarefas que a esperam no desempenho das novas responsabilidades?

DR.ª MARIA DE LURDES BELCHIOR — «Sete anos de pastor Jacob serviu...», eu servi ou tenho vindo a servir há 22 anos, quase 23, a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, para onde entrei, jovem assistente, em 1949. Estive

apenas ausente dois anos lectivos em Paris, onde preparei a dissertação de doutoramento, (doutorei-me, em Lisboa, em 1953) e três no Brasil (de 1963 a 1966) onde fui conselheira cultural, junto da Embaixada, trabalho que me apaixonou, mas que não conseguiu vencer a vocação irresistível que sinto para o ensino universitário. Em 1959 fiz concurso, de provas públicas, para professor extraordinário e fiquei, depois, à espera, do alargamento dos quadros. Na secção de Filologia Românica, em que me integro,

Cont. na pág. central

MESA REDONDA

A formação de arquitectos é ensino superior?

NUNO PORTAS

Parece chegada a altura de rever, de alto a baixo, o processo de formação dos futuros arquitectos. Para quase todos os interessados, no ponto a que as coisas chegaram, esta asserção torna-se pacífica. Menos pacíficas serão as respostas às questões que têm de voltar a ser postas: *formar quem?, formar como, e com quem?*, se se quiser mais do que uma mudança de aparência, se se quiser acertar o ensino com as necessidades do País, tal como o têm tentado muitos, desde fora ou mesmo dentro das próprias escolas, mas em vão.

Na verdade, este ensino tem vindo a passar por impressionante degradação e curiosamente em ambas as Escolas do País, ainda que com diferentes sintomas e diferentes explicações.

Assim, enquanto na Escola do Porto — que alguns julgavam poder ser preservada — se pôe em toda a crueza das salas vazias o problema da desadaptação dos processos de selecção do pessoal (problema geral apenas agravado por regu-

lamentos de concursos mais anacrónicos (!)) que leva à resolução de abandono de numeroso grupo de docentes há anos aguardando a superação dos regulamentos; assim em Lisboa o congelamento das decisões num quadro (reduzido a metade) que se mostra fora dos problemas mas atento a marginalizar as poucas acções renovadoras, impede a resposta colectiva às tais questões e

mostra que não poderá mais ser o condutor de qualquer renovação, das ideias ou da escolha dos homens. Mas no fundo, comum a ambas as escolas, a mesma desorientação, a mesma descrença invadindo os alunos e os assistentes válidos, e a partir deste ano, a mesma série de actos desesperados...

Cont. na pág. central

Portugal pitoresco (3)



PRAIA DA ROCHA

(Desenho de João Abel)

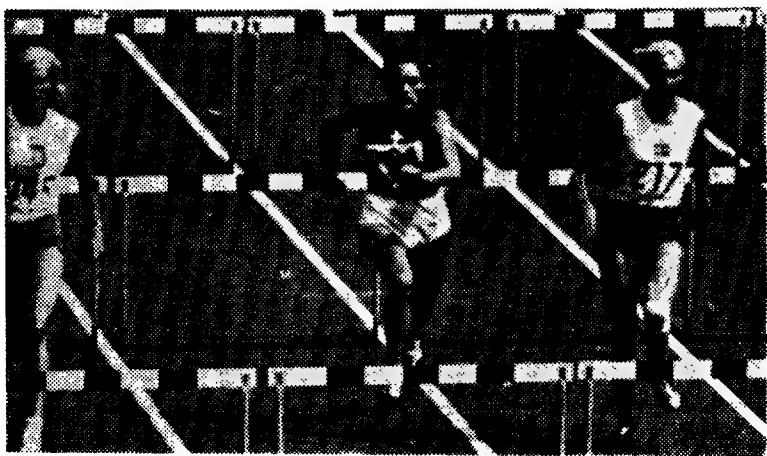
ASSIM VAI MUNDO

Desporto e juventude

Em Itália, pretende-se que o desporto se aproxime mais da juventude e da Escola. Por isso, o ministro da Instrução Pública fez publicar uma portaria com vista ao desenvolvimento da actividade desportiva em todos os estabelecimentos de ensino.

No princípio de cada ano, manda o despacho ministerial, o reitor de cada escola reunirá uma assembleia constituída pelos respectivos professores e alunos, e, ainda, pelos próprios pais. Objectivo do encontro: discussão, em conjunto, dos programas desportivos para o ano escolar.

Um exemplo curioso, que nos vem de um país onde, aliás, as despesas com a instrução sofreram um impulso notável. O total dos investimentos destinados à construção de estabelecimentos escolares, aprovado pela Comissão Interministerial para o Programa Económico de Itália (C. I. P. E.), é de 560 biliões de liras no triénio 1969/71. A maioria destes fundos destina-se a novos estabelecimentos escolares para a instrução secundária de carácter técnico e profissional. Saliente-se que 51 por cento destes investimentos serão obrigatoriamente investidos na região agrícola do Sul, o grande problema italiano no caminho do desenvolvimento. A batalha pela industrialização nessa parte do país é, assim, acompanhada pela criação das necessárias infra-estruturas escolares.



mente as reivindicações apresentadas pela União; insistiu particularmente na necessidade de obter rapidamente a semana de cinco dias a reforma aos 60 anos, em regime de voluntariado, um salário mínimo de 2000 francos por mês, uma revalorização de doze por cento dos salários da profissão e o restabelecimento de efectivos suficientes nas redacções. E registou a recusa patronal de travar qualquer discussão.

Os jornalistas da «France-Presse», convictos de que a intransigência patronal convidava a uma réplica vigorosa, comprometeram-se a cumprir toda e qualquer palavra de ordem — incluindo a greve ilimitada — que lhes seja dada pela União Nacional dos Sindicatos de Jornalistas. A moção foi votada por unanimidade.

Raridades

O Imperador do Japão acaba de publicar o décimo volume da sua bibliografia científica, aliás arredado dos circuitos comerciais. Intitula-se «Alguns Hidróides das Ilhas Amakusa», classificação biológica de oito espécies de hidróides marinhos descobertos pelo próprio imperador, apaixonado desde sempre pela biologia.

O livro foi publicado em duas edições — uma de 38 páginas em língua inglesa e outra de 60 páginas bilingues — em japonês e inglês.

Trata-se de um bom negócio para os colecionadores de raridades: a distribuição do livro de sua majestade imperial resumiu-se à doação de exemplares a certas entidades, como bibliotecas, universidades, institutos de investigação e cientistas.

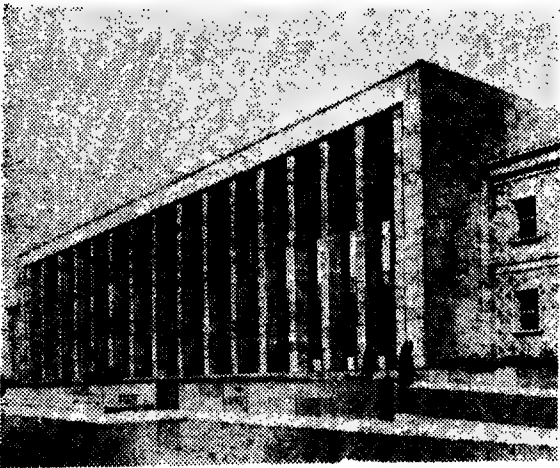
Brinquedos

Dois dos maiores produtores mundiais de brinquedos, o Japão e a Itália, procuram honrar a sua posição através de constantes iniciativas que os mantêm na liderança de tão frutuosa actividade. Enquanto a Itália (100 biliões de liras por ano, valor da sua produção) organiza, de novo, a Feira Internacional do Brinquedo, que ocupa já uma área de 50 mil metros quadrados no recinto da Feira de Milão, os japoneses criam um concurso de brinquedos em moldes originais e que nos parece pretender a dignificação dos maravilhosos objectos como processos de educação e humanização da criança. A popularidade dos brinquedos japoneses é tal, que o país se tornou o primeiro exportador mundial. Para lá dos prémios de venda e qualidade, o certame tem um sector para os brinquedos que se destinam a crianças em idade pré-escolar, até agora muito desprezados pelos fabricantes. O grande prémio foi para um brinquedo chamado «Blossoms Infantis», constituído por um conjunto de blocos em madeira com várias formas e tamanhos, permitindo que as crianças os coloquem livremente em qualquer forma que lhes agrade, com vista a fomentar a capacidade infantil para imaginar e criar a forma e o estilo.



Jornalistas

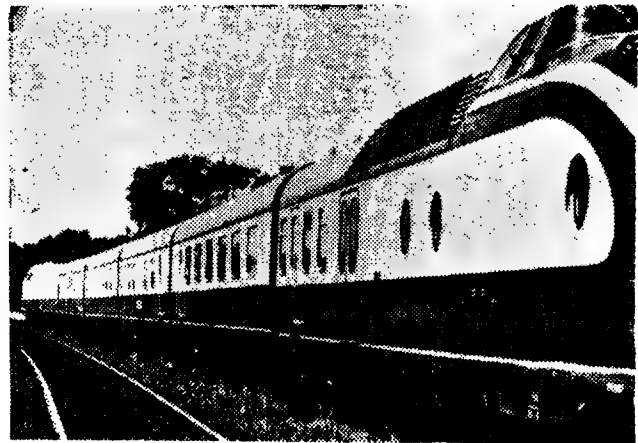
A assembleia geral dos jornalistas da «France-Presse», reunida em Paris, depois de ter ouvido as exposições dos representantes nacionais na União Nacional dos Sindicatos de Jornalistas, aprovou inteira-



Assistentes

O deputado Aguiar e Silva, ao falar, em fins de Janeiro, dos problemas da Universidade, referiu-se na Assembleia Nacional à situação (económica) dos assistentes universitários. E fez-lo com esperança «na justa e pronta solução do problema, pois conhece o profundo interesse com que o Ministério da Educação Nacional tem considerado a matéria nos últimos tempos», segundo declarou na passada terça-feira, em breve intervenção. E acrescentou:

«Foi, pois, com alegria que, após a minha intervenção, fui informado, por quem de direito nesta Casa estabelece a ligação com o Governo de que em breve será publicado um diploma legal que vem satisfazer algumas das mais prementes aspirações dos primeiros e segundos assistentes. Ao manifestar aqui o meu júbilo perante as medidas anunciadas, não o faço apenas em nome de uma categoria de docentes universitários; faço-o com o pensamento virado para o futuro da Universidade portuguesa.» Pois.



Suprimir atrasos

Foi dado um passo importante para a concretização da livre circulação de mercadorias nos países do Mercado Comum. Dezoito meses após a resolução, ao nível da C. E. E., da supressão dos direitos alfandegários nas trocas entre os seis países da Comunidade, entrou em vigor, em 1 de Janeiro de 1970, o «transit communautaire». É um regime que suprime os atrasos no transporte de mercadorias pelo Caminho de Ferro, por vezes muito prolongados, nas estações da fronteira. Esses atrasos são provocados pelas formalidades, até aqui normais. O regime aplica-se segundo duas modalidades:

— Com a sigla «transit communautaire interne» numa forma imperativa para todas as mercadorias comunitárias, circulando entre os países da comunidade.

— Com a sigla «transit communautaire externe» para as mercadorias de outros países circulando no território da Comunidade, regime tornado imperativo se o transporte nasce ou termina no Mercado Comum.

A circulação do primeiro comboio de mercadorias entre Paris-Bruxelas-Anvers-Roterdão e volta deu resultados apreciáveis: o ganho de tempo foi de 2 h. 31 m., num sentido, e 1 h. 36 m. no outro sentido; os percursos foram efectuados às médias de 65 km/hora no sentido sul-norte e 60 km/hora no sentido norte-sul. Valores muito significativos para comboios de mercadorias utilizados a longo curso.

Cinema

Um único operador, que também vende os bilhetes e fiscaliza as entradas, é todo o pessoal de que necessitam os minicinemascos projectados por um grupo sueco, produtor e exibidor de filmes: o Sandrews. As salas, nova fórmula dos po-

pulares cinemas de bairro, terão uma capacidade para 75 ou 150 pessoas, e visam concorrer, pelo seu atractivo e funcionalidade, com a televisão. A primeira série de salas de cinema está planeada para Gotemburgo, Lund, Uppsala e Umea, cidades universitárias onde existem audiências interessadas e exigentes.

A Suécia foi um dos países do mundo com maior número de salas de cinema, mas, desde o aparecimento definitivo da televisão, o seu movimento definitivo tem decrescido assustadoramente, tal como nos Estados Unidos. Segundo Goran Lindgren, director do grupo Sandrews, os dias das grandes salas de exibição de filmes estão contados.

A ideia é de que o novo tipo de cinema de bairro passará a fazer parte do centro comunitário nas proximidades das grandes lojas, restaurantes, bares e outros tipos de locais de reunião abertos depois dos horários regulares de trabalho. Numa segunda fase do projecto, atingir-se-á a quase absoluta automatização — tanto na construção como no funcionamento.

Suecos

Pela primeira vez, a população da Suécia ultrapassou a barreira dos oito milhões de habitantes. Isto ocorreu em 1969, ano em que, paradoxalmente, se confirmou a tendência para baixar o índice de natalidade naquele país. Durante o ano passado, nasceram 107 mil crianças, contra 113 000 em 1968 e 121 360 em 1967.

Em contrapartida, chegaram à Suécia, onde se fixaram no mesmo ano, 66 000 estrangeiros contra 36 000 em 1968. Acontece ainda que a emigração de nativos diminuiu de 23 300 (1968) para 20 000 no ano seguinte.

De tudo isto resulta um saldo positivo de 70 000 habitantes, que tal é o aumento que fixou a população do país, em 31 de Dezembro último, em 8 012 000 habitantes.

ASSIM VAMOS NÓS

Inquérito

Como se costuma dizer (e como costuma acontecer) em casos como este, bem pode afirmar-se que os incidentes verificados no Estádio da Luz durante o encontro de futebol entre o Sport Lisboa e Benfica e o Clube de Futebol «Os Belenenses» vão ainda fazer correr muita tinta.

Para já, fazem correr um inquérito. Limitado, como todos os inquéritos que se fazem nestas coisas. Um inquérito de superfície, que nem sequer pode incidir sobre os responsáveis directos e objectivos, já que o outro responsável apontado — o árbitro — está fora de causa: faz parte das estruturas a defender.

E se falamos de responsáveis directos e objectivos é porque nos parece existirem outros responsáveis, que tanto se podem considerar directos e objectivos como indirectos e subjectivos. O tema é tão vasto e importante que permite todas as posições, todas a cores, de acordo com as melhores conveniências. Inquérito, sim, mas o que está por fazer, o que ainda não foi programado, as condições de base que permitem a passagem da contensão interior à acção directa, aos agentes invisíveis (e visíveis), aos propulsores da mola, à segurança dos diques, às estruturas, em suma, de uma sociedade muito limitada e condicionada por um certo tipo de paixões, alienações, propaganda de massas, desvios e tantos outros factores que espíritos mais «simplificadores» pretendem resumir na dialéctica primária: ou se é pró-futebol ou antifutebol.

A revolução de Setembro de 1836

RESUMO DO LIVRO DE VICTOR DE SÁ

● Uma revolução mitificada

Dilucidar se, de facto, o movimento militar e popular que ficou conhecido na história do nosso século XIX por Revolução de Setembro sublevoou, expressivamente, na sua eclosão e prossecução, as estruturas do regime aristocrático liberal implantado em 1832, cremos ser o principal objectivo deste livro que, fazendo o diário de uma revolução, *revolucionariamente* gorada, procura explicar, com senso crítico e oportunidade, o porquê desse malogro. Mitificada pela historiografia liberal, de feição predominantemente individualista, a Revolução de Setembro, se não foi um episódio mais, inconsistente e confuso, na luta travada entre constitucionais e cartistas, também não chegou a ser ou a urdir a profunda transformação nas instituições oligárquicas que alguns chegaram a adivinhar e que não poucas tensões sociais prenunciavam.

O Autor começa por observar que se manteve intacta a concentração da propriedade sob o regime liberal, tendo a extinção das ordens religiosas e a venda dos bens sociais, a que há que acrescentar a lei das indemnizações, de que beneficiaram os emigrados, presos e homiziados durante o Governo de D. Miguel, contribuído para que a transferência do domínio económico dos antigos senhores feudais para os monopolistas do liberalismo se processasse, sem provocar alteração de monta nos quadros sociais do País. Substituindo-se a grande burguesia latifundiária e a aristocracia financeira aos antigos proprietários conventuais, decerto que qualquer tentativa de reforma, que pudesse subtrair à sua influência o poderoso «contrôle» exercido sobre o Estado, seria hostilizada.

● Os acontecimentos

Em contrapartida, a média burguesia, empenhada na expansão dos sectores produtivos a que estava ligada, reivindicava reformas de carácter administrativo, económico e político, atraindo ao seu programa a pequena burguesia e as camadas populares que mobiliza em proveito próprio. Ao erigir-se em representante de um descontentamento generalizado, a burguesia mercantil e modestamente industrial desempenhava o seu papel histórico

Quando, no dia 9 de Setembro de 1836, o povo de Lisboa acorreu aos cais do Tejo para dispensar entusiástica recepção aos deputados do Norte, onde a oposição conseguira ganhar nos círculos do Douro e das Beiras, estava criado o estado emocional que preludia a sublevação popular. Aos vivas à Constituição, a Constituição democrática dos insurrectos de 1820,

no êxito da revolta. Estas duas forças fizeram triunfar o movimento insurreccional que passou à História com o nome de Revolução de Setembro. As forças regulares que o Governo chamou em sua defesa, contagiadas pelo entusiasmo popular, confraternizaram com os revoltosos. Vendo a revolução ganha, D. Maria II não teve senão que assinar os decretos que punham em

se gerou o clima de indecisão política que encorajou os conspiradores cartistas. Hostis ao novo Governo, os grandes da Corte procuram no apoio estrangeiro a força que lhes minguava no País. Em 2 de Novembro, menos de dois meses volvidos sobre a revolução, vingou a conspiração restauracionista da Carta. Acorreram de novo às armas a Guarda Nacional, os clubes políticos e os populares. De surpresa, a rainha decretara o restabelecimento da Carta Constitucional, despedira os ministros «setembristas» e nomeara outros em seu lugar, mais da sua feição, mas as forças populares inconformadas, reunidas em Campo de Ourique, estavam dispostas a marchar sobre Belém, para provar aos conselheiros de D. Maria o erro das suas decisões e das suas secretas alianças. Era o renascer da revolta.

No entanto, mais uma vez houve quem moderasse as cabeças impetuosas e travasse o passo à indignação popular. Dessa missão se desempenhou, a bom contento de uma das partes — a Corte —, Passos Manuel um dos ministros setembristas depositado Neutralizado o ímpeto revolucionário, neste ponto dos acontecimentos demasiado incómodo para o entendimento entre os dois grupos políticos a revolução malograda dava lugar a um convénio cortês, em que constitucionais e cartistas, média burguesia e alta burguesia, de mútuo acordo, transmutavam para a intriga política e para a luta parlamentar o que fora tensão e motura, agitação e ameaça social.

● A Interrogação

Entre as primeiras figuras, no princípio do episódio revolucionário, quase figurante, no fim, não teria, no entanto, o povo, com a sua presença tingida de forma indelével o setembrismo como corrente parodoxinária? Lembremos que a ala esquerda do setembrismo, na qual se situava José Estêvão, um setembrismo «patulela, descamisado» no dizer de Oliveira Martins, não poupa a Passos Manuel o ter dado a mão aos moderados. A crítica ao interior do partido saído da revolução e a crítica ao comportamento revolucionário dos seus «leaders» não teriam provocado cisões insanáveis que desprenderam outras correntes de expressão mais popular: o primeiro socialismo ingénuo e o republicanismo de Oliveira Marreca?



José Estêvão

de que a Carta Constitucional que regia o liberalismo dos Terceiras, dos Saldanhas e dos Palmelas era uma pálida contrafeição, os manifestantes formaram-se em cortejo que atravessou a cidade até ao Palácio das Cortes. Por intermédio dos clubes e ligas patrióticas, o sector aguerrido da burguesia politicamente experiente, contactara com o caloroso empenhamento revolucionário da massa popular. Simultaneamente, a feição democrática da Guarda Nacional, cujos membros eram geralmente recrutados nos meios sociais da média e pequena burguesia, indigitava-a para um importante papel

vigor a Constituição de 1822 e nomeavam os novos ministros.

Mas, no momento em que a revolução se ganhava, começava ela a estar perdida. Perturbados com a capacidade e disposição de luta da classe popular, os dirigentes burgueses do movimento esmorecem nos seus objectivos revolucionários e buscam um compromisso com a Corte, de modo a fazerem vingar as suas aspirações menos radicais. O próprio ministério saído da revolução só medianamente a representava. Da sua equívoca posição e da ausência de medidas para defender o novo regime

Qual a importância do Povo no Setembrismo?



DEPOIMENTO
DE ALMEIDA
LANGHANS

Os portugueses estavam profundamente divididos quando se deu a Revolução de Setembro de 1836. O Povo, com expressão colectiva, ou olhava para os seus costumes e ritos tradicionais; ou abria-se para as novas ideias que, lá de fora, lhe enunciavam. O Mo-

vimento Liberal que teve a sua lídima forma na Revolução de 1820 e se exprimiu nas Cortes Constituintes de 1822 e na Lei Básica delas saída, foi lograda com a outorga da Carta Constitucional de 1826. A oferta da Carta por alvedrio do príncipe representou uma atitude de indiferença para com um dos princípios fundamentais das novas doutrinas: o princípio da soberania popular — a soberania reside essencialmente em a Nação.

Não é, portanto, para admirar, logo após dois anos de uma custosa vitória militar, que os veteranos da guerra civil sentissem que foram ludibriados ao verem a Carta de 1826 restaurada. A Constituição do Estado não foi discutida e aprovada por uma assembleia de representantes eleitos pelo Povo.

Este povo, porém, estava dilacerado pelas mais dramáticas dissensões. As famílias divididas. A gente do

campo contra a da cidade. Dentro da cidade quantos não se degladiavam em temerosa luta ideológica e de interesses de grupo. Dificilmente poderá apontar-se uma verdadeira presença do Povo, como uma totalidade nacional, no movimento político que fez a Revolução de Setembro e continuou o seu espírito.

A Revolução de 9 de Setembro de 1836 foi um pronunciamento militar de veteranos desiludidos e a resultante da persistente actividade de ardorosos tribunos sobre aqueles sectores mais azeitos às aberturas políticas. A revolução foi, essencialmente, uma revolução urbana, política e intelectual no seu espírito mas foi feita por militares. Em Lisboa dois grupos estavam particularmente aptos a colaborar, e com armas na mão, no movimento revolucionário: os artifices do Arsenal (os arsenalistas) e a gente veterana da Guarda Nacional. Quanto aos «arse-

nalistas» a sua proveniência indica tudo: é gente laboriosa dos estaleiros navais que está em contacto permanente com as novidades que circulam pelo mundo e trazidas nas arribadas quotidianas do porto. Os voluntários da Guarda Nacional vieram principalmente do comércio e das oficinas. O que se diz da gente de Lisboa poderá ser dito também dos burgueses da Invicta Cidade que um cerco prolongado e renhido caldeou em duro e irreduzível liberalismo. Este sector da população portugue-

sa foi um forte e expressivo sector. Havia um outro não menos forte — o daqueles portugueses que se obstinavam em manter-se fiéis aos costumes e ritos dos seus antepassados. Era a grande massa da gente rústica e de muitos habitantes das cidades ainda afeitos à lembrança de acontecimentos recentes que fizeram Portugal joguete das grandes Potências. Não é possível falar em termos precisos de «Povo» como uma totalidade e simultaneamente agente de acções que ainda mais acentuaram

a pulverização das ideias e dos interesses.

Não devemos esquecer de que o Setembrismo foi um movimento político nas suas causas e nos seus efeitos. Os factores socioeconómicos só mais tarde vieram a manifestar-se com força, quando as gerações nascidas por altura da Revolução de Setembro atingiram a maturidade no decurso da segunda metade do século. Fizeram-se, então, associativistas, mutualistas e socialistas antes de aceitarem o republicanismo burguês.

AUTO-MONUMENTAL DO AREIRO, S.A.R.L.

AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA

VOLKSWAGEN

AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8C e 8D
(AO AREIRO) TELEF. 727654-727665-713057



SERVIÇO

estação de serviço
peças legítimas
e oficinas
carros novos e usados
com garantias
facilidades
de pagamento

Inquerito

O livro como mercadoria

Completada, no último número, a publicação da «mesa-redonda» em que o tema foi o livro como mercadoria e na qual intervieram o editor Lyon de Castro, o poeta David Mourão-Ferreira, o dramaturgo Manuel Grangeio Crespo e José Fernandes Fafe, pelo «Diário de Lisboa», iniciamos hoje um amplo inquérito sobre o mesmo assunto, de acordo, aliás, com o que já tínhamos prometido.

Na verdade, a discussão do problema, para lá da importância que sempre lhe reconhecemos, acabou por revelar uma série de pistas inexploradas no que diz respeito a concepções socioculturais de pessoas diversas que, afinal, todas fazem parte do mesmo circuito económico, comercial, industrial e cultural.

Impõe-se, portanto, uma certa generalização do debate: mais escritores, mais editores, mais pessoas ligadas ao livro. «Mesa-Redonda» continua a perguntar: «O livro é ou não uma mercadoria? É desejável que o seja? É inevitável que o seja?»

RESPOSTA DE FERNANDO NAMORA

Ao falar-se do livro, um dos termos do trinómio sob que decorre o facto literário (escritor, livros e público), convém

sempre evitar os simplismos, avivando os esclarecimentos que nos podem ser dados por um compêndio de sociologia da literatura. Através de qualquer obra do género se verificará que o tema é complexo, embora obedeça a coordenadas, tan-

to de ordem social como psicológica, que a experiência de séculos em grande parte já codificou, e que nele intervêm ingredientes cuja multiplicidade nos expõe a contradições.

Na verdade, o convívio com a sociologia da lite-

ratura facilitar-nos-á o inventário de quase tudo o que se passa no mundo do livro (ao mesmo tempo que nos sugere o porquê), em qualquer das fases do circuito que começa no acto da criação literária (definido como o «gesto do náufrago que deita uma garrafa ao mar», acto livre mas sobre o qual já actuam as circunstâncias que o promoveram e o fim a que se propõe) até à incorporação desse gesto individual na vida colectiva, ou seja: a sua audiência através do livro, sem o que o facto literário não se completa. É corrente dizer-se — talvez grossei-

ramente — que, com o primeiro comprador, termina e se cumpre a criação, encetando-se um diálogo que a vai fecundar, diálogo singularíssimo em que apenas uma das partes se compromete — o escritor — visto que o interlocutor-público, não presente, goza da segurança, da disponibilidade e até da impunidade do anonimato.

Ora, os estudos sobre a literatura e a sociedade sublinham-nos que o livro é um produto manufacturado portanto uma mercadoria, sujeito à lei da oferta e da procura, seja qual for o regime que inspire a sua divulgação e, por conseguinte, a estrutura social em que tal divulgação se apoie. Quer dizer, pois, que uma coisa é a criação, acto solitário (conquanto resultante de uma experiência gregária), e outra a «mercadoria» (chamemos-lhe assim sem preconceito pejorativo) que daquela resultou, importando que ambas as coisas sejam particularizadas quando se trate de apreciar-lhes as saliências. Mas o facto de ser «mercadoria» não condena forçosamente o livro aos excessos de uma certa mentalidade tecnocrática que tende a ver nele um objecto, nem às degradações que ameaçam todo o produto comercializado. O problema, julgo eu, está aí: defender o livro do que o desvie de ser «o veículo de humanização» (como bem se disse nesta mesa-redonda) para o transformar «numa máquina contra os homens». É o que se vai passando nas sete partidas da edição justifica que se toquem a rebate, e sem demora, todos os sinos da cidade apastada.

FUNÇÃO ADULTERADA

Posto isto, apeteceria deduzir que não adiantará muito levantar a dúvida sobre se é «desejável» ou «inevitável» que o livro seja mercadoria, desde a hora em que ele despontou na história da literatura, substituindo, até hoje (até quando?), a difusão oral da Antiguidade e os manuscritos saídos das oficinas dos copistas — pois que o «desejável» tem pela frente um sólido «inevitável». Mas a utilidade começa aqui: no espírito que decerto presidiu à enunciação da pergunta. A função do livro, por um lado, tem sido adulterada e por outro, tem sido mal servida, assim se verificando, séculos após se ter partido para uma cultura interessada em estabelecer as mais largas relações com a colectividade, da qual recebe a seiva e a qual influencia, assim se verificando, dizia, que, ainda hoje (para citar Robert Escarpit), «uma cidade de um milhão de homens possui uma literatura à escala do milhão» e que na maioria dos países a escolha do original para eventual publicação obedeça à sua qualidade



Fernando Namora

e, sobretudo, à sua provável vendabilidade.

Pelo que respeita ao primeiro problema, o da difusão, não esqueçamos, repita-se, que em todos os meridianos o livro foi «comercializado» e em todos eles, portanto, se pretende incitar o comprador potencial e se põem em prática técnicas de alliciamento — só que, numas bandas, o objectivo dominante é o lucro, com todas as suas vicissitudes a que o livro devia ser imune, e noutras, a «mediação» comercial do editor ou do vendedor tem por alvo promover o maior contacto possível entre a obra e o seu público. Daí, que os métodos de divulgação se diferenciem em muitos aspectos, embora se justapõem noutros, todos eles, porém, obrando no sentido de introduzir o livro num público sempre mais vasto, democratizando assim a cultura, que, de privilégio de uma minoria, passou a familiarizar-se com as massas. Talvez os termos «venda» e «vendedor», nesta problemática do livro, produto *sui generis*, nos molestem os ouvidos, mas correspondem a uma realidade. Nenhum sistema oficial ou privado de distribuição dispensa o mediador, conquanto, numas casos, o mediador influencie o critério editorial, pelo menos indirectamente, e noutros lhe seja alheio. A China, por exemplo, até adoptou uma das formas mais tradicionais do comércio do livro, ultimamente reavivada na sociedade capitalista: o vendedor directo, que vai de porta em porta fazendo por ampliar a clientela da obra publicada.

FÚRIA DE PRODUÇÃO

Mas este propósito supremo de dilatar a audiência do livro, seja qual o móbil que o orienta, tem a brochura acessível como instrumento, a par de uma rede distribuidora que simplifique e active os contactos. Ora, o livro barato pressupõe ou a desistência do lucro editorial (pelo menos a correcção da sua tiragem), ou a larga tiragem, que só é possível nos grandes blocos linguísticos e numa política do livro não apenas dinâmica, mas também liberta da venenosa concorrência e adaptada, por conseguinte, às necessidades dos leitores. Porque, não se esqueça: se a edição de um livro num país de esquema capitalista representa o investimento mais arriscado entre todos os investimentos mercantis, isso deve-se fundamentalmente à falta de produção, ligada, ocioso será dizê-lo, a um critério selectivo corrompido.

Cont. na pág. 8

TRIUNFO ABSOLUTO SACOR

III RALI TARGA

VENCEDORES NOS GRUPOS

TURISMO DE SÉRIE

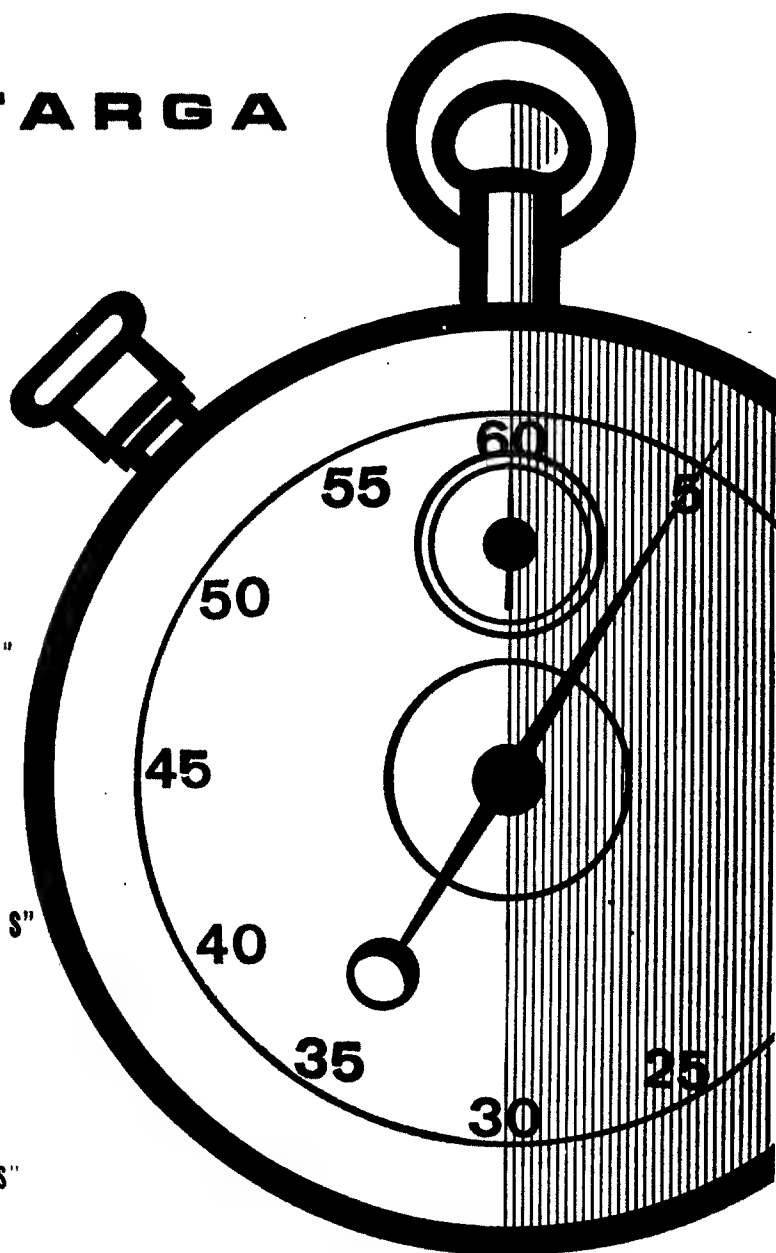
Jorge Nascimento — "BMW-2002"

TURISMO ESPECIAL

Heitor de Moraes. — "MORRIS COOPER S"

GRANDE TURISMO, DESP. E PROTÓTIPOS

Américo Nunes — "PORSCHE 911 S"



Estes Concorrentes Usaram
EXCLUSIVAMENTE produtos

SACOR



CIDLA Distribuidores Exclusivos dos Lubrificantes SACOR

espelho da imprensa

Para um novo regime do espectáculo

«São extensas ambas as propostas de lei e não é possível determo-nos mais tempo sobre elas. De resto, a Assembleia Nacional vai discutí-las e fá-lo-á, certamente, com a amplitude e o interesse que o assunto merece. Uma coisa, porém, se pode já pôr em relevo: o propósito manifestado pelo Governo de dar vigoroso alento ao teatro e ao cinema nacional. O aparecimento, em letra de forma, de um diploma legislativo não é igual à certeza da obra visionada por quem o elaborou. Mas há momentos em que não é licito pôr em dúvida a determinação dos homens responsáveis, tendo mesmo presentes as limitações invencíveis que não deixarão de se lhe deparar. Em pouco mais de um ano, abriu-se ao espectáculo teatral e cinematográfico um angulo menos acanhado. Os resultados começaram a patentear-se. A oportunidade — uma oportunidade que não é, por consequência, casual — de entrarem em jogo novas estruturas legais não podia ser melhor. E foi aproveitada, dando mão de ajuda na auspiciosa transição. Que surjam, entretanto, outras iniciativas; se constituam novas empresas; se ponham à disposição dos autênticos realizadores do teatro e do cinema os meios de que precisem; se congreguem esforços e se reunam contribuições; se ateie entre a juventude das escolas e também entre a juventude operária de todas as categorias a chama do teatro; se torne possível um futuro mais brilhante que o passado.»

(«O Século», de 4-2-70)

«Problemas angustiantes»

«Desde há muito que vamos assistindo a uma subida inexplicável, pelo menos aparentemente, de todos os géneros alimentícios. A vida está, na verdade, tomando aspectos inquietantes neste particular, e, como já há tempos referi, os chefes de família, que se norteiam pelos princípios da dignidade, dão tratos à imaginação para aguentarem a nau que governam. Os preços sobem e temos a impressão de que se trata de um fenómeno injustificado, ao arbitrio exclusivo da ganância dos comerciantes. As classes remediadas deixam, fatalmente, de contar com a possibilidade de arrecadarem no fim do mês economias, que lhes permitam aguentar a educação dos filhos e acabam, quantas vezes, por se decidirem na busca de empregos para eles que, sem preparação, que não irá além da instrução primária, têm de recorrer a ocupações de remuneração mesquinha. Os pobres, frequentemente, vivem cheios de fome, porque o pouco de que dispõem é para tapar a boca às crianças. Ora tudo isto acarreta secundariamente doenças, sofrimento, angústia e, não o esqueçamos, revolta bem justificada pelo contraste com tanto esbanjamento, que por aí se estadeia... (...) Com a vida a tornar-se cada vez mais difícil, como é que vive hoje a maioria da gente? E que, como todos sabem, não é apenas o sustento; o vestuário, as rendas de casa, os transportes, tudo vai num crescendo de tal ordem, que ameaça conduzir muitas pessoas ao desespero. O fenómeno da emigração não terá a sua lógica justificativa nas razões que apontei? Com a vida caríssima e os salários modestíssimos, os homens dos meios rurais, seduzidos pelo êxito de um ou de outro vizinho, que procurou melhoria de situação, abandonam o lar, e um após outro, partem para a aventura. Em contrapartida, os que por cá ficam, ombreiam todos os dias, humilhados, com muitos daqueles que, protegidos pela fortuna, são incapazes de dar uma boa esmola...»

(Francisco Veloso, em «A Voz», de 23-1-70)

«Todos os anos, pelo Inverno»

«Como já vem sendo hábito nesta altura do ano, a desolação inscreve-se no nosso dia-a-dia. É ler os jornais, é ler os relatos diários das cheias dos rios, das inundações, dos estragos, da paisagem de miséria que fica (quantas vezes?) por detrás disso, das vidas que os temporais levam frequentemente consigo. E já nem é preciso lembrar Novembro de 1967. Agora, Janeiro de 1970, a história, a história (em pequena escala, felizmente) repete-se. (...) Como explicar tais fenómenos? Certo: há a imprevisibilidade das chuvas, a conformação dos terrenos, as condições naturais e de acaso. Eis um aspecto da questão que não pode ser ignorado. Mas eis um aspecto, um de entre vários. A repetição normal de tais acontecimentos (mais ou menos graves, mas repetidos ciclicamente) não querera dizer que algo de anormal se passa, que algo se deveria fazer e não se faz (ou se faz demasiado devagar ou não se faz bem?)»

Não se pretende com isto deixar de reconhecer o que se fez. Mas o que se fez, fez-se. Interessa agora o que está por fazer. E o que falta fazer é muito — tanto que as mesmas causas, enquanto não se lançam mãos à obra, produzirão inevitavelmente, ao longo das condições meteorológicas forem anormais, os mesmos e devastadores efeitos.

(«Comércio do Funchal», de 18-1-70)

Bertrand Russel

— um humanismo vigilante

J. TIAGO DE OLIVEIRA

«All rebels originate a new orthodoxy» disse algures (!) B. Russell. Todavia esta regra tem uma excepção: Bertrand Russell.

Mas quem é ele? Um intelectual multifacetado, apenas longamente interessado nos problemas do mundo? Um intelectual de acção? Um doutrinador? E... que interessará uma predicação humanista quando ela se pode corroer e desagregar na fluidez da vida e no impacto das ideologias. Poucos intelectuais, como Zola no «J'accuse», conseguiram a síntese difícil entre os compromissos da acção e a judicatura intelectual (!). Como

A sua actividade científica como lógico matemático culmina com a publicação — associada a A. N. Whitehead — dos célebres «Principia Mathematica» (1910, 12, 13). E assim se iniciou, no caminho aberto e começado a desbravar por Russell, o segundo grande período da história da Lógica, ciência que, desde a obra notável de Aristóteles atravessara, praticamente sem sobressaltos, 2500 anos de história. Os seus interesses no cruzamento da Filosofia e da Matemática levaram-no a formular uma filosofia matemática — o logicismo — de reminiscências platónicas.

Knowledge, its Scope and Limits» constituem, talvez, o topo da sua obra filosófica. Um dos problemas epistemológicos (ou o problema epistemológico?) que mais preocupa o ensaísta em particular em «Our Knowledge of External World» é o do fundamento da indução, tópico de que estamos longe de crer que Russell, bem como os seus críticos, tenha dado uma solução eficiente.

A sua influência no pensamento filosófico-científico actual é profunda: é constante em operacionalistas, idealistas e neopositivistas o citar de trabalhos seus.

Mas um analista em filosofia, afirmando, insistentemente a inteligibilidade do real, dificilmente poderá ser um ortodoxo no pensamento político-social. Os interesses sócio-políticos de Russell, que vêm de longa data, tornam-se mais intensos a partir de cerca de 1915; desde então até cerca de 1945 flui uma obra constante de doutrinação e crítica a que se vem seguindo um insistente comentário social.

O ingrediente fundamental da filosofia política do autor de «Power, a New Social Analysis» é o seu medo do poder, seja ele político, económico ou de propaganda e da ansia de poder, causa da guerra. A velha frase de Lord Acton (Todo o poder corrompe e o poder absoluto corrompe absolutamente), é um espectro que assombra Russell e constitui o dado essencial de todas as suas análises político-históricas (!), conquanto ele esteja longe de ser um historiador. «Every power needs curbing» (!) é uma das suas frases na entrevista (1958) para a Televisão. Em todas as caminhadas através do histórico, Russell pretende estudar o modo de evitar o abuso do poder e a constituição do poder absoluto para obter a libertação do homem.

B. Russell é pois um filósofo da liberdade, defensor da democracia política e do equilíbrio dos poderes constitucionais. Mas a democracia política sem as condições económicas do seu exercício tem vida precária e difícil — daí a necessidade da democracia social, libertadora do homem, condição necessária do político: a filosofia política russelliana é, assim, uma teoria do socialismo democrático, de tonalidades anarquistas.

Um outro elemento estrutural da visão russelliana é a ampla tentativa antirracista e antirracista (!) de compreensão total da humanidade, de todas as suas grandezas e misérias e de, abandonando moralinas simplistas, tentar utilizar as qualidades e defeitos dos homens como instrumento de progresso social.

Uma análise social não se faz, porém, apenas no domínio das grandes ideias, dos primeiros princípios: é preciso detalhá-la em pequenos pormenores, trocá-la em trocos miúdos. E há páginas de antologia irónica e crítica nos «Unpopular Essays» e «Sceptical Essays»; neste último, o ensaio magistral sobre o mal que fazem os homens bons, entre tantos outros, é uma descrição apolínea de fantasmas formais que pairam sobre sociedades (!).

«A conquista da felicidade» — título algo romântico de um volumeto dedicado à análise do quotidiano — é o objectivo de Russell. Daí que a problemática das causas de felicidade e infelicidade surja no aberto planeamento futuro — por vezes ingénuo — das estruturas sociais: após a solução dos problemas fundamentais as sociedades deverão orientar-se para a diminuição do tempo de trabalho, a difusão da cultura (não dirigida) e a facilitação do espírito de aventura.

Cont. na pág. 8



reagiu o sorridente autor de «In Praise of Idleness» a este quase-dilema? Deixando para outro momento um estudo sobre o pensamento russelliano, tentemos, tão-só, e de modo breve, delinear as traves-mestras do pensamento e acção do ensaísta, correndo embora o risco de traccionar um todo ideológico coeso, unitário. Mas corramos o risco!

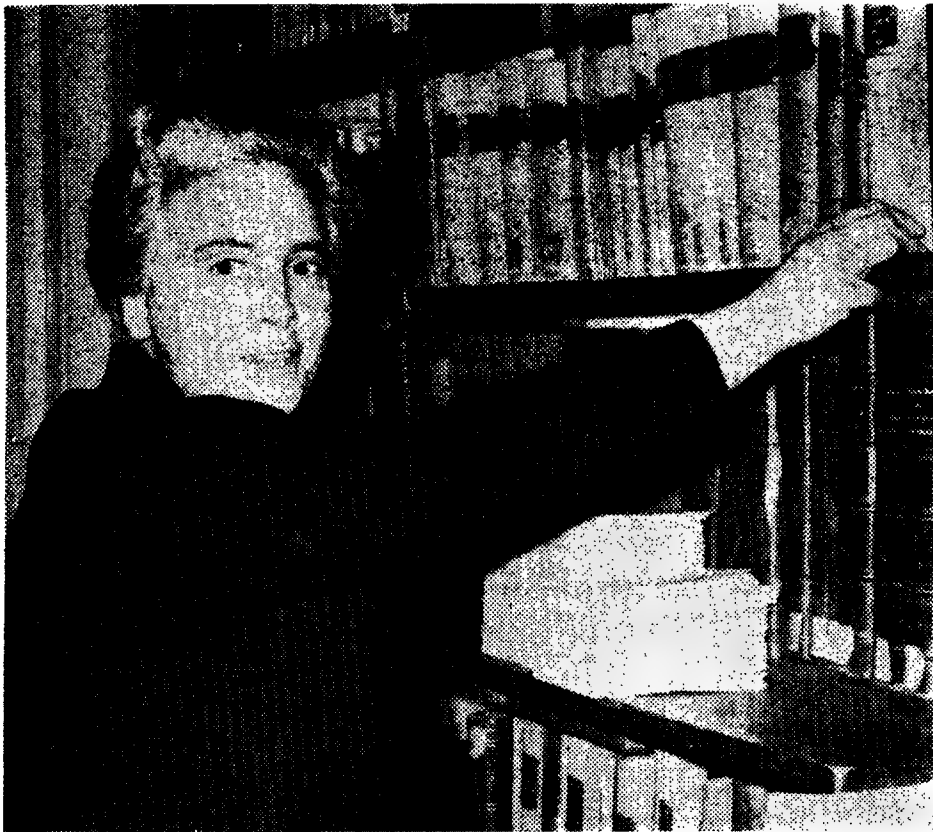
A actividade intelectual de Russell tem sido, de um lado norteada por uma fidelidade a um conjunto de ideais humanos e, de outro, por uma calma capacidade de rever posições e de as abandonar, ao considerá-las ulteriormente erradas. Veja-se, para exemplo, o modo como em «Reply to Criticisms» (!) concorda com alguns dos seus críticos, indicando, por vezes, trabalhos posteriores em que já expressara opinião evoluída.

Russell, que começou por um ensaio político «German Social Democracy» (1896), tem trabalhado essencialmente em três campos distintos, ainda que interconexos: a investigação lógico-matemática, a indagação filosófica e a crítica político-social.

A época de actividade científica de Russell quase termina cerca de 1915. Os seus interesses filosóficos e sociais cedo o fizeram derivar para uma posição activa no domínio do pensamento filosófico e da visão sócio-histórica. E assim o pensador logo se define como um intelectual da rebeldia, da heterodoxia permanente, nunca se isolando, vindo ao plano público quando o julga necessário, sempre imerso, mas jamais submerso, na vida multivariada do seu tempo.

A filosofia russelliana pode caracterizar-se por uma dupla rejeição da filosofia tradicional e da filosofia linguística, ainda que mais próximo desta última. A actividade analítica é um elemento típico do seu «atomismo lógico» que através da análise lógica até aos indivisíveis visa a clarificação do pensamento para compreender o mundo pois «...with sufficient caution, the properties of language may help us to understand the structure of the world» (!). Esta análise leva-o a uma dupla recusa de metafísica e da religião. Os ensaios críticos «An Inquiry into Meaning and Truth» e «Human

A crise da Uni



Cont. da pág. 1

somos todos amigos e feio seria e prova de mau carácter que eu desejasse uma vaga, decorrente do falecimento ou da reforma de um colega... Por isso esperei, pacientemente, dez anos. A explosão demográfica escolar aí está revelada pelos números das estatísticas oficiais e, entretanto, os quadros mantiveram-se os mesmos.

O ENSINO NA UNIVERSIDADE NÃO TEM EM REGRA NÍVEL SUPERIOR

Quero, tanto quanto possível, «despersonalizar» o meu caso, mas apenas dele tirar a lição e inferir as consequências, que aliás são óbvias. O número crescente de alunos, as condições deficientes em que se processa o recrutamento do pessoal docente (se de muitos jovens dotados, que, desiludidos e forçados por razões económicas, abandonaram a Universidade, por esta lhes não dar garantias de um trabalho sério e

condignamente remunerado); o número de horas ingloriamente gasto na correcção de provas escritas (às centenas, aos milhares) e os exames orais (feitos a cursos com 400, 500, 600 e mais alunos, em que apenas um assistente coadjuva o professor!), etc., não possibilitam que a Universidade produza o trabalho científico que deveria produzir, nem que o seu ensino tenha, em regra, um nível verdadeiramente superior. Passou quase despercebido um artigo do meu colega e amigo Eduardo Lourenço, publicado, há meses, no «Diário Popular»; nele, cruamente, se punha, de certo modo, com justeza, o dedo numa das feridas de nível superior. Acrescentarei: a falta neste de nível superior. Acrescentarei — a falta também de pedagogia no ensino universitário. Ressalvem-se as honrosas excepções de alguns mestres da Universidade Portuguesa, que pudemos, mesmo, admitir que sejam numerosas.

M. R. — Admite que terá de vencer obstáculos e dificuldades? De que ordem?

A formação de arquitectos

Cont. da pág. 1

Creio que a minha própria experiência me não enganará se afirmar que os balões de oxigénio constituídos por alguns assistentes e grupos de alunos, sendo embora importantes ainda que logo erosionados e desiludidos pelas condições de trabalho, não devem enganar-nos sobre o alcance e o sentido das medidas a tomar: a criação de novas estruturas — ao nível da participação e gestão, ao nível dos homens.

Não se trata de nova reforma, muito menos de novo edifício, de modo algum de nova designação — mas antes de nova função, de novo processo de envolver dialécticamente docentes e discentes na criação do futuro e — muito importante — o de equipa substancialmente nova.

Uma nova reforma, decretada de cima e para outro decénio, deixou de interessar, pois a reinvenção do processo compete às estruturas de participação que necessariamente conduzirão à experimentação permanente dos métodos e fins do ensino; a partir daí, então, talvez se admita que um novo edifício venha a ser necessário mas não é condição *sine qua non* nem suficiente para se trabalhar [e assim sabe-se onde interessa que seja planeado e como deve ser concebido (?)]. A partir daí dever-se-á, claro, mudar de nome à casa mas porque já corresponde a «outra coisa» e se acertou o passo com a própria renovação da estrutura universitária.

A situação presente é claríssima: as Escolas de Belas-Artes, fiéis à sua tradição, formam pintores de quadros, escultores de estátuas e arquitectos de prédios; sem desmerecer destas funções é óbvio que se ignora a forte percentagem dos «pintores e escultores» que apenas querem ser bons professores de Liceu, assim como os que querem ser desenhadores de produtos da indústria, da informação visual, da cenografia; fazem por esquecer a forte percentagem dos arquitectos que não projectam prédios senão ocasionalmente mas que vai ser chamada para planejar o território, interferir no processo de industrialização da construção, fazer investigação sobre os programas ou avaliar em nome da colectividade os projectos que outros façam. E não ouvirem sequer falar disso nas escolas.

Na obsessão de salvar a arte e a unidade da arte as Escolas de Belas-Artes, que nunca primaram pela sensibilidade à inovação, viram sem aproveitar a lição, os novos artistas pre-

ferirem o autodidatismo, os novos arquitectos saíam das politécnicas (como Wright ou Gropius) ou de escola nenhuma (como Le-Corbusier). Entretanto, da eficiência da formação artística obtida no convívio das três Belas-Artes falam os prédios que se erguem por aí, fala a nossa costa delapidada, os nossos subúrbios desolados.

A verdade é que, no mesmo passo, e com grande responsabilidade das escolas, os arquitectos foram-se vendo também excluídos do processo produtivo (precisamente enquanto a indústria se renova), e incapazes de fazer avançar o processo de planeamento quando as exigências sociais se ampliam e o urbanismo se torna um dos problemas-chave para a sobrevivência da humanidade.

E assim, tendo sobrevivido ainda aos sucessivos ataques que lhe vêm sendo vibrados desde o iluminismo as Escolas de Belas-Artes viriam a desaparecer uma a uma como escolas de arquitectura, da Alemanha, de Itália, de Espanha, do Brasil e, finalmente, de França.

Restou então a Escola de Belas-Artes portuguesa.

FORMAR QUEM?

E assim, na hora de agonia de uma instituição importa que se reflita, com urgência, sobre o objecto e a forma da alternativa que se lhe oporá.

Por comodidade e talvez porque se necessita de nome para as coisas tem-se falado da criação de uma *faculdade de arquitectura*, logicamente integrada no sistema (?) universitário.

É a imagem óbvia que ocorre quando se vê necessária a autonomia relativa dos cursos actuais (a qual poderia existir desde já nas Escolas actuais!) Mas valerá a pena mudar nome e local para fornecer o mesmo serviço, com os mesmos servidores, apenas deixados mais independentes? Não acontecerá que no actual panorama de atomização de faculdades/diploma a tal autonomia não fará senão evidenciar o absurdo isolamento de mais um desses diplomas, sobretudo quando se vê serem cada vez mais densas as ligações sociais e para-profissionais do arquitecto em formação com o engenheiro, o geógrafo, o sociólogo, o economista. Esta é a única razão e não outra que justificaria a integração do curso de arquitectura na Universidade...

De facto, o País precisará de mais arquitectos, mas, precisa, sobretudo, de melhores arquitectos e arquitectos-

outros para as responsabilidades públicas futuras onde com outras técnicas tem de planejar, investigar, coordenar, projectar e executar. Ou seja, arquitectos com um leque de habilidades muito diferente da que têm tido até à data e que, das tarefas que enumera, apenas têm visado a quarta — projectar — e mesmo assim em sentido restrito: edifícios únicos e acabados, a encomenda convencional.

É então legítimo perguntarmo-nos para que precisa o País, enquanto o processo, e o proveito, da expansão urbana se confia à livre iniciativa, de 60 ou 70 arquitectos por ano, e ainda por cima monovalentes por formação (sobretudo porque na E. S. B. A. L., as condições do ensino são tais que os professores mais conscientes se sentem incapazes para fazer selecções rigorosas). E isto quando a saída de engenheiros civis, outro híbrido carecendo de reformulação paralela, não atinge tal número, ainda que teoricamente se destinem a exercer todas as cinco funções que referimos atrás.

Estes problemas não podem ser iludidos, antes de se tomarem decisões sobre «a alternativa do curso de arquitectura das B-A», pois para formar o arquitecto de perfil tradicional o transporte do curso, incluindo os docentes por hipótese, para a Universidade não resolverá o que quer que seja — tanto mais que a Universidade é uma realidade administrativa de casas separadas que se conservam e não um meio social dinâmico funcionando como sistema de comunicação interdisciplinar. A não participação dos interessados-no-ensino; os canais preferenciais de admissão de interessados-atraves-do-ensino; a metade de lugares docentes por preencher; eis realidades que não foram inventadas no Convento de São Francisco — ao contrário, talvez se percam mesmo alguns tempos de criatividade que o ensino de arquitectura tradicionalmente mantém.

E o que é o arquitecto de perfil não-tradicional? O leque de profissionais que importa preparar deve resultar ele próprio de um processo de diálogo, hoje inexistente, entre a escola, as profissões e os serviços de planeamento.

Mas não me custa adiantar que desse leque tem de sair o homem que vai dedicar-se, sobretudo, a planeamento-programação (vizinho aos outros profissionais do planeamento socio-económico); o homem preparado para projectar, actuando elasticamente num espectro que vai da arquitectura



É aqui, em Barata Salgueiro, na Sociedade I

dos conjuntos urbanos, aos edifícios, ao desenho para a indústria (mas superando a obsessão da obra única, acabada e desligada da administração do investimento, limites dos nossos projectos); e ainda o homem dirigido à construção (ganhando competência como tecnologista e organizador de operações sejam na escala das obras, seja na da realização urbanística).

É agora evidente que esta mudança dos objectivos pressupõe que este leque de cursos não constitua uma «faculdade» mas um departamento interseccionando outros — ciências sociais, geografia, engenharias — revelando já na sua implantação universitária um espírito de economia ou de sentido estratégico, que tenha em conta que para a maior parte das matérias a trabalhar ou não há ninguém capacitado no País ou haverá uma, duas, competências prováveis para as orientar no sentido autêntico de ensino-pesquisa que faça avançar os conhecimentos e a transparência das necessidades do País real.

Quanto aos meios, para conseguir uma escola-processo-em-marcha capaz pela própria orgânica do envolvimento de docentes e discentes na partilha do saber de invenção e auto-regeneração permanente é já problema comum a todo o ensino superior (e ao secundário!) e não específico da formação do «arquitecto e derivados». Saber se a própria Universidade velha é capaz de tirar das contradições um

vector
fiada
cand
mod
um
nova
para
e na
do d
De
um
com
só se
de n
tame
dend
essa
nhec

(1)
previ
ciaçã
ca p
juída
de c
caçã
ras
apes
das
conet
gandi
«clar
ta sit
a juí
ou e
ção c

Universidade em Portugal

M. L. B. — Se terei de vencer obstáculos e dificuldades?

Alguns com certeza, e provavelmente, outros também previsíveis e muitos outros imprevisíveis. Uma Faculdade, como a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, cuja secção de Filologia Romanica acaba de ser criada, não está apetrechada com biblioteca e outros instrumentos de trabalho necessários a um ensino vivo da Literatura Portuguesa, por exemplo. Seria preciso equipá-la de modo a satisfazer as necessidades dos docentes e dos discentes (e são já estes no primeiro ano de Filologia Romanica, mais de 100). Outra dificuldade é a falta de material humano — é preciso dar possibilidades de formação a jovens assistentes que venham a ser os professores de amanhã e, neste caso, não há sequer a possibilidade de os escolher, de entre os melhores alunos dos últimos anos. Uma das vias de solução, no caso de recrutamento de pessoal docente, seria a de dar responsabilidades no en-

sino (como terceiros assistentes, monitores, estagiários, etc.), a terminologia é discutível) a alunos dos últimos anos dos cursos. As condições em que muitos docentes trabalham são desmoralizantes, encaminhando os sérios para uma espécie de frustração e os acomodaticios para a mediocridade do ensino.

A CRISE DA UNIVERSIDADE ATINGIU UM PONTO CRÍTICO

M. R. — Que pensa da necessidade de se proceder a uma reforma profunda da Universidade portuguesa? Em sua opinião, quais os principais pontos sobre os quais deveria incidir essa reforma?

M. L. B. — É óbvio que a Universidade está em crise. É óbvio também que esta crise se insere numa crise, de âmbito mais largo — a crise do mundo contemporâneo. Mas crise pode querer significar possível crescimento. E não há nada que possa justificar a nossa demissão perante a agudez da crise. Há, no caso

da Universidade Portuguesa, indícios sérios de que a crise atingiu um ponto crítico. Mas há também sinais de que as autoridades (universitárias, administrativas, etc.) parecem empenhadas no honesto enumerar dos males para procurar dar-lhes remédio. Ainda há pouco o meu colega e amigo prof. O. Ribeiro intitulava de *Inquietação e Esperança na Universidade* um artigo de «A Capital» (28-I-70) em que abordava, lucida e serenamente embora com quase certo amargor, problemas e temas da crise universitária.

Nele aludiu, com menção explícita, ou tendo-os implicitamente em mente, aos discursos dos Reitores da Universidade Técnica, da Universidade de Lourenço Marques, do director do I. S. T., etc. São de facto sinais ou promessas de que a Universidade quer renovar-se. Pode fazê-lo desacompanhada e solitária? Não creio.

A Universidade é constituída por alunos e professores. Necessário e urgente se torna pedir a todos, a todos responsabilizando, projectos de reforma da Universidade (cada um nos seus respectivos sectores), sugestões, propostas, etc. Aproveitar o que já anda por aí feito, como resultado de grupos de estudo, de comissões de trabalho, etc., e arriscar soluções que possam ser provisórias e se refaçam logo que se verifique serem improváveis.

Não é ocasião agora de enumerar os principais pontos (todos os «principais pontos sobre os quais deveria incidir essa reforma»), mas alguns podem, ainda que sumariamente, ser enunciados. A rigorosa selecção dos estudantes deveria fazer chegar à Universidade apenas os mais aptos, a «inteligência» que poderia exigir do professor um nível superior de ensino e ajudar a criá-lo. Isto significa que as vias de acesso à Universidade deveriam apenas abrir-se em função das capacidades intelectuais do aluno, não contando, para nada, com as suas capacidades económicas. Para tal seria preciso ter um número de bolsas de estudo que não possibilitasse a perda de tantos, dotados para o ensino, para a investigação, etc., e que por falta de meios económicos nunca alcançam chegar à Universidade.

Outra perspectiva seria a exigência de um ensino universitário básico, atendendo à tendência para a invasão do ensino superior, e, depois, criar institutos ou centros de investigação e ensino, de nível verdadeiramente superior.

OS ESTUDANTES TRABALHAM POUCO

Outro dos pontos nevralgicos está na impossibilidade, hoje, de haver relações de pessoa a pessoa entre professores e alunos — a massificação do ensino é um dos males que mina a Universidade, criando um ambiente de trabalho inaceitável. Aliás, trabalha-se pouco na Universidade — os estudantes trabalham pouco (falo sem receios de impopularidade e sem nenhum ressentimento, pois já o disse várias vezes e repeti-lo-ei sempre que necessário, que devo até hoje muito aos meus alunos).



«Não há nada que possa justificar a nossa demissão perante a agudez da crise»

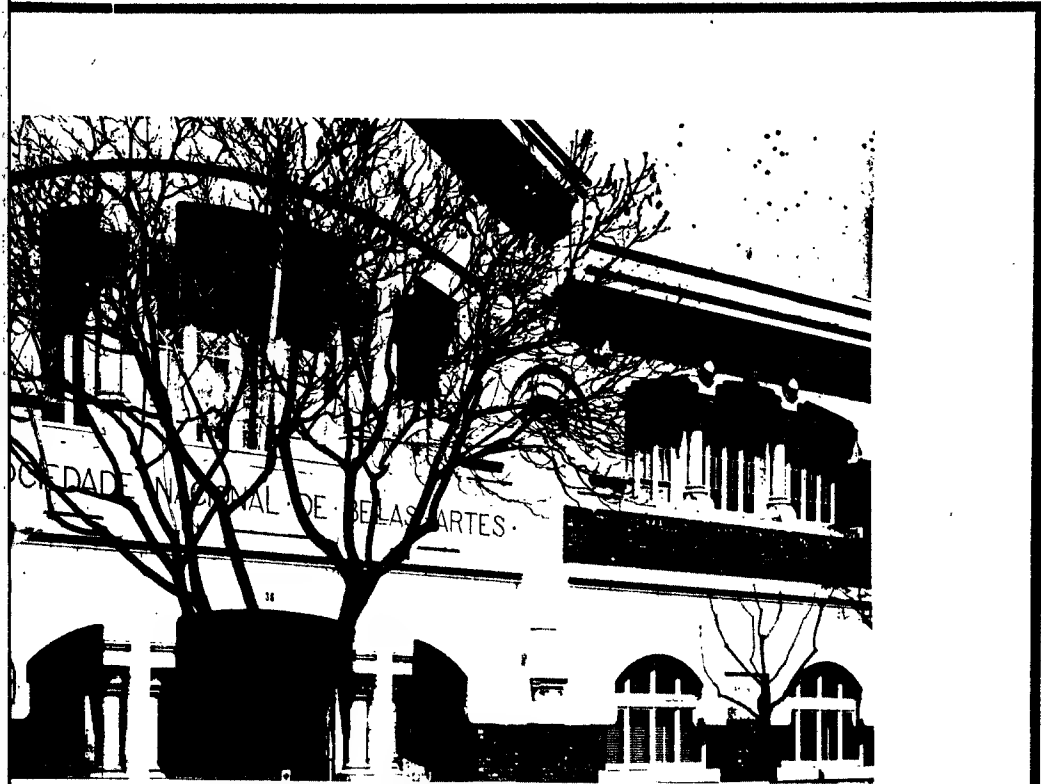
Torna-se urgente trabalhar mais e noutras condições; reformular os programas, aumentar o número de horas de trabalhos práticos (para tal necessário será haver pequenos grupos com dois docentes — um aluno-3, assistente ou um assistente e um professor que poderá supervisionar os trabalhos de 2 ou três grupos (nunca mais); resolver, inteligentemente, com fórmulas adequadas, o modo de apuramento do aproveitamento escolar, etc. Mas não posso alongar-me; trabalhos urgentes exigem a minha presença na Universidade e na investigação, para a qual me sinto dotada, mas á qual, em virtude das más condições em que muitos trabalhamos, me não posso dedicar, como desejaria.

Neste desalinhado diálogo ficou dito algo, mas ficou, também, muito por dizer.

M. R. — Como pessoa que conhece particularmente o Brasil e o estado actual das relações luso-brasileiras, que pensa das iniciativas a tomar, no domínio da Universidade, com vista a intensificar os contactos e o intercâmbio de conhecimentos entre os dois países?

M. L. B. — Responder-lhe-ei apenas com esta informação: na Universidade de Coimbra ensinam na Faculdade de Letras três professores brasileiros: os prof. Guilhermino César, Silvio Elia e Julgo que Ulhoa Cintra. E contou-me que o prof. Matoso Câmara, que já ensinou na Faculdade de Letras de Lisboa, também ali iria ensinar.

Na Faculdade de Letras de Lisboa, ensina Literatura Alemã o professor, da Universidade de São Paulo, J. Rosenthal. Acrescentarei, ainda, que o malogrado filólogo brasileiro Serafim da Silva Neto foi, durante dois anos, pelo menos, um dos mais dedicados membros do corpo docente da Faculdade de Letras de Lisboa.



Escola Nacional de Belas-Artes, que o Sindicato dos Arquitectos tem a sua sede

vector de superação ou se será desafiada por instituições-outras que pensando forças frescas irrompam como modelos alternativos é provavelmente um dilema ocoso, já que instituições novas em qualquer caso fazem falta para responder ao crescimento urbano e nascentes velhas seria o mais absurdo dos suicídios.

De qualquer modo, a inserção de um ramo de ensino tão polivalente como o da «árvore das arquitecturas» só será viável em termos de economia de meios, numa estrutura interdepartamental onde se aprenda respondendo aos problemas do País — e essa não é das universidades que conhecemos.

NUNO PORTAS

(Prof. agreg. da E. S. B. A. L.)

(1) Basta dizer que entre as provas previstas não há sequer uma apreciação rigorosa de «currículum», única prova que nenhuma escola evoluída não dispensa, enquanto se tem de caricaturar um projecto, sem aplicação posterior em mais de 400 horas de internato; basta dizer que apesar de existirem mais de metade das vagas por preencher se abrem concursos para um só lugar, obrigando os interessados ao regime de «eliminatórias»; basta dizer que nesta situação de carências está cabendo a júris com maioria de aposentados ou equivalente o critério de renovação da escola!

(2) Convinha esclarecer que as razões que em tempo opuseram profissionais e alunos de arquitectura à ideia de um novo edifício para a E. S. B. A. L. foram: a) prioridade da reforma de estrutura do arranque sobre a construção de instalações; b) necessidade de inserir um novo edifício no sistema das instalações das outras «faculdades», por razões sociais e de economia do ensino; c) a recusa de uma faculdade isolada da vida urbana e do sistema de transportes colectivos regionais. De resto, posso afirmar, com conhecimento, que as duas mais avançadas escolas europeias de arquitectura — o Bauhaus — vivem em velhos edifícios ainda — ocupando-se antes da escolha do mais competente e corajoso pessoal docente assim como do equipamento de material didáctico e laboratorial. De que servirão os contos por metro quadrado investidos em edifícios se os alunos continuarem desinteressados da maioria das matérias?

(3) Se quiséssemos resumir estas três diferenciações de formação que se estabelecerão sobretudo nas opções da segunda metade dos cursos e recebendo mesmo alunos vindos de outros departamentos (casos do ramo planeamento e do ramo construção) num sistema de auto-orientação gradual preferiria usar para ser mais claro, três termos consagrados anglo-saxónicos: o *planner*, o *designer*, o *builder*.

Desmentido soviético

O jornal do Exército soviético «Estrela Vermelha» desmente as notícias distribuídas no estrangeiro por agências ocidentais acreditadas em Moscovo acerca de uma integração das forças armadas de Leste e da consequente criação de contingentes supranacionais no âmbito do Pacto de Varsóvia. Essas informações baseavam-se num artigo do general Sergei Chtemenko, chefe do estado-maior do Tratado de Varsóvia.

O coronel Leontiev escreve no «Estrela Vermelha» que o artigo do general foi «intencionalmente deformado» para dar lugar a especulações sensacionalistas, e desmente vigorosamente a criação de forças integradas. «As comparações entre as forças unificadas do Pacto de Varsóvia e as formações «multinacionais» ou «supranacionais» da N. A. T. O. são estúpidas» — escreve o coronel, para quem tais notícias visam «denegrir a União Soviética, intrigar os países membros do Pacto e enfraquecer, assim, a comunidade socialista». Por outro lado, pretende-se também induzir a França a voltar à N. A. T. O. — conclui Leontiev.

O artigo do general Chtemenko apareceu na primeira página do «Estrela Vermelha», em 24 de Janeiro, tendo dado azo a diferentes especulações. Uma frase, principalmente, chamou a atenção. Depois de pôr em relevo «as decisões importantes» tomadas na conferência de Budapeste, o general acrescentava: «Hoje os países do Pacto de Varsóvia não dispõem sómente das suas forças nacionais». Desenvolvia depois o assunto tratando do mecanismo dos «contingentes armados» e referia-se aos trabalhos de uma série de conferências militares do Pacto de Varsóvia, realizadas em fim de 1969, para se ocupar de «novas disposições» relativas às forças unificadas do Pacto.

APROVEITE OS NOSSOS SALDOS

CARPETES, PASSADEIRAS, TAPETES

— E —

TECIDOS PARA ESTOFOS
E DECORAÇÕES

TUDO SEM DEFEITOS

Tecidos em peça desde 25\$00
RETALHOS, DAMASCOS, VELUDOS,
GORGORÕES, etc., desde 5\$00

RAUL NETO, LDA.

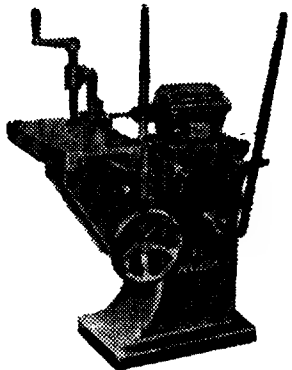
PRAÇA DA FIGUEIRA, 18, 2.º — c/elevador
(esquina da Rua da Prata)



100%, impermeável debaixo de água

O relógio que respira debaixo de água

«MIDA»



FURADOR POR BROCA
Modelo — FU

UMA FÁBRICA
ESPECIALIZADA
NO FABRICO DE
MAQUINAS PA-
RA AS INDUS-
TRIAS DE:

- SERRAÇÃO
- CARPENTARIA
- MARCENARIA

Fábrica: — TROFA Tel 94923/4/5

Filial em Lisboa:

Av. Defensores de Chaves, 3/A (Telef. 44147)

Um humanismo vigilante

Cont. da pág. 5

elementos dinâmicos de tantas consciências.

Todavia, o futuro de perspectivas jamais afasta Russell dos problemas candentes do momento, levando-o a denunciar os perigos e ameaças que vê pender sobre a humanidade.

Com respeito às ideologias fascista e comunista tomou posição bem clara. Simpatizando com projectos de pensamento marxista recusou os meios usados. Já em 1920 exprimiu discordâncias base e previu a possibilidade de uma evolução autocrática do regime, o que sempre combateu; daí alguns ataques violentos, em particular após a segunda guerra mundial. Para o nazifascismo a sua posição é mais radical: nem meios, nem fins. Os crimes de que o fascismo vinha eivado à nascerça fizeram logo de Russell um opositor profundo. E o pacifista da primeira guerra mundial foi, ainda que com breves hesitações aquando de Munique, um dos defensores da guerra ao nazismo pois «... I thought Hitler utterly intolerable. The whole nazi outlook was absolutely dreadful, and I thought that if the nazis conquered the world, as they obviously intended to do if they could, the world would become a place where life would be absolute hell and I thought we must stop it» (9).

A partir da segunda guerra mundial, Russell junta-se ao grupo de cientistas preocupados com o problema atómico: desde então quase toda a sua actividade político-social vem marcada pela visão apocalíptica do fim da humanidade pela explosão nuclear: a sua ininterrupta corrente de livros, folhetos e artigos roda, essencialmente, em torno do tema amargurado da so-

brevivência do homem, visto que «the human race has survived owing to inefficiency, but inefficiency is now diminishing» (9).

Assim se explicam as suas posições nos casos da Hungria, Cuba e Vietnã, já com a formação do Tribunal Russell Talvez seja útil recordar um pouco o caso de Cuba. As cartas que escreveu aos dois KK, ao ser declarada a quarentena, pedindo-lhes que sustentassem a marcha da guerra, ficaram ignoradas dos meios de informação: uma voz pacifista pouco interessante, o momento era dos políticos. E o olvido durou até que Kruchchev lhe respondeu: descoberto então teve as honras de primeira página (10). Russell foi, neste momento da história humana, a voz intelectualizada da ânsia do mundo pela paz. Outro humanista, U Thant, conseguiu finalmente pôr em marcha a solução da crise, executando o neutralismo activo, tantas vezes defendido por Russell, que, com os inevitáveis altos e baixos, vem efectuando a descompressão internacional e a coexistência necessária dos mundos.

A defesa da coexistência entre os dois blocos encontra-se em Russell há já longo tempo (11): ela decorre naturalmente das analogias entre a tensão internacional actual e o longo, antigo e inútil combate entre cristãos e muçulmanos, agora terminado.

O autor de «Has Man a Future?» é, assim, um intelectual da terceira força, como tantos outros procurando a federação pacífica da humanidade a que o espectro nuclear veio dar o carácter de uma (quase) necessidade histórica. Decerto, a coexistência é facilitada pelo futuro que a evolução política do mundo moderno levará os dois tipos de sociedades a uma certa

convergência, consequência inevitável do mesmo suporte tecnológico (12).

De novo, e sempre, o medo da corrosão do poder e uma afirmação da necessidade de um progresso intelectual amplo, talvez os dois mais belos traços do pensador que afirma em «Proposed Roads to Freedom»: «A world full of happiness is not beyond the human power to create: the obstacles imposed by inanimate nature are not insuperable. The real obstacles lie in the heart of man, and the cure for this is a firm hope, informed and fortified by the thought.»

(1) *Satan in Suburbs and Other Short Stories.*

(2) Cf. Julien Benda em *La Trahison des Clercs* e Raul Proença em *Páginas de Política, II.*

(3) Publicado em *The Philosophy of Bertrand Russell*; tem uma excelente bibliografia russelliana.

(4) *An Inquiry into Meaning and Truth.*

(5) «Tous les états puent» repete Julien Benda em *La Trahison des Clercs.*

(6) *Bertrand Russell Speaks his Mind.*

(7) Cf., por ex., *Unpopular Essays*, cap. X (Ideas that have harmed mankind).

(8) Veja-se, analogamente, *Espectros em Ensaios, I*, de António Sérgio.

(9) *Bertrand Russell Speaks his Mind.*

(10) Vejam-se os números de Out. e Nov. 1962 de «The Observer» e «The New Statesman».

(11) Cf. *Unpopular Essays*, cap. III (The future of mankind).

(12) *Bertrand Russell Speaks his Mind.*

O livro como mercadoria

Cont. da pág. 4

do, que o tipo de emulação em causa ainda mais agrava; nos países socialistas, esse risco de fracasso tem bem menores probabilidades de se confirmar, visto que a procura (muito estimulada, como se sabe) rege a produção, mas nem por tal deixa de existir o livro muito ou escassamente vendável. A ideia convencional das «impostas» grandes tiragens, nesses países, carece de fundamento. Também lá, como seria de prever e de desejar, funciona a «coincidência» ou a «dissonância» entre autor e leitor, pois o livro de maior repercussão — pegue-se o assunto pela ponta que se pegar — é o que revela o leitor a si próprio, lhe exprime o que ele esperava, sentia ou sabia por intuição ou inquietude mal clarificada. É aquele livro, em suma, que mostra ser o «eco sonoro» referido por Vitor Hugo, conquanto, mas de um modo apenas episódico, com ele possa confundir-se o livro cujo êxito resulta de pressões exercidas sobre o leitor. Por isso, um Mauriac, entre tantos, aconselha olhar-se com atenção e humildade toda a obra que, de linhagem autenticamente literária, vingue na preferência do público, embora seja uma regra da sociologia da literatura (ainda há pouco apontada, salvo erro, por Jorge de Sena) que um autor perca a crítica quando ganhou o público, assim se explicando os erros frequentes da crítica amuada em face de livros que romperam o círculo aristocrático da vida das letras.

Quanto ao segundo problema — o da selecção dos manuscritos a publicar, da qual depende o bom cumprimento do mister editorial —, aqui nos encontramos perante um dos aspectos sombrios da evolução da «indústria» do livro. Num série de artigos publicados na «Seara Nova», tive ensejo de esboçar uma panorâmica ao vivo das diversas degenerescências que contaminam o futuro da literatura nos países em que editar é um negócio, de que a célebre Feira de Frankfurt é espelho eloquente, degenerescências encorajadas pelas concentrações das casas editoras em monopólios que dominam a produção, a distribuição e até a imprensa cultural — para não dizer mesmo a grande imprensa —, tudo fazendo para desvirtuar a literatura e para reduzir o escritor a um assalariado dos seus apetites. A carta de Manuel Rodrigues de Oliveira enviada a este jornal, sobre os terríveis malefícios desta tendência da edição e sobre a utilidade da sobrevivência (cada vez mais comprometida) das pequenas editoras (as tais que sempre respeitaram o que há de nobre no ofício de editar) teve o maior fundamento, bem como o haver-se levantado o problema das cooperativas de pessoas interessadas no livro e das cooperativas de autores. Poderá, a propósito, recordar-se que esta reacção dos autores — que, progressivamente, vêm fechar-se-lhes as portas dos trusts editoriais, mais interessados no negócio do que no plano intelectual da sua ac-

tividade — está a proliferar em iniciativas práticas, reatando, em certos casos com êxito, a experiência dos *yomiuri* japoneses, que, simultaneamente, agem como autores, editores, distribuidores e vendedores. Na Europa, vários exemplos poderiam ser invocados, entre eles o da jovem «Editora do Autor» de Frankfurt, nascida em meados do ano passado na tal Meca mercantil, por agora especializada em obras teatrais e a que logo aderiram autores da maior representatividade.

TENTAÇÃO DO GIGANTISMO

Um modo realista de ver as coisas talvez nos leve à convicção de que a complexidade do circuito do livro, enquadrada no mundo tecnocrata moderno e enquanto regida por certas estruturas colectivas, exigirá grandes meios (ou seja: as eficazes organizações) para que a tal cidade de um milhão de homens chegue a posuir uma literatura também à escala de um milhão, mas ainda assim, penso que seria de instigar esta salubre consciência da cooperatividade (exequível, pelo que a prática demonstra, mau grado o seu timbre romântico utópico), que, além do mais, faria opor ao desnaturado padrão comercial aquele outro que desde sempre foi apeteído, mesmo que sobre uma cooperativa triunfante pese a tentação da eficiência e do gigantismo — seducções essas a que nem as editoras estaduais se mostram isentas,

Para rematar este despoimento — que, de breve, se fez inoportunamente longo — acrescento que, da maneira como o livro evoluir contra ou a favor do seu verdadeiro destino, dependerá tantíssimas coisas, entre elas a dominância da leitura — enriquecimento ou da leitura — desercão e, obviamente, a posição do escritor em face de si próprio e da comunidade. Atentemos em que a literatura foi o resultado e não a causa do despertar das gentes para a apertência cultural, ainda que posteriormente se tenha verificado um simultâneo movimento inverso, e que, em certas ambiências sociais, se procura que o escritor não só mantenha um convívio directo com as populações como nelas se integre. Um escritor — sabe-se — pode construir uma obra em contradição com as tendências da maioria, mas essa contradição não impede (até o exige) que ele conheça essas tendências. A obra é o seu autor, de acordo (pode dizer-se isto de muitos modos), mas é sobretudo a sociedade no tempo em que ele a viveu através de uma óptica pessoal. O facto de quase todo o escritor sentir que há uma conspiração contra o que ele escreve, uma competência entre ele e o meio (leia-se, a este propósito, James Baldwin) não altera a ideia atrás enunciada. Antes a elucida, porque esse sentimento robustece no autor a fibra para suportar o desafio, indo mais ao fundo do porquê dessa discordância com a sociedade e mais ao fundo, portanto, dessa mesma sociedade.

Como se fazem as «capacidades excepcionais»?

1. A «capacidade excepcional» é sobretudo resultado de condições sociais?

2. No caso de resposta afirmativa: que transformações lhe parecem aconselháveis para que as «capacidades excepcionais» se tornem a regra, ou seja, a grande maioria das crianças desenvolva nas melhores condições possíveis as suas capacidades?



DR. ABÍLIO MENDES,
médico pediatra:

«DESPERTAR POTENCIALIDADES»

1.º — Sem dúvida. Desde a *habitat* até à melhoria das condições humanas.

2.º — Todas aquelas que visem os três lugares geométricos: Lar, Rua e Escola.

No Lar importa além dos ajustamentos físicos a uma moderna arquitetura social, integrar os Pais numa obra educativa programada no sentido do melhor desenvolvimento sensorial e racionalização alimentar.

Para já ensinar que, quando nada se sabe fazer por uma criança, melhor será ficar passiva. Que o seu desenvolvimento se faça livremente à mercê das suas potencialidades herdadas. Na Rua, dada a sua acção nefasta na formação infantil, esperamos uma mais ampla intervenção de arquitectos e urbanistas no delineamento de agregados sociais de maior inspiração democrática e pedagógica. Espaços oferecidos à criança para o seu desenvolvimento, livre das agressões psíquicas e físicas dos adultos, e para o queimar de horas de ócio, tão longas nos dias de hoje.

Na Escola, tornada verdadeiramente jardim, dirigida por professores bem informados por uma pedagogia científica. Procurando despertar potencialidades e nunca modelar com o infelizmente tantas vezes se ouve dizer em discursos solenes.

Deixemos um lugar à parte para a medicina à qual se deve, num País onde a acção do professorado tem muito de vocação individual, a elevação bem manifesta da capacidade mental da

nossa infância e juventude. A sua acção tem sido mais genérica e eficaz, no campo profilático como na educação sanitária. Ao desaparecimento das pestes sociais se deve a melhor frequência escolar, além duma mais sólida recuperação de saúde nos nossos tempos. A sua clara consciencialização, junto de pais e professores, de estados doentes responsáveis por um desvio da conduta do escolar ou simples prejuízo da sua atenção. Já para além dos rastros dos seus órgãos sensíveis a melhoria da cura de estados alérgicos, responsáveis por excitabilidade, instabilidade, e indisciplina, falsamente incriminatórias do aluno.

A criança de hoje solicita uma educação e instrução mais objectiva e impõe-na. É certo que todos nós debruçamos sobre os seus problemas pois cremos num desenvolvimento das suas capacidades à custa da melhoria das condições sociais até ao dia em que inscrevermos em todas as salas de aula o paradigma: as crianças têm sempre razão.



GLÓRIA MARREIROS,
educadora infantil:

«UM SER EM TRANSFORMAÇÃO»

1) — Penso que sim, considerando como sociais os factores de ordem genética e psicológica.

2) — Que a criança seja reconhecida como um ser em transformação e não como um adulto em miniatura.

Que na família, na escola e na sociedade o ambiente seja propício a essa transformação no sen-

tido da plena evolução da personalidade.

Mas que não se crie um mundo estanque entre a vida da infância e a vida adulta, para que o adolescente não se «recuse» a entrar na vida.

Penso que um desfazimento entre os cuidados com a infância e a «educação» da sociedade em geral, estará na base dos desajustamentos juvenis nas sociedades chamadas evoluídas (E. U. A., Suécia, etc.). Razão pela qual quanto a mim, uma transformação capaz de beneficiar profundamente a criança, permitindo-lhe o total desenvolvimento das suas capacidades pressupõe a transformação da sociedade onde ela nasce e para a qual nasce.



ELEUTÉRIO AGUIAR,
orientador pedagógico,
jornalista e deputado:

«DEMOCRATIZE-SE O ENSINO»

1. Discordo plenamente que se afirme que as «capacidades excepcionais» sejam sobretudo resultado de condições sociais. E não discordo de ânimo leve, antes ali-cerçado em experiências quotidianas, ganhas no exercício do magistério, inicialmente no ensino primário, mais tarde — e já lá vão alguns anos —

Completamos hoje o inquérito sobre a definição de «capacidades excepcionais», termo utilizado pelo prof. Veiga Simão, actual ministro da Educação Nacional, com vista ao aproveitamento dos melhores alunos das escolas primárias, seja qual for a sua condição social. Evidentemente que, partindo, como partimos, da experiência psicopedagógica levada a cabo na Escola Comercial Ferreira Borges, o problema das condições sociais, limitativas ou não da afirmação plena das capacidades humanas dos nossos jovens, constitui o pólo de interesse maior dessa definição.

Entretanto, a importância da referida experiência, que provou de maneira clara a responsabilidade da situação sociofamiliar no mau aproveitamento dos alunos «difíceis», tem sido referida com insistência, tanto na Imprensa como, até, na Assembleia Nacional. O tema do ensino vem ocupando, na Câmara Legislativa, um lugar proeminente no conjunto dos problemas focados, agora que o ministro da Educação Nacional parece abrir perspectivas animadoras para este sector vital da vida do País. Reforma do ensino universitário (aliás, posta já em causa por deputados que perguntam, justificadamente: como pode fazer-se a reforma da cúpula sem reformar a base?), legislação para o futuro ensino médio politécnico, anúncio de estudos sobre a reforma do ensino primário e secundário, promessa de obrigatoriedade (e gratuidade) do ensino até ao Curso Geral dos Liceus. Tudo isto se insere na «batalha fundamental da instrução» a que figuras proeminentes do Governo se têm referido. Só não nos lembramos de ter ouvido ou lido qualquer tomada de posição oficial no que respeita ao ensino infantil. Contudo, o mesmo vem sendo reclamado com insistência e fundamentação, como ponto de partida essencial, como necessidade sociofamiliar do nosso tempo, como fonte de libertação de trabalho e poder criador da população.

O tema é vasto, atraente, complexo e extremamente actual. Continuaremos.

As duas perguntas formuladas respondem-nos hoje três pessoas especialmente indicadas para o efeito: Glória Marreiros, educadora de infância; dr. Abílio Mendes, médico pediatra, actualmente conceituado, e Eleutério Aguiar, deputado à Assembleia Nacional pelo círculo do Funchal, um dos procuradores mais activos entre os que lutam pela promoção total da população através do ensino. A terminar, Maria Isabel de Faria e Mello Forjô, mãe de quatro filhos.

como professor e responsável pedagógico por um estabelecimento de educação de deficientes da audição e da fala.

Estou absolutamente convencido de que a educação não faz milagres, isto é não consegue dar a um indivíduo aquilo que ele já não possuía latente no seu espírito. Efectivamente, a educação mais não consegue do que aperfeiçoar o indivíduo tornando possível o desenvolvimento das suas qualidades intrinsecamente inatas. Pretender o contrário é, além de mais, recuar um século no conhecimento humano e voltar aos tempos do homunculo, do pote vazio que se enchia a nosso belo prazer.

O homem é um produto de factores inatos e adquiridos. Onde uns acabam e outros começam é a fronteira, ou seja o limiar da própria educação. Esta pode aperfeiçoar os caracteres individuais, nunca ocasionar o aparecimento de novas tendências, ainda que adentro de um processo educativo se verifique algo de novo, susceptível de ser considerado consequência intrínseca da educação, mas que mais não é do que o despertar de caracteres adormecidos.

Se as «capacidades» fossem resultado de condições sociais, teríamos o exclusivo de valores entre as classes mais favorecidas e, num plano mais vasto, mesmo universal, seriam os países ricos os detentores das «sumidades» humanas... Ora isso não acontece. Tenho mesmo para mim, que o excesso de condições sociais favoráveis é tão prejudicial quanto a sua inexistência.

Como professor, e não terá sido mera coincidência, vi sempre entre os meus alunos com melhor aproveitamento alguns que eram precisamente dos menos favorecidos pela fortuna. Posso até afirmar que os «melhores» aqueles que foram unanimemente considerados pelos próprios colegas como os de capacidade superior, situaram-se sempre (aqui pode ter havido realmente o «dedo do acaso», se este existe em educação...) exactamente entre os mais pobres. Onde estão os colegas de *ofício* que não sejam testemunhas de factos idênticos aos que aponto?!

Como se poderá negar a existência de condições inatas, quando numa mesma família surgem «capacidades» distintas? E isto é tão simples de comprovar, que não vejo necessidade de mais considerações para que fique claro o meu não ao contexto da pergunta.

Evidentemente que o homem é também «produto» do meio em que se desenvolve. Qual semente lançada à terra, ele de-

envolver-se a tanto mais harmonicamente quanto melhores forem as condições postas à sua disposição. A criança da cidade tem algo de diferente da criança do campo: o homem da montanha revela caracteres que só excepcionalmente se vislumbram no homem do litoral. O que acontece porém, é que as tendências inatas, em muito resultantes de fenómenos processados ao longo de gerações, podem ou não encontrar condições favoráveis ao seu total aproveitamento. Ai sim, começa a influência do meio, que vai desde o ventre materno até a morte. É uma longa caminhada com ou sem bordão, dirigida ou não para o «norte»...

Importa, ainda, saber o alcance do conceito «capacidades excepcionais». Fal-se em crianças-prodígios ou simplesmente em crianças com possibilidades acima da média? A história da humanidade demonstra que o maior número de *prodígios* não nasceu necessariamente em berços de renda. Quanto às crianças que revelam capacidade acima da média, então ainda é mais fácil confirmar que as condições sociais não estão na base do seu aparecimento, mas tão-sómente do seu desenvolvimento. É vulgaríssimo ouvir-se perguntar: «Até onde iria fulano (a), se lhe tivessem sido dispensadas as condições básicas essenciais ao seu total desenvolvimento?». Permitam-me insistência: muitas vezes, o conforto e as facilidades exageradas em vez de provocarem e estimularem o desenvolvimento, a acabam por contrariá-lo, na medida em que a actividade não se situa numa linha de esforço, de renúncia e de trabalho. E são exactamente os filhos dos pobres que triunfam em muitas empresas, porque impulsionados por constante desejo de valorização pessoal e não olham a sacrificios quando estes são exigidos pelo fim prosseguido!

2. Em conformidade com a resposta anterior, não acredito que as «capacidades excepcionais» possam tornar-se a regra a grande maioria. Concordo plenamente com os objectivos que possam estar na base do pedido feito pelo ministro da Educação aos professores primários (do qual tomei conhecimento através deste inquérito do «Diário de Lisboa»), pois há que tirar partido dos valores excepcionais que surgem nas nossas escolas, a exemplo do que sucede em todos os países. Posso mesmo recordar que, no recente período da campanha eleitoral com vista à X Legislatura da Assembleia Nacional, levantei esse problema, ao qual o

Cont. na pág. 10

As «capacidades excepcionais»

Cont. da pág. 9

publico se mostrou particularmente sensível.

Em ordem ao aproveitamento das «capacidades excepcionais», pois que se garanta às crianças que as «possuem» os indispensáveis meios para as desenvolverem, exercendo sobre elas uma atenção especial, mais ou menos a exemplo (embora noutra dimensão) do que fez o G. E. P. A. E. na Ferreira Borges, relativamente aos jovens de reduzido ou negativo rendimento escolar. Mas pense-se sobretudo nas «capacidades normais», pois é principalmente destas que o País necessita para ganhar a batalha do progresso e garantir um lugar dignificante no concerto das nações. Democratize-se o ensino, em bases efectivamente democráticas, começando-se pela valorização social das famílias portuguesas. Se o fizermos teremos, como corolário simples, o aproveitamento das nossas capacidades individuais, numa dimensão universalista, do nosso tempo...

Preocupa-me deveras o problema das «capacidades excepcionais», ainda que noutro sentido. Que tem acontecido às que, apesar de tudo, se têm revelado entre nós? Cada vez mais, os nossos valores são solicitados por bolsas de estudo estrangeiras, que aproveitam muito bem. Simplesmente, quantos deles voltam a Portugal? O «recrutamento de cérebros» é modalidade a que se entregam os países ricos, que usam o que de mais valioso têm outros aparentemente embora uma solidariedade humana comovente...

Que tenhamos de suportar a chaga da emigração dos nossos trabalhadores é muito nos fere a sensibilidade «eminentemente portuguesa». Mas que se vá ao ponto de perder o nosso intelecto (permita-se a expressão) é mais do que conflagrador.

E, a concluir, eis-me a consolidar o que antes afirmei: se as «capacidades excepcionais» resultassem «sobretudo» de condições sociais favoráveis não haveria crise de superabundância nas sociedades americanizadas que nos solicitam valores de espírito? E mais: não estaríamos a criar supercivilizações colectivas e despersonalizadas?

Expansão

O Banco Mundial, por intermédio da Associação Internacional de Desenvolvimento (I. D. A.), apoiou o programa de Mahavali Ganga para a expansão da agricultura e da produção de energia eléctrica no Ceilão, com 29 milhões de dólares. Este programa prevê o desenvolvimento progressivo da irrigação de 360 000 hectares e a instalação de uma central com a capacidade de energia eléctrica de 900 000 megavátios.



MARIA ISABEL FORJÓ, mãe de quatro filhos jovens:

«QUE A CRIANÇA SEJA MAIS PROTEGIDA»

Convém definir o que se entende por «capacidade excepcional».

Em meu entender será uma capacidade de nível muito superior à capacidade média dos indivíduos — neste caso crianças — dum dado meio.

Das crianças pertencentes a um meio determinado, em que se admite certa uniformidade de estruturas sociais, algumas revelam uma capacidade superior às outras, num ou em vários domínios.

Dentro deste conceito, «a capacidade excepcional» é um fenómeno individual que não depende do meio em que se manifesta, embora seja aferida pela «capacidade média» que é função desse mesmo meio.

Actualmente, considera-se, e bem, que a educação se apresenta como um investimento realizado em prol do desenvolvimento humano, em paralelo com o que se poderia gastar na produção de uma mercadoria de importância vital.

E, quanto ao indivíduo excepcional?

Não representa, nessa altura, a sua educação mais um valor cultural do que económico?

Não aproveitariam esses indivíduos mais do que outros, unicamente por serem mais inteligentes? Não seriam os outros prejudicados por se lhes prestar menor atenção?

Contudo, se em vez de se atentar apenas no indivíduo, se considerar este em grupos, o factor do «caso excepcional» torna-se praticamente nulo.

A meu ver, há certos princípios que não parecem de desejar, como, por exemplo, a ideia de que num país em desenvolvimento convém formar um escol, enquanto não for possível organizar o ensino de massa.

A economia pode exigir que a educação seja frequentemente fornecida àqueles que se destinam a ocupar altas posições técnicas ou directivas do país, enquanto no plano social mais convém elevar o nível cultural da população onde as «capacidades médias» são a maioria. E o que interessa é saber se a

evolução do complexo educacional se irá transformar de forma a garantir o máximo de êxito ou se virá a efectuar-se quase de improviso, oferecendo resultados nulos quando não desastrosos.

Condições económico-sociais:

Algumas investigações parecem sugerir que o aproveitamento dos indivíduos nas diversas fases da sua educação são determinadas pelo ambiente em que decorre a primeira infância.

Acontece que certas dificuldades graves surgem em crianças pretencentes a meios sociais menos desafiados. Também se verifica nas camadas mais prósperas a existência de crianças inferiorizadas por terem menos assistência.

A mãe pode encontrar-se inibida pelos seus problemas económicos e pelo excesso de trabalho, ou ainda por uma educação deficiente que a impedirá de compreender as vantagens das medidas para uma educação próspera.

A atitude da criança de meio pobre e com pais iletrados deparará com dificuldades na escola primária e sentir-se-á feliz ao abandonar a

Tendo em conta estes factores de primordial importância, proponho que a criança seja mais protegida desde a sua mais tenra idade, não só pela sociedade mas também pelo Governo.

Para tal impõem-se certas medidas: Fomento de habitação social para que para aí transitem crianças que actualmente vivem em barracas e partes de casa.

Protecção à saúde, mediante um programa de educação sanitária apoiado em médicos-pediatras e medicamentos gratuitos.

Educação alimentar:

Tomando por base uma educação de alimentação racional para que a criança se habitue e aprenda a comer em qualidade e não em quantidade, lembrando que garantir uma alimentação devidamente equilibrada representa sempre um compensador investimento de capital de largos dividendos presentes e futuros.

Acesso de todas as crianças desde a mais tenra idade a uma educação inspirada em métodos pedagógicos e sociais imprescindíveis à sua valorização integral. Fomentando o seu gosto estético, desenvolvendo a sua harmonia física e o seu espírito de empreendedor.

Finalmente, sem o auxílio salutar de iniciativas de toda a sociedade apoiadas pelo Governo e sem professores devidamente preparados e remunerados, todo o sistema de educação se arrisca a desabar. Para o evitar, impõe-se uma remodelação total, tanto das estruturas como das mentalidades para que as capacidades médias se equiparem num futuro próximo, à actual definição de «capacidade excepcional».

Boeing 747 — aparecimento prematuro?

Suspeitamos de que o Boeing 747 apareça em cena três ou quatro anos antes do tempo. É um magnífico avião que representa, sob o ponto de vista de conforto, um salto em frente tão importante como o que se verificou quando os jactos mais pequenos entraram em serviço. Mas o conforto dos passageiros não é tudo, se os aeroportos e as linhas aéreas não estiverem realmente prontos.

O secretário de Estado americano para os transportes tem esperança de que o Boeing 747 será uma maneira de «inspirar soluções» para a congestão das rotas aéreas e dos aeroportos. Embora a palavra «obrigar» estivesse mais certa que «inspirar», a verdade é que não se vê muito bem como hão-de agir os aeroportos para receber os 300 passageiros e as 500 peças de bagagem que descenderão do avião. Os técnicos dizem que, a não ser

o aeroporto de Orly em Paris, nenhum dos grandes aeroportos mundiais está preparado para isto, apesar dos esforços quase frenéticos dos administradores dos aeroportos e linhas aéreas. Os aeroportos, onde não há controladores de tráfego e equipamento necessários para garantir os padrões necessários de segurança, sofreram de vistas curtas e de uma política de transportes que, por muito tempo, favoreceu esmagadoramente o automóvel.

As linhas aéreas naturalmente não sofreram de curteza de vistas. O problema é justamente o inverso. O 747, com a sua imensa capacidade de baixo custo de exploração por passageiro, quando cheio, será uma benesse económica para companhias que o conseguirem encher. E esse dia virá, a não ser que se verifique na década de 70 um retrocesso em relação aos anos 60, durante os quais a ansia de

viajar se instalou em todos os corações...

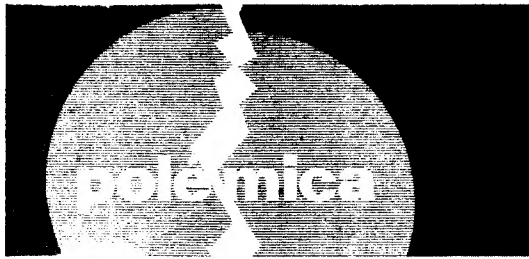
Mas esse dia só chegará lá para 1973. Até lá, os que fazem a travessia marítima do Atlântico e do Pacífico, poderão esperar aviões menos apinhados ou voos menos frequentes ou ambas as coisas, a não ser nas épocas mais críticas do turismo. Será mais divertido para os passageiros, mas os accionistas e administradores não lhe acharão tanta piada.

Seja como for, os 747 já estão e a Panamericana lá terá as suas razões para os ter estreado. Para já, estes aviões demonstram que o transporte aéreo é capaz de levar com todo o conforto e em tempo mínimo centenas de pessoas a locais situados a enormes distâncias. Depois disto o que é necessário é encontrar os meios de transportar todas essas pessoas sem poluir a atmosfera e sem encher o chão com faixas de cimento.



O amortecedor mais barato por km. percorrido

Distribuidores:
SOGERIM · SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.
AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 23-ABC · LISBOA
TEL. 56 0156



O cinema amador

A SECÇÃO DE CINEMA DO ATENEU DE COIMBRA
RESPONDE A ERNESTO GIL DE OLIVEIRA

Ao elaborarmos o trabalho sobre «Cinema amador», publicado na «Mesa-Redonda» de 2 de Janeiro, fizemo-lo com intuítos polémicos. Não para estabelecer polémica pela polémica, mas porque sabíamos ir contra a visão de tal cinema por parte da maioria dos seus cultores e contra as suas formas de divulgação e propaganda.

Não estranhámos nada, portanto, que aparecesse uma pessoa, no caso Ernesto Gil de Oliveira, contrapondo as suas opiniões às nossas, opiniões que coincidem integralmente com uma visão de dentro da engrenagem, de quem realmente se sente chocado por se ter expresso uma opinião independente e pensada

Dinamizar as «boas consciências»

Não foi de ânimo leve que analisámos os caminhos e as perspectivas que o cinema amador tem assumido, tentando interpretar criticamente o seu peso e validade cultural numa sociedade como a nossa, procurando dinamizar as «boas consciências» que possam existir nele e, ao mesmo tempo, pretendendo indicar alguns caminhos que, a nosso ver, perspectivassem o cinema amador no conjunto dos problemas dum cinema nacional. As observações de Ernesto Gil de Oliveira (que tem o cuidado de invocar a sua qualidade de director da secção de cinema de amadores do Grupo Cultural e Desportivo da Companhia Nacional de Navegação) demonstram precisamente o desassossego que pela primeira vez terá sentido sobre a importância cultural do cinema amador português. Todavia, a sua autotransformação de «burguês tranquilo» terá de fornecer-lhe uma visão do mundo oposta à nossa, já que, necessariamente, estamos contra a tranquilidade no sentido da estratificação e do conservadorismo. Vamos, no entanto, abordar os aspectos mais importantes das suas divergências, aproveitando a circunstância de nos termos visto sentados na mesma mesa-redonda.

Conceito de socialização

1. Se não nos sentamos espantados com a inocente (?) suposição de E. G. O. de que *socialização* é «o estudo da vida social» não queremos per-

der a oportunidade de reafirmar o que entendemos por essa expressão. Entendemos por *socialização do cinema amador*: 1) a maneira de o tornar realmente um veículo de esclarecimento do povo, face aos seus problemas, não só falando dele mas educando-o no sentido da compreensão da possibilidade e da necessidade de modificar a realidade; isto só pode conseguir-se 2) levando o cinema junto de amplas camadas, referindo-nos sobretudo, aos meios rurais, mas também às pequenas vilas e cidades onde está por chegar um cinema que humanize consciencializando, que distraia humanizando. Esta é a nossa opinião. Eis, porém, a de Ernesto Gil de Oliveira: «Se por algum lado se deve começar por conseguir introduzir o cinema amador no gosto da população, parece-me que será a família o melhor começo, pelas perspectivas que oferece de melhor poder fazer uma propaganda efectiva junto das restantes camadas de assistentes em potência».

A vaidade dos Festivais

2. Esforça-se o senhor E. G. O. por «demonstrar o cuidado com que foi encarada, desde 1969, a constituição dos juris dos festivais», indicando o nome de algumas individualidades como «elementos de reconhecidos méritos cultural e artístico e condições de apreciação cinematográfica». Embora nos mereçam respeito os nomes citados não vemos, infelizmente em que aspecto a sua inclusão em dois juris possa alterar aquilo que afirmámos em relação à constituição dos juris dos festivais, pois continuamos a pensar que «salvo algumas excepções, a sua formação obedece a critérios que não têm em conta, exclusivamente, a valorização artística dos filmes apresentados». Tal como se têm organizado e com uma profusão inaudita, os festivais têm apenas servido a vaidadezinha dos cineastas amadores. É com vista aos festivais (e aos prémios) que a maior parte produz os seus filmes, sendo de referir aqui as palavras insuspeitas de F. Gonçalves Lavrador, escritas como comentário ao festival de Aveiro de 1967: «O júri da classificação chegou até ao ponto de recomendar às entidades responsáveis pela regulamentação de festivais deste género, a necessi-

dade de se impedir a reiterada das mesmas películas em muitos festivais durante anos sucessivos, pois tal facto contribui poderosamente para o não desenvolvimento do cine-amadorismo, opondo sérios obstáculos a todo o espírito de renovação, ao aparecimento de experiências e tentativas originais, causando, por fim, em última análise uma indesejável estagnação artística (1)».

Mantemos o que foi dito na entrega dos prémios do Festival da Federação (em formação) de 1969, que «os temas do cinema amador não se podem desenvolver no cinema comercial». E se do relatório do júri não consta essa afirmação (com o que nos congratulamos), então ela ficará-se-a devendo ao preâmbulo que imediatamente antecedeu a leitura do referido relatório e da responsabilidade do seu leitor. Uma coisa é certa: tal afirmação foi proferida no palco do Grupo Cultural e Desportivo da C. N. N., em voz alta e clara por pessoa responsável, em situação que provavelmente, isso



Outro plano de «Uma Batida às Raposas»

sim, nos induziu em erro, atribuindo-a ao próprio relatório.

Familiar e restritivo

3. Fala-nos o sr. E. G. O. de algumas sessões realizadas por agrupamentos de amadores para daí retirar o carácter não familiar do cinema amador. Ora nós julgamos que tais sessões (que, evidentemente, não ignorávamos) em nada modificam uma realidade objectiva que é o carácter familiar e restritivo do cinema amador português. Isto porque não assentam em qualquer programa sólido de divulgação cinematográfica e cultural (veja-se o



Uma expressiva imagem do filme «Uma Batida às Raposas», de Júlio Bernardo

que se diz acima sobre este assunto) e ficam a dever-se a actos isolados de propaganda (ainda limitada) dirigida a pessoas que não fazem cinema, mas não visando, precisamente por não existir esse programa, uma educação crítica generalizada. O que se passa é que se mostram os filmes a umas escasas dezenas de pessoas (é a esta «boa assistência» que se refere E. G. O.) sem qualquer interesse pelos problemas do cinema português ou, no melhor dos casos, que pensam o cinema amador como uma artezinha de pantufas, como um passatempo para quem o faz. A ausência de uma qualquer perspectiva cultural mantém-se, embora o sr. E. G. O. pense que por se fazerem algumas sessões para um público mais largo que de costume já se está a realizar uma obra meritória de divulgação e educação cinematográficas.

Cumpra ainda assina-

que, embora com as conhecidas limitações, visa a dignificação do cinema e uma educação aberta a círculos cada vez mais amplos. Não nos referiamos, pois, limpidamente, às sessões fora das sedes dos clubes amadores. É um deslize extremamente significativo dos preconceitos com que o sr. Ernesto Gil de Oliveira veio à boca de cena e que evidencia as limitações de que, infelizmente, padecemos as suas «divergências».

Um cinema de raiz portuguesa

4. Ao finalizarmos esta nota, que não teve outros intuítos senão os de pretender esclarecer certos problemas e clarificar algumas ideias em torno do cinema realizado por amadores, desejamos deixar bem claro que nenhum dos componentes desta secção é amigo pessoal de qualquer dos cineastas amadores e, se alguns valores defendemos, foi com o imprescindível conhecimento de causa

Acerca dos dois primeiros filmes de António Campos, «O Tesouro», que obteve em 1955 o «Trophée de l'Espoir» no Festival de Carcassonne, entre 193 películas representando 42 países e «O Senhor» filme que obteve o «Diploma de Honra» no mesmo festival em 1959 e o 1.º prémio na categoria «enredo» no Concurso Nacional de Filmes de Amadores de 1960, cite-se a afirmação insuspeita que Manuel de Oliveira pronunciou na altura: «Aqui estão dois filmes-tipo, que apontam caminho apropriado à criação de um cinema de raiz portuguesa. Um pé na ficção e na ideia poética de dois contos escolhidos na nossa literatura, outro na realidade do meio ambiente que escolheu para fazer decorrer as histórias (...) António Campos oferece dois sóbrios e genuínos exemplos. «A ponte» e também, já que vem a talhe de foice, que o filme «Almadraça A tu e eu», que tanto interesse nos mereceu, tem uma cópia no Museu do Homem em Paris.

Em relação à «injustiça flagrante» cometida no nosso trabalho pela não citação de nomes de autores dos «mais representativos» no nosso cinema amador, veja-se que dos nomes referidos por E. G.

O., só omitimos o de Vasco Pinto Leite de quem só conhecemos, infelizmente, o filme «A corrente» que reputamos sem interesse, pese o prémio que lhe foi atribuído no último Concurso Nacional de Filmes de Amadores.

A propósito de genialidade

Para terminar algumas palavras, também insuspetas, de F. G. Lavrador, sobre a obra de Vasco Branco: «...na obra cinematográfica de Vasco Branco há um caminho válido, merecedor dos maiores elogios e de estímulos especiais. Este caminho é o da animação, da fantasia e do cinema não figurativo, pois o nível artístico dos seus filmes neste campo encontra-se a uma distância considerável do plano em que se situam as suas obras de enredo. Nestas, as deficiências e obscuridades narrativas, o artificialismo de algumas situações, a falta de uma integração perfeita da forma e do conteúdo e uma interpretação dramática eficaz não deixam que o autor atinja a altura mínima desejável». (2)

5. Ernesto Gil de Oliveira termina dizendo que «a genialidade há-de ser sempre privilégio de uns poucos». Lambremos-lhe o que a propósito disse um grande filósofo do nosso século: não há génios, há homens inteligentes que cometem pequenos erros, poucos, mas que os sabem corrigir a tempo...

6. De tudo o que acima foi afirmado e não pretendendo, de maneira nenhuma, menosprezar nem autores válidos, que sabemos existirem (mesmo antes de ter lido a longa citação dos premiados autores portugueses, posta à nossa disposição por E. G. O.), nem algum trabalho válido que se possa ter feito, *pode concluir-se*, sem querermos impor qualquer espécie de dogmatismo, que lutamos por uma definição de cinema que tenha sempre por objectivo o homem, considerado na sua totalidade.

(1) e (2) — Revista *Vértice*, Coimbra, Dezembro de 1967. Aliás, é com muito prazer que recomendamos a leitura de todo o artigo de F. Gonçalves Lavrador.

* Os subtítulos são da Redacção.

Excitação e violência colectivas

O que se passou há doze dias no campo do Benfica é um caso típico de excitação colectiva conducente a agressão de violência extrema. O árbitro do jogo provocou o descontentamento de uma grande massa de assistentes (dezenas de milhares). E dessa massa, algumas centenas se destacaram, saltando para o relvado, predispostos a fazer justiça por suas mãos, no intuito evidente de praticarem um acto punitivo. Testemunhas oculares afirmam que o juiz de campo (alvo dos «justiceiros») se não conseguisse fugir a tempo, poderia ter sido linchado.

Perturbador é o facto de, no mesmo dia e por motivos idênticos, ter ocorrido incidente semelhante em Leiria. A análise das causas — próximas e remotas — destes incidentes não é tão fácil como parece. Não há elementos estatísticos suficientes, pelo menos por enquanto, que permitam estabelecer com rigor os dados essenciais sobre os indivíduos que parti-

ciparam activamente nos incidentes: idade, estrato social, preparação cultural, profissão, etc. Pelas fotografias obtidas pode apenas saber-se que se trata, na generalidade, de gente nova.

De modo que tudo que se diga terá forçosamente de partir de constantes gerais, estabelecidas pelos especialistas para tais casos. Por isso julgamos do maior interesse incluir aqui algumas páginas da autoria de Jean Stoetzel (1), autoridade indiscutível em problemas de psicologia colectiva. Estas páginas, extraídas do capítulo em que o autor estuda o fenómeno das violências colectivas e dos linchamentos, parece-nos ser da maior oportunidade, para auxiliar à compreensão dos fenómenos em que podem entroncar-se os incidentes ultimamente ocorridos nos campos de futebol. Claro que Stoetzel se refere às características típicas do linchamento propriamente dito.

O LINCHAMENTO NOS E. U. A.

(...) Consideremos os estudos sobre essas violências colectivas, a que se chama linchamentos, tais como foram apresentados, há já uns vinte anos, por Cantril ou Miller e Dollard. Indicaremos três exemplos, colhidos nestes autores. O primeiro, o linchamento de Edgecombe County, é um linchamento «em boa ordem»: uma garota de sete anos, filha de plantadores de tabaco, volta um dia para casa muito chorosa, porque um criado negro, Oliver Moore, a magoou, quando estava a brincar com ela na granja. Os pais concluem que ele quis abusar da miúda. Moore desaparece. É encontrado daí a um mês. Capturam-no e metem-no na prisão. No dia seguinte, uma multidão em ordem obriga a abrir a prisão e leva o prisioneiro. Mais tarde, Oliver será encontrado enforcado na granja e com o corno crivado de balas.

Em Leville, trata-se de um caso de origens obscuras, que tomou proporções gigantescas. Um jornalista negro, vindo, na ausência do ex-patrão, talvez para reclamar uma soma de seis dólares, saldo do seu salário, ou, talvez, por ser amante da mulher do fazendeiro, é surpreendido com esta, pela filha do casal, e, na manhã seguinte, comparece perante o tribunal. A multidão, apinhada em frente do tribunal, reclama o negro, protegido por quatro guardas. Como medida de segurança, o detido é encerrado na casa-forte do tribunal. A multidão deita fogo ao edifício, faz saltar a casa-forte com dinamite, apodera-se do cadáver e começam então as verdadeiras violências. A multidão lança-se sobre o bairro negro, entra nas casas, deita mão aos móveis para fazer uma fogueira e queimar o cadáver, depois pilha as lojas, os escritórios, as casas, incendiaria, expulsa os negros da cidade. Impede-

-se a intervenção dos bombeiros. Só a força armada pôs termo à perturbação da ordem, que continuou a ameaçar a cidade, ainda durante vários dias. É proclamada a lei marcial.

O linchamento de Belfast, finalmente, combina os dois géneros de atrocidades: numa primeira fase, uma multidão de uma centena de homens vem arrancar o inculpação negro à prisão, reconduzindo-o ao local do crime, mutila-o, tortura-o, pendura-o, despendura-o, mata-o e entrega o cadáver a outra multidão, que espera. Esta bate-lhe com os pés, esmaga-o sob as rodas dos carros, espeta-lhe paus pontiagudos no corpo, arrasta-o atrás de um carro, até à capital do condado, pendura-o a uma árvore, e vai-se deitar. Mas, no dia seguinte, dia de mercado, a multidão reúne-se, de novo, um branco bate num negro, que tenta defender-se e foge; então, atacam-se homens, mulheres e crianças de cor, expulsando-os da cidade e batendo-lhes. Também neste caso, só a força armada conseguiu dispersar os manifestantes.

O que nos choca primeiro, depois de refeitos do horror causado por estas descrições (que nós atenuámos muito) é o carácter regular, convencional, quase ritual, das violências. Ainda mais, distinguem-se facilmente dois tipos de linchamento, um, ordenado, «bourboniano», como dizem os especialistas, e que é um linchamento feito por gente rica, que se limita ao «castigo do culpado»; o outro, desordenado, difuso, desferindo os seus ataques ao acaso, que é obra dos pobres. O linchamento é uma instituição, e como tal, tem uma história, muda de carácter, varia de intensidade. Existe toda uma literatura sociológica e histórica sobre o linchamento. Mas poderia demonstrar-se que o mesmo acontece exactamen-

te com todos os tipos de movimentos sociais e de violências colectivas, greves, perturbações da ordem, manifestações diversas. Há que renunciar à ideia de que as violências das multidões são comportamentos improváveis e espontâneos. A conduta afectiva individual tem os seus modelos em cada cultura, é instituída; a conduta afectiva colectiva, também.

de psicologia social. Os linchamentos tendem a produzir-se onde e quando o estatuto dos «pobres brancos» desce de nível. O estatuto é um problema de posição não absoluta, mas relativa. Um princípio social essencial no Sul dos E. U. A. é o de que os negros estão no mais baixo escalão da hierarquia social: aí devem continuar. Ora, há, sobretudo, uma barreira que não deve ser saltada: é a barreira sexual: porque, se os negros têm relações com as mulheres brancas, acederão ao estatuto dos brancos, penetrando nas suas famílias. A proibição sexual não é, portanto, nem moral, nem racial: é social. E o linchamento dos negros por crime sexual deve ser entendido em derradeira análise, como destinado a manter o estatuto superior dos brancos, sobretudo quando este está ameaçado. Generalizando a explicação, se cada tipo de violências colectivas se presta a uma teoria funcionalista, mostrar-se-á como é insuficiente e inexacta a im-

por quaisquer pessoas ao acaso. A unanimidade afirmada por Le Bon é uma ilusão. É certo que a influência das situações de multidão sobre os indivíduos é um facto subjectivamente constatável. Miller e Dollard dizem: «Um dos autores, presente num linchamento, chegou, mesmo, a sentir que o seu interesse, que a sua tendência a deixar-se ir com a multidão, ao menos para ver, começavam a crescer dentro de si de uma maneira mórbida. Sem essa experiência pessoal, teria jurado que só poderia sentir um horror indizível perante um tal espectáculo».

Objectivamente em compensação de todas as vezes que um inquérito pôde trazer um pouco de luz às situações de multidões, constataram-se grandes diferenciações nas atitudes e nos comportamentos, associados a situações sociais determinadas. Em Leville, por exemplo, o inquérito mostrou que deviam distinguir-se três grupos: 1) os que não estavam de acordo com os lincha-

dores, mas nada fizeram para se opor a eles: tratava-se, em geral, do grupo económico superior; 2) os que não participaram, quer os indiferentes, quer os favoráveis; estes indivíduos pertenciam, sobretudo, à classe média; 3) os que tiveram um papel activo.

Cinquenta e oito indivíduos pertencentes ao último grupo, que foram identificados, repartem-se da seguinte maneira:

Desempregados	19
Serventes de pedreiro	13
Cultivadores	8
Operários qualificados	8
Comerciantes	4
Empregados	3
Diversos	3

O cabecilha, Lauk Smith, era um iletrado de quarenta anos, alcoólico, sem profissão certa, que vivia dos ganhos auferidos pela mulher, como lavadeira. Este terceiro grupo era visivelmente constituído por indivíduos economicamente desfavorecidos. (...)

(1) «La Psychologie Sociale», Flammarion.



A análise sociológica poderia ser levada mais longe ainda. As localidades onde se produzem os linchamentos são das mais pobres, os anos mais férteis em linchamentos são aqueles em que o preço do algodão é o mais baixo. Estas correlações com factos económicos devem ser interpretadas segundo uma perspectiva

vocação do sadismo instintivo das multidões.

As violências colectivas são instituições, e não espontâneas; têm um sentido e uma função sociológicos e não resultam de certos impulsos do instinto. Uma terceira característica deve ser assinalada: no seio das multidões, os diversos papéis não são exercidos

Ao comentar os acontecimentos da Luz, dizia o «Comércio do Funchal» no seu último número: «Se, num subitito, milhares de espectadores invadem um terreno de fogo e se dirigem num propósito instintivo de agressão colectiva sobre um só homem — não será isso tremendamente revelador? Não será isso a indicação mais evidente da verdadeira psicose que o espectáculo futebolístico canalizou? Não será isso a prova mais cabal de que o futebol — e o clubismo — passou a ocupar um lugar determinante na vida de tantas pessoas, tornando-as até capazes de gestos quase extremos? Ora, factos como este não são meros e imprevisíveis acidentes, mas, pelo contrário, consequência lógica de todo um conjunto de factores que, a partir das estruturas sociais e desportivas e através dos meios de informação ditos «de desporto» (na realidade apenas ao serviço do espectáculo futebolístico e seus bastidores) fundamentam a alienação — agressão que exercida sobre largas massas de público as vai tornar, por sua vez, potencialmente agressivas.»



MESA REDONDA